



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA
MESTRADO EM SOCIOLOGIA

SARAH DE BARROS SALUM

**EMPODERADAS OU ROMÂNTICAS? UM ESTUDO SOBRE AS EMOÇÕES DAS
MULHERES QUE *HACKEAM* O *WHATSAPP* DOS PARCEIROS**

CUIABÁ
2022

SARAH DE BARROS SALUM

**EMPODERADAS OU ROMÂNTICAS? UM ESTUDO SOBRE AS EMOÇÕES DAS
MULHERES QUE *HACKEAM* O *WHATSAPP* DOS PARCEIROS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Ciências Humanas e Sociais (ICHS) da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT) para obtenção do título de Mestra em Sociologia sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Silvana Maria Bitencourt.

CUIABÁ
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Fonte.

S181e SALUM, SARAH.

EMPODERADAS OU ROMÂNTICAS? : UM ESTUDO
SOBRE AS EMOÇÕES DAS MULHERES QUE HACKEAM
O WHATSAPP DOS PARCEIROS / SARAH SALUM. -- 2022
111 f. : il. color. ; 30 cm.

Orientadora: Silvana Maria Bitencourt.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato
Grosso, Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Programa de
Pós-Graduação em Sociologia, Cuiabá, 2022.

Inclui bibliografia.

1. feminismo. 2. hackeamento de whatsapp. 3. amor. 4.
Relacionamento afetivo. I. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Permitida a reprodução parcial ou total, desde que citada a fonte.



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

FOLHA DE APROVAÇÃO

TÍTULO: "EMPODERADAS E ROMÂNTICAS? UM ESTUDO SOBRE AS EMOÇÕES DAS MULHERES QUE HACKEIAM O WHATSAPP DO PARCEIRO."

AUTOR (A): MESTRANDO (A) SARAH DE BARROS SALUM

Dissertação defendida e aprovada em 26 de abril de 2022.

COMPOSIÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

1. Doutor(a) Silvana Maria Bitencourt (Presidente Banca / Orientador) (Presidente Banca / Orientador)

INSTITUIÇÃO: UFMT

2. Doutor(a) Luís Antonio Bitante Fernandes (Examinador Interno)

INSTITUIÇÃO: UFMT

3. Doutor(a) Jesús Roberto Sánchez Reina (Examinador Externo)

INSTITUIÇÃO: University Pompeu Fabra

Cuiabá, 26 de abril de 2022.



Documento assinado eletronicamente por **SILVANA MARIA BITENCOURT, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 26/04/2022, às 18:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jesus Roberto Sanchez Reina, Usuário Externo**, em 26/04/2022, às 18:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **LUIS ANTONIO BITANTE FERNANDES, Docente da Universidade Federal de Mato Grosso**, em 29/04/2022, às 15:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **SARAH DE BARROS SALUM, Usuário Externo**, em 06/06/2022, às 15:32, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufmt.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4633307** e o código CRC **5E585847**.

AGRADECIMENTOS

Estes agradecimentos são uma pequena homenagem e sentimento de gratidão por todos que contribuíram para minha jornada no curso de Mestrado em Sociologia da UFMT.

Primeiramente, quero agradecer a minha orientadora Prof.^a Dra. Silvana Maria Bitencourt, pois, sem sua precisa orientação e conhecimento, meu caminhar acadêmico seria impossível, assim estendo essa gratidão por ter momentos que foi além de seu papel de orientadora e, com apreço, compreendeu toda minha luta e as emoções de viver uma vida acadêmica, principalmente quando se é mulher.

Agradeço a minha mãe Genice, que, por muitos momentos, foi a chave-mestra para a continuidade e força dos meus estudos.

Aos meus professores do Programa da Pós-Graduação em Sociologia, meu muito obrigada pelo compartilhamento de conhecimento científico.

À Coordenação do Programa de Pós-Graduação, em especial, à secretária Francisca Gomes e ao coordenador prof. Dr. Telmo Antonio Dinelli Estevinho, que sempre me atenderam prontamente diante dos meus pedidos solicitados.

Aos meus colegas, obrigado pelas trocas de experiência, pelo conhecimento adquirido através de cada estudo que fizemos e pelos estudos a vocês direcionados.

Estendo meus agradecimentos a dois profissionais que foram de suma importância para concretização do Mestrado, Dr. João Francisco Campos, psiquiatra, e Dra. Hannyelle Rocha, psicóloga, que, em meio à pandemia vivenciada e à pressão sofrida na profissão de professora ao novo modelo de aulas, ocasionando questões emocionais, se fizeram muito presente com seus conhecimentos profissionais para que eu continuasse a minha carreira de professora e foram grandes incentivadores dos meus estudos.

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Obrigada pela bolsa de estudos recebida durante a minha pesquisa.

Por fim, agradeço à Universidade Federal de Mato Grosso, por ser uma instituição de ensino referência no nosso estado, com profissionais qualificados/as e capacitados/as para agregar valores e ensino aos acadêmicos.

RESUMO

A romantização do amor como lugar do feminino, naturalizam práticas que contribuem para a objetificação das mulheres, como a vigilância de parceiros pelo receio ou “medo” de perda do amor ou da solidão. O objetivo da pesquisa é compreender como as mulheres se posicionam em suas relações afetivas. Para tanto, analisou-se um grupo de WhatsApp formado somente por mulheres que hackeavam seus parceiros. Nesse sentido, traz as motivações que levam mulheres a hackear o whatsapp e como esta ação pode representar uma reflexão sobre o ser ‘mulher’ nas relações afetivas. A metodologia utilizada foi revisão bibliográfica nos estudos de gênero, feministas e sociologia do corpo e das emoções e a aplicação de 44 questionários administrados e 10 entrevistas semidiretivas, via WhatsApp, considerando as recomendações da Organização Mundial de Saúde, devido ao período da pandemia da covid-19. Na pesquisa, foi feita uma análise histórica e sociológica sobre as mulheres, buscando elucidar como estas foram subjugadas para servir um sistema patriarcal, sexista, racista e capitalista, sendo que a dominação de seus corpos, sentimentos e emoções também foi forjada de acordo com a lógica desse sistema. Destaca também os movimentos feministas e seu papel social para libertação das mulheres na sociedade patriarcal, racista e capitalista, dialogando como as vertentes do feminismo agregaram as especificidades da mulheridade. Analisa como o discurso da educação machista e patriarcal que são reproduzidas por mulheres ainda condiciona uma romantização sobre o “ser mulher” através da mídia e do padrão de beleza, pois, embora o discurso feminista incorporado por elas parta do ideal de um empoderamento feminino, estas ainda reproduzem a condição de mulher condicionada ao casamento e à maternidade. A pesquisa aponta que o ideal do amor romântico e o modelo patriarcal – conceito apresentado a seguir- de família ainda se apresentam significativamente reproduzido, sendo que o empoderamento feminino é entendido por elas de modo equivocado.

Palavras-chave: Empoderamento. *Hackeamento*. Mulheres. Emoções.

RESUMEN

El objetivo de la investigación es comprender cómo se posicionan las mujeres en sus relaciones activas, para ello se analizó un grupo de Whatsapp formado únicamente por mujeres que hackearon a sus parejas. En ese sentido, buscamos comprender cómo esta acción puede representar una reflexión sobre el ser 'mujer' en las relaciones afectivas. La metodología utilizada incluyó una revisión bibliográfica en estudios de género, feministas y sociología del cuerpo y las emociones, aplicación de 44 cuestionarios administrados y 10 entrevistas semidirectivas vía WhatsApp, considerando las recomendaciones de la Organización Mundial de la Salud, debido a la época de la Pandemia de covid -19. En la investigación se hizo un análisis histórico y sociológico sobre las mujeres, buscando dilucidar cómo las mujeres fueron sometidas al servicio de un sistema patriarcal, sexista, racista y capitalista, y también se fraguó la dominación de sus cuerpos, sentimientos y emociones según la lógica de ese sistema. También destaca los movimientos feministas y su papel social para la liberación de la mujer en la sociedad patriarcal, racista y capitalista, dialoga con las corrientes del feminismo, que suman las especificidades de la feminidad. Se analiza cómo el discurso de la educación sexista y patriarcal aún condiciona una romantización sobre el “ser mujer”, a través de los medios, del estándar de belleza, si bien el discurso feminista incorporado por ellos parte del ideal de empoderamiento femenino, aún reproducen el condición de mujer condicionada al matrimonio ya la maternidad. La investigación apunta que el ideal del amor romántico y el modelo de familia patriarcal todavía se reproduce significativamente, y el empoderamiento femenino es mal entendido por estas mujeres.

Palabras-clave: Empoderamiento. Hackear. Mujeres. Emociones.

ABSTRACT

The objective of the research is to understand how women position themselves in their active relationships, for that, a WhatsApp group formed only by women who hacked their partners was analyzed. In this sense, we sought to understand how this action can represent a reflection on being a 'woman' in affective relationships. The methodology used included a bibliographic review in studies of gender, feminists and sociology of the body and emotions, application of 44 administered questionnaires and 10 semi-directive interviews via WhatsApp, considering the recommendations of the World Health Organization, due to the period of the covid-19 pandemic. In the research, a historical and sociological analysis was made about women, seeking to elucidate how women were subjugated to serve a patriarchal, sexist, racist and capitalist system, and the domination of their bodies, feelings and emotions were also forged according to the logic of that system. It also highlights feminist movements and their social role for women's liberation in patriarchal, racist and capitalist society, dialogues with the strands of feminism, which added the specificities of womanhood. It analyzes how the discourse of sexist and patriarchal education still conditions a romanticization about "being a woman", through the media, of the standard of beauty, although the feminist discourse incorporated by them starts from the ideal of female empowerment, they still reproduce the condition of woman conditioned to marriage and motherhood. The research points out that the ideal of romantic love and the patriarchal family model is still significantly reproduced, and female empowerment is misunderstood by these women.

Keywords: Empowerment. Hacking. Women. Emotions.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Roteiro elaborado para entrevista de múltipla escolha	108
Quadro 2 – Roteiro elaborado para entrevista semidirecionada	108
Quadro 3 – Roteiro de complementação após a primeira coleta de dados	108
Quadro 4 – Roteiro complementar com entrevista semiestruturada	109

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – A idade seria um fator determinado para <i>hackeamento</i>?	81
Figura 2 – A profissão está ligada à insegurança para <i>hackear/clonar</i>?	81
Figura 3 – O nível de escolaridade dessas mulheres representa suas emoções?	82
Figura 4 – Haveria uma dependência financeira de seus parceiros para que elas, mesmo <i>hackeando</i>, permaneçam com seus parceiros?	83
Figura 5 – Como a etnia/ raça se apresenta no campo afetivo dessas mulheres e como este reflete sua imagem?	83
Figura 6 – Há uma influência religiosa nos relacionamentos afetivos dessas mulheres?	84
Figura 7 – Como o status de relacionamento pode afetar segurança ou gerar inseguranças nessas mulheres?	85
Figura 8 – Quanto mais tempo de relacionamento mais segura essas mulheres são?	85
Figura 9 – Qual a influência da mídia nas relações afetivas?	86
Figura 10 – O que te levou a pensar que deveria <i>hackear/clonar</i>?	87
Figura 11 – Qual grau de confiabilidade da mulher para pedir ajuda para <i>hackear</i>?	87
Figura 12 – Qual a maior descoberta que essas mulheres fazem?	88
Figura 13 – Empoderadas ou românticas?	89
Figura 14 – Como parceiro reage diante de uma clonagem?	89
Figura 15 – Qual grau de violência esses parceiros podem ter diante da descoberta do <i>hackeamento/clonagem</i>?	90
Figura 16 – Como e qual influências essas mulheres têm dos movimentos feministas?	91
Figura 17 – Qual o nível de traição suportado?	91
Figura 18 – Românticas?	92

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
CAPÍTULO 1 – AS MULHERES DIANTE DAS MARCAS DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO	22
1.1 Breve história sobre as mulheres no Ocidente	22
1.2 Dos estudos feministas para uma Sociologia feminista	28
1.3 Mulher construída por meio do ideal de Amor Romântico	38
1.4 Mulher objetivada	45
CAPÍTULO 2 – O AMOR NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO	54
2.1 Amor: entre o social e o emocional	54
2.2 Amor à brasileira ou Amor brasileiro	60
2.3 Internet, Rede Sociais e Amor	62
2.4 Redes Sociais e as emoções	66
2.5 Me ama? Me assume nas redes sociais	67
CAPÍTULO 3 – WHATSAPP: DE FERRAMENTA DE ENTRETENIMENTO À SEMENTINHA DA DISCÓRDIA	74
3.1 Whatsapp: a porta da descoberta!!	74
3.2 As Hackeadoras de Parceiros	78
3.3 Resultados da pesquisa	80
3.3.1 Entrevistas Semidirecionadas	92
3.4 Das discussões	95
CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
REFERÊNCIAS	100
ANEXO I	107
ANEXO II	110
ANEXO III	111

INTRODUÇÃO

Atualmente, as redes sociais e os aplicativos de mensagens se tornaram instrumentos de grande interesse para as relações afetivas das pessoas, podendo ser utilizadas de diversas formas, desde conhecer parceiros, até mesmo o monitoramento deles. Assim, esta dissertação traz uma análise dentre tantas sobre a utilização do uso de *hackeamento* do *WhatsApp* para investigar seus parceiros afetivos. Contudo, este trabalho tratará exclusivamente com mulheres que recorreram ao *hackeamento* para vigiar seus parceiros. A curiosidade que me fez interessar por este tema partiu da seguinte reflexão: quais as motivações que levariam as mulheres a fazer isso, se estaria ligado à construção social do gênero feminino, do ser mulher no contexto ocidental?

Desde a época da graduação em História, já me incomodava saber que os grandes fatos históricos eram descritos por homens, logo, estes receberam as autorias, excluindo e ignorando a participação fundamental que as mulheres tiveram na história, pois é fato que estas estiveram presentes tanto na esfera privada, quanto pública. Um exemplo expressivo disso é o número de mulheres que trabalharam durante a Revolução Industrial em situações insalubres e desumanas, ganhando ínfimos salários para sobreviver com seus filhos, contribuindo para o desenvolvimento do sistema capitalista. Nesse sentido, segundo aponta, Hooks (2020) os estudos feministas e de gênero têm contribuído para questionar as desigualdades entre homens e mulheres que ainda persistem em nossa sociedade em pleno século XXI.

Analisando que as mulheres são retratadas de maneira dualista em diferentes momentos históricos, há ocasiões que são vistas como seres de grande relevância social, há exemplos da história grega das mulheres celtas, Blach (2018); em outros momentos, são subjugadas como seres serviçais aos homens, para procriação, como no período imperial da história grega.

Todavia, o que mais se repete é a fala que as mulheres sempre estão à margem da sociedade, se colocando como simples gestora da vida, meretrizes ou serviçais dos homens. Assim, busco refletir como as mulheres foram descritas pelos homens brancos, ocidentais, sendo que até hoje presenciamos os discursos e comportamentos tradicionais e machistas, através dos quais as mulheres são representadas de modo marginal. Diante dessa invisibilidade da mulher na História, Guacira Lopes Louro (1997) salienta:

Tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tiveram como consequências a sua ampla invisibilidade como sujeito — inclusive como sujeito da Ciência (LOURO, 1997, p. 17).

Pretendo com esta pesquisa relatar que, mesmo que as mulheres tenham acesso aos conhecimentos, suas emoções e reconhecimento perante a sociedade ainda são limitados, pois ainda precisam corresponder ao padrão patriarcal, ou seja, casar e reproduzir. Partindo desta perspectiva, a realidade das mulheres na contemporaneidade traz uma linha tênue entre o habitus de socialização feminina ocidental patriarcal pautado no casamento e na maternidade, portanto, no ideal de família burguesa e nas prerrogativas dos movimentos feministas (especialmente na ideia de empoderamento feminino). Nesse sentido, a pesquisa traz como a dicotomia se apresenta nas relações afetivas dessas mulheres, que *hackeiam* o *WhatsApp*, Tal fato está presente quando as mulheres, ao mesmo tempo em que evocam a liberdade sexual, conquistada por anos de luta dos movimentos feministas, como o voto, o anticoncepcional, direitos trabalhistas e outros, também idealizam relacionamentos afetivos de modo que apresentam um ideal fantasioso romântico de fidelidade, amor e cortejos.

Logo, o recorte da pesquisa centra-se em como o *hackeamento* de parceiros descreve essa realidade das mulheres por se tratar das relações afetivas e, diante das emoções, percebemos como a educação tradicional destinada a elas e como o fragmentos do pensamento feminista, embora que ainda equivocado, apresentam-se ainda latentes, fomentando, assim, conflitos em seus sentimentos e emoções.

Dito isso, há uma contradição entre a ideia da libertação das mulheres e as “algemas patriarcais” denunciadas pelo pensamento feminista. No que tange às relações afetivas, temos o amor que, embora seja uma construção social, cabendo inúmeras definições, tornou-se um sentimento quase necessário para as vidas das mulheres, uma cobrança que a sociedade insiste em determinar que cabem exclusivamente a elas, ou seja, estavam destinadas ao cuidado, à manutenção e à preservação da família.

Diante dessa cobrança de ter/viver um relacionamento afetivo-sexual, pretendo analisar como ocorrem as influências da mídia e da tecnologia na vida das mulheres (muitos/as acreditam que elas sejam as grandes usuárias de mídia e da *internet*, até mesmo participando de grupo no *WhatsApp* exclusivo para mulheres), além disso, como elas relatam suas experiências sobre seus relacionamentos amorosos nesses grupos de *WhatsApp*.

O fato necessário é ressaltar por que este objeto se tornou de meu interesse e como está seria de relevância para os estudos de sociologia. Como mulher negra, solteira, vivenciando a realidade atual das mulheres e atuante nas redes sociais, confesso que sou até adicta, observei em grupos de *Facebook* e *WhatsApp* o quanto o relacionamento afetivo é importante para as mulheres. Constantemente lia que muitas mulheres buscavam parceiros e aquelas que já tinham gostaria de saber sobre a lealdade e a fidelidade deles para com elas. Logo, o tema trazia

reflexões calorosas entre elas, pois sempre traziam inúmeras mulheres que relatavam suas inseguranças diante de seus parceiros. Assim, tive a pretensão de buscar em outras fontes uma explicação feminista e sociológica para o fenômeno, pois notei que, mesmo que muitas mulheres tivessem sua independência financeira, a afetividade era uma ausência notável.

Quando escolhi o tema do meu projeto de mestrado, recordo que muitos/as me questionavam de onde surgiu essa ideia de pesquisar mulheres que *hackearam WhatsApp* do parceiro e o porquê da decisão de estudar um assunto tão delicado, uma vez que este causaria uma controvérsia, pois traria questões legais e emocionais, e se eu realmente teria colaboradoras para minha pesquisa. Uma das perguntas que mais ouvi era se eu já havia *hackeado*.

Primeiramente, sobre a pergunta se já tinha *hackeado* o *WhatsApp* de algum parceiro, a resposta era/é não, mas explicava que tal tema tinha vindo de uma influência de um relacionamento que tive *hackeou* meu aparelho celular. Então, fiquei curiosa em saber o que leva alguém fazer isso. Eu, particularmente, nunca pensei em *hackear* meus parceiros e foi justamente por esta razão que tentei entender por quais razões as diversas mulheres recorreram ao *hackeamento* do *WhatsApp* dos seus parceiros, considerando que, nos grupos dos quais eu participava, percebi que muitas mulheres decidiam por tal prática.

O segundo motivo desta escolha, como já falei anteriormente, sou adicta de rede social, portanto, fico horas e horas no *Facebook*, *Instagram* e outras mídias sociais. E foi justamente esse vício que me fez entrar em grupos de *Facebook* compostos por diversas mulheres, aliás o grupo só aceita mulher. Percebi que elas, ali, relatam suas intimidades e falam sobre traição masculina e *hackeamento*. Então, compreendi que o tema era interessante, pois agregava uma série de assuntos que têm sido estudados por teóricas dos estudos de gênero e feministas, bem como pela Sociologia das emoções a partir dos anos de 1970.

Dessa forma, através da minha experiência nestes grupos de *WhatsApp*, observei como as relações afetivo-sexuais das mulheres heterossexuais colocam em contradição as ideias libertárias do pensamento feminista contemporâneo, pautadas no empoderamento das mulheres, pois o ideal de amor romântico ainda sobrevive nos ideais de relacionamento para algumas dessas mulheres.

A questão que versa sobre o significado de uma infidelidade/ traição e traição é construída a partir da formação do pensamento cristão que forjou a sociedade ocidental, amplamente dissipado pelo sistema capitalista, que compreende como tudo que está fora de um aspecto moral, relacionamentos extraconjugais, práticas lascívias fora do casamento/namoro, formação de segunda família, filiação não reconhecida e, evidentemente, mentiras.

Paz (1994), em *A dupla chama amor e erotismo*, relata que esse conceito de traição era algo que não existia nos casamentos no início da construção de amor cortês e ainda descreve que as mulheres nesse período tinham uma liberdade em suas relações e relacionamentos extraconjugais eram normatizados.

Porém, Del Priore (2006), na *História do amor no Brasil*, retrata que, nos lineares do século XVIII, a traição era julgada pela Igreja Católica. Contudo, havia uma análise diferente de quem a praticava. Caso o homem fosse o traidor da relação, havia condição financeira dele levada em conta, enquanto sobre a mulher nada disso importava.

Neste estudo, investigamos um grupo de *WhatsApp* formado somente por mulheres, em que relatam diversos temas de seus cotidianos, dando grande ênfase ao tema das relações amorosas que elas vivenciam com seus parceiros atuais.

Sobre as queixas levadas ao grupo sobre os relacionamentos afetivos, a maior parte delas está na desconfiança de uma possível traição do parceiro. E, neste momento, noto que o uso da tecnologia se faz presente e necessária para essas mulheres: o primeiro seria pelo compartilhamento das emoções e dos sentimentos, que elas fazem no grupo sobre seus relacionamentos; e, o segundo, através de uma solidariedade feminina, ultrapassando até os limites da lei, mas com intuito de resolução de suas dúvidas afetivas em relação ao parceiro, sendo o *hackeamento* de *WhatsApp* o assunto mais discutido e decidido por elas para saber sobre a vida de seu parceiro afetivo.

Desse modo, verifiquei que este grupo tem solidariedade feminina, vi também as mulheres se desdobrarem em argumentos prós e contra o *hackeamento*, levantando diversos discursos que reproduzem a vivência e todo o papel da mulher na sociedade, dialogando sobre a sua construção, despontando como fonte de estudo sociológico. Além disso, havia o entendimento de empoderamento feminino e amor romântico.

Vale ressaltar que é de conhecimento moral e jurídico que o *hackeamento* é uma prática que viola a intimidade e privacidade das pessoas, cuja criação se deu por criminosos para obtenção de proveitos financeiros, como furto de dados, trotes para obtenção de transferência financeira de contatos da vítima para compra em nome dos *hackeados*, chantagens de variadas formas e objetivos que nem sempre geravam recursos monetários ou bens. Trata-se de um crime mais comum no ano de 2019, conforme noticiário de autoria do jornalista Felipe Souza, correspondente de São Paulo da *BBC News Brasil*¹.

¹ Para mais informações ver: **Veja quais são os golpes mais comuns no Whatsapp e como se proteger.** Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50294962> . Acesso em: 18 nov. 2020.

Em 2016, vimos que o *hackeamento* também foi usado para fins políticos e partidários, mais especificamente o grampeamento, que é uma forma de *hackeamento*, porém, é feito por intervenção telefônica, na qual a pessoa que foi interdita não tem conhecimento do fato, tendo, portanto, sua vida privada invadida, também sendo um fato criminoso repellido pela lei brasileira (REVISTA CONSULTOR JURÍDICO, 2019)².

Contudo, excluí essa parte da ilicitude da prática do *hackeamento*, com os entendimentos legais, penais e multas advindas deste fato, mas busquei entender o que e como se tornou uma ferramenta para que as mulheres pudessem monitorar o grau de fidelidade e o comportamento dos parceiros quando estes estão longe ou apenas apresentam uma conduta diferente do “normal”, porém, que serve como desconfiança sobre o parceiro e sua relação afetiva.

Para ampliar o conhecimento acerca da influência da tecnologia no comportamento feminino, pesquisei, em redes sociais, aplicativos, *blogs* e *sites* de relacionamentos, as mulheres que buscaram respostas para conseguir entender seus sentimentos e como agir diante de uma relação afetiva que coloca em dúvida suas emoções e o comportamento do parceiro.

Para me decidir pela metodologia, ou seja, os caminhos trilhados para chegar aos objetivos deste estudo, parti da compreensão da atividade de pesquisa como um processo no qual a pesquisadora expõe “uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente”, uma vez que realiza uma atividade de aproximações sucessivas da realidade, sendo que esta apresenta “uma carga histórica” e, por sua vez, reflete posições frente à realidade (MINAYO, 2002, p. 23).

Portanto, o processo de pesquisa se constitui em uma atividade científica básica que, mediante a indagação e a (re)construção da realidade, alimenta a atividade de ensino e a atualiza frente à realidade. Nesse sentido, os métodos e as técnicas de coleta e tratamento dos dados adquirem grande importância.

Em relação ao *locus* da pesquisa, estas foram feitas de maneira exclusiva via virtual; através de questionário de múltiplas escolhas e semidirecionado, as mulheres responderam perguntas que foram estabelecidas a partir das hipóteses e objetivos da pesquisa.

No que tange ao tamanho da amostra, este é referente ao grupo de *WhatsApp* que, na época da pesquisa, 2019 e 2020, contava com 176 mulheres, todavia, as mulheres que aceitaram responder à questão de múltipla escolha foram 44, e as semidirecionadas, 10 mulheres.

² Para mais informações, ver: **“Lava-jato” fez pesquisa interna e concluiu que Moro foi parcial com Lula.** Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2019-nov-24/lava-jato-fez-pesquisa-concluiu-moro-foi-parcial-lula>. Acesso em: 18 nov. 2020.

Sobre o instrumento das coletas de dados, Gil (2008) relata que a entrevista é bastante utilizada nas ciências sociais e apresenta vantagens, como: possibilita a obtenção de maior número de respostas, posto que é mais fácil deixar de responder a um questionário do que negar-se a ser entrevistado; oferece maior flexibilidade, uma vez que a entrevistadora pode esclarecer o significado das perguntas e adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista, e possibilita captar a expressão escrita do entrevistado, pois, dessa forma, compreendemos o grau de instrução e até mesmo suas emoções.

Desse modo, Gil (2010) destaca que a entrevista semiestruturada também permite que o entrevistador retome a questão original ao perceber desvios, ao passo que o entrevistado tem a liberdade de falar abertamente sobre o assunto elencado. Sendo assim, foram elaborados dois roteiros.

Miskolci (2021) aponta que, embora a mídia social não seja um campo ainda não muito explorado pelas ciências sociais, é inegável perceber a importância dela para compreender as relações sociais na contemporaneidade. Nesse sentido, estudar o *hackeamento* de parceiro vem ao encontro de novos pontos de partida, pois traz juntamente uma fonte reflexiva sobre a história das mulheres, as relações de gênero, sexualidades e como o uso de rede social pode influenciar as relações sociais.

Para elencar os dados e resultados da pesquisa, usei a etnografia virtual (PADILHA; FACIOLI, 2018) por se tratar de um novo campo que representa a realidade da vida das pessoas em comunidade de aplicativo, podendo, assim, servir de estudo teórico-metodológico para apresentar a influência da *web* na produção de conhecimento das ciências sociais. Dessa forma, foram pesquisados em *blogs*, *sites* e redes sociais todos os conteúdos, assuntos e notícias que servissem como subsídio para compreender as subjetividades das mulheres no tocante aos seus relacionamentos afetivo-sexuais, buscando compreender como elas utilizavam o recurso de vigiar seus parceiros a fim de conferir se eles estavam sendo fiéis em seus relacionamentos.

Logo, a construção do trabalho consistiu-se em uma revisão bibliográfica por meio de literatura (FEDERICI, 2019a, 2019b; ILLOUZ, 2011; BERTH, 2019; BAUMAN, 2004; GIDDENS, 1993, entre outras) sobre as seguintes temáticas: história das mulheres no Ocidente, movimentos feministas, estudos de gênero, sociologia das emoções e estudos sobre o uso das redes sociais na contemporaneidade. Para a realização da coleta de dados, elegeu-se uma amostra de dez (10) mulheres pertencentes a um (01) grupo de mulheres, de modo que se iniciou a construção do histórico do grupo e, posteriormente, realizaram-se as entrevistas semiestruturadas com as mulheres, além de questões abertas direcionadas a atingir o objetivo geral e os objetivos específicos já pontuados anteriormente, também se buscou traçar um perfil

sobre classe social, raça, faixa etária, grau de instrução, número de filhos, estado civil e religião dessas mulheres. Para análise das entrevistas, utilizou-se a técnica de análise de conteúdo desenvolvida por Bardin (1977).

Para análise dos dados coletados, também parti para leituras do feminismo negro, de autoras como: Bell Hooks (2019), Leila Gonzalez (2020) e Sueli Carneiro (2019).

Diante dos dados e conteúdo da pesquisa, procuro dar uma explicação sobre as motivações que têm feito mulheres de um grupo de *WhatsApp* e do *Facebook* utilizarem o *hackeamento* para monitoramento dos parceiros. Como ponto de partida, da investigação sociológica, coloquei como hipótese para sustentar minha análise: se o ato praticado por mulheres se tratava de um ideal de empoderamento feminino ou da ideia de amor romântico.

A sustentação para a hipótese foi, ao observar diversas conversas entre as mulheres sobre *hackeamento*, percebi que elas têm uma compreensão equivocada sobre o que é empoderamento feminino.

Sendo que a ideia de amor romântico se deu porque, implicitamente, essas mulheres idealizam suas relações afetivas por meio de um ideal de amor romântico; mesmo que elas sejam marcadas por traições e abusos, esse padrão tende a prevalecer.

Desse modo, como cheguei nesses grupos de *Facebook* e, em especial ao grupo de *WhatsApp* das mulheres? Enfim, como já mencionei anteriormente, sou usuária de rede social, passo muitas horas na rede, lendo as conversas, fotos etc. Assim, lembro que, quando entrei em um grupo de *Facebook*, que nomeei de “Universo feminino”³, esse grupo é privado e composto só de mulheres. A mulher, para participar dele, deve ser indicada por outro membro e ser adicionada por outra como membra ou enviando *link* com o endereço da página.

Este grupo fala sobre tudo, desde assuntos sobre galáxias até sobre o que você jantou. O grupo conta com mais de 100 mil meninas do Brasil inteiro; a administradora, é bem atuante no grupo, sempre está controlando as conversas, exigindo que as regras sejam sempre cumpridas, pois, caso contrário, a pessoa é banida do grupo, não podendo voltar nunca mais.

Em relação à regra, a principal que é permitido somente a presença de mulheres, além disso, espera-se que as fotos de perfis sejam verdadeiras, ou seja, sem desenho, ilustração; não é permitido ofensa entre as mulheres, xingamentos; intolerância religiosa; *bullying*; xenofobia e outro ato de cunho preconceituoso, e é permitido postagem de vídeo pornográficos, mas somente em horários marcados, que seria depois 22h, sendo retirado de manhã. Essa última regra é porque muitas mulheres têm filhos que usam o celular da mãe, podendo ver conteúdos

³ O nome do grupo Universo Feminino é fictício a fim de preservar as identidades das colaboradoras e do grupo de mulheres que colaboraram para esta pesquisa.

não apropriados a crianças. Os vídeos de cunho sexual também têm suas regras, não podem ter pedofilia e zoofilia.

Nesse grupo, é permitido que se coloque vários *links* de grupos *WhatsApp* de mulheres, seja de venda, espiritualistas/religiosos e amizades. Eu entrei em vários, permaneci em muitos, mas quase não permanecia por muito tempo, saía em seguida para entrar em outros que tinham seus *links* compartilhados. E, entre tantos que entrei e saí, este acabou se tornando meu objeto, no qual mais tempo permaneci, aliás, permaneço.

Entre as administradoras do grupo, tem uma que é mais ativa, que sempre levanta pautas e assuntos de modo geral, e, dentre eles, ela estava questionando o feminismo; foi quando entrei na conversa e tivemos uma discussão calorosa, outras membras do grupo apareceram e logicamente foram a favor da administradora. Porém, permaneci no grupo, porque, mesmo tendo uma discussão, eu não descumpri a regra, assim como o grupo do *Facebook*, não ofendi e não ataquei ninguém do grupo.

Estou nesse grupo desde meados de 2018; na época, o grupo de *WhatsApp* permitia até 100 pessoas no grupo, hoje são 256 pessoas, quase totalmente meninas. Contudo, como as mulheres mais ativas do grupo chamam, eram espiãs.

E, como também regra do grupo, quem não tinha participação ativa era excluída, não importando explicações. Algumas dessas mulheres pediam para voltar e se comunicavam conosco, outras iam até as administradoras para xingar pela exclusão. Sempre que isso acontecia, suspeitavam que eram homens, que também não eram permitidos no grupo, nem crianças com menos de 18 anos, somente se fosse casada.

Nesse sentido, sendo uma participante do grupo, percebi que, quando o *hackeamento* era mencionado, tinha grande participação de mulheres para apoiar ou para impedir que as mulheres fizessem.

Especificando como foi realizada a pesquisa, optei por fazê-la on-line, através do *google forms*, o questionário tem como questões fechadas de múltiplas escolhas e outras cinco para descrever suas emoções e experiências durante o *hackeamento*.

Dessa forma, a pesquisa de campo feita com as colaboradoras do grupo de *WhatsApp* consolidou em via virtual, porque, como citado anteriormente, são de diversas partes do Brasil e, no decorrer de meus estudos, fomos acometidos por uma pandemia, o que impossibilitava o contato pessoal com elas pela dificuldade do traslado. Ademais, os correios foram sobrecarregados de postagens, prorrogando o envio do questionário para participantes.

Logo, em consonância com as medidas de segurança emitidas pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que determinava o distanciamento e o isolamento social, sendo uma

doença que tinha sua forma de contágio desconhecida, altamente infecciosa e com muitos óbitos já constados no mundo inteiro, esta foi a melhor forma de realização da pesquisa.

Após ter colhido os dados empíricos, realizei outra coleta de dados, baseada nas primeiras impressões que tive com a primeira coleta de dados a fim de detalhar sobre os pontos que queria trabalhar na dissertação depois da qualificação do projeto.

Desse modo, a presente dissertação foi dividida em três capítulos. No primeiro capítulo, discuto sobre a construção histórica das mulheres na sociedade ocidental, sobre as influências da religião cristã no Ocidente e como este fato contribuiu para que as mulheres fossem representadas enquanto seres dependentes dos homens. Além disso, destaco como o cristianismo dominou a mentalidade social da época, uma vez que as mulheres foram marcadas pelo estigma de “pecadora”. Nesse sentido, apresento como o cristianismo, iniciado pelo catolicismo, disciplinou as mulheres para agir aquém de suas liberdades e soberania como um ser social, vivendo sempre à margem da sociedade como o “outro”, ou seja, “o segundo sexo”, como salientou Beauvoir (1949). No mesmo capítulo, discuto a idealização do amor e o papel das emoções a partir das múltiplas ideias de amor que subsistem na sociedade. Apresento como as mulheres ainda reproduzem alguns sentimentos e emoções que foram atribuídos a elas na instituição familiar e nas relações afetivas (BENTO, 2015). O capítulo também elucida o uso de tecnologia como um componente importante nas relações afetivas contemporâneas (PELÚCIO, 2017), sendo uma resposta de suas aflições do mundo moderno e das novas regras dos comportamentos interpessoais dos sujeitos. Além disso, trarei a descrição do evento do início de um amor cortês, como ele molda as relações do casamento, e o papel da mulher no matrimônio, segundo os apontamentos de Paz (1994) e Del Priore (2006), acerca da construção do amor no Brasil e as regras estabelecidas para o matrimônio. Por fim, analiso como as redes sociais servem de suporte para os sujeitos se sentirem participantes da vida social, para expressar seus sentimentos e para buscar a realização de seus desejos e respostas às suas emoções.

No segundo capítulo, trago a conceituação de amor, como este sentimento foi construído e passou a ser importante para os humanos. Ademais, de acordo com as relações sociais e econômicas do período moderno da sociedade, o amor passou a ter inúmeras formas e significados, tornando-se uma busca incessante para conseguir vivê-lo, mas trazendo conflitos e aflições entre os casais pelo entendimento que cada ser pode ter do que é amor. O capítulo também traz um histórico sobre a invenção da *internet*, qual seu objetivo primário para a sociedade e como se apresenta, sendo atualmente uma ferramenta que foi muito além de seu

surgimento, capaz de dominar e controlar a vida das pessoas, atingindo o ápice das emoções humanas e determinando padrões e condutas entre os sujeitos (CASTELLS, 1999).

Aborda ainda as redes sociais como medidas de aceitação e aprovação para os sujeitos enquanto meio de comunicação da *internet* mais usado. Estabeleço também como a rede social está intrinsecamente associada às emoções das mulheres que a utilizam para socializar suas angústias afetivas e buscar respostas para seus anseios por meio de todos os recursos que a mídia pode oferecer, para um processo de sedução ou para fins de se socializar com outras mulheres em um sentimento de solidariedade feminina. Elas têm uma dor que é expressa somente pelas mulheres, ao passo que homens, devido à sua construção de masculinidade, foram “obrigados” a ocultar tal sentimento (BENTO, 2015) para serem dominadores, assim, expressar a angústia de ser traído passa a ser incompatível com sua “essência” masculina. Desdobro, então, neste segundo capítulo, como a rede social está a serviço das emoções das mulheres e como este recurso passou a ser mecanismo de sedução e vigilância para que mulheres e homens recorressem à busca de afetividade e à concretização do amor. Dessa forma, procuramos investigar como *Facebook* e o *Instagram* são usados para mercado de conquista e para *stalkear*⁴ seus parceiros, sendo os vilões e os heróis dos relacionamentos modernos na era tecnológica. E, por meio dessa celeuma, como o aplicativo de conversa *WhatsApp* tornou-se uma ferramenta para *hackear* o parceiro, instrumentalizando homens e mulheres para investigar a sua relação afetiva, descrevendo como a tecnologia é capaz de traçar novos comportamentos e reger padrões das relações sociais, até mesmo naturalizando a sua prática e compondo uma base para análise científica de romantização ou empoderamento das mulheres, confirmando a trajetória da mulher na sociedade e uso de tecnologia.

O terceiro capítulo traz os dados coletados por meio de questionários e entrevistas sobre o *hackeamento* feito pelas mulheres, apontando como o grupo de *WhatsApp* tem uma função na vida social e afetiva delas, contudo, elas ainda tendem a reproduzir certos padrões tradicionais de feminilidade, pautados no modelo patriarcal de família burguesa, e apresentam ideias equivocadas sobre empoderamento feminino, reduzindo a possibilidade de construção de uma irmandade entre as mulheres a partir de uma proposta efetiva de empoderamento feminino e da coalizão de diversos tipos de feminilidades existentes no contexto social brasileiro.

⁴*Stalkear*, palavra inglesa que a portuguesa significa perseguir consiste em espionar alguém nas redes sociais para buscar informações de seu cotidiano a fim de assediar, intimidar uma pessoa. Recentemente, a Lei nº 14.132, de março de 2021, foi sancionada enquadrando o ato no Código Penal como crime.

CAPÍTULO 1 – AS MULHERES DIANTE DAS MARCAS DAS DESIGUALDADES DE GÊNERO

Este capítulo aborda a construção do ser mulher na história Ocidental, trazendo um breve relato sobre o papel da religião cristã na vida da mulher. E apresenta como os primeiros movimentos feministas emergiram por meio das operárias por entender que essas mulheres estiveram ocupando as fábricas como força de trabalho, buscando seus direitos sociais enquanto sujeitos. O capítulo também destaca as fases dos movimentos feministas e as interseccionalidades. E aborda ainda como o conceito de gênero serviu como forma de ressignificar os sujeitos independentemente do sexo biológico, sendo o discurso biológico ainda um fator determinante para sustentar as diferenças entre homens e mulheres e como deveriam exercer seus papéis sociais, dividindo hierarquicamente suas posições (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

1.1 Breve história sobre as mulheres no Ocidente

Reconstruir a história das mulheres é relevante para os estudos feministas, uma vez que estas não estiveram presentes nas narrativas da História Ocidental. Pode-se constatar, diante da história de algumas instituições sociais, como a política, a ciência e o mercado de trabalho, que as mulheres foram excluídas destas instituições, sendo que, quando apareciam nestas narrativas, eram entendidas como meramente coadjuvantes (SMITH, 2003).

Neste novo modelo de restauração de repreensão à mulher dado pela igreja, estava a política sexual, que consideramos uma punição às mulheres por terem almejado uma liberdade, pois estava presente a objetificação da figura feminina, que antes não era tão visível socialmente. O anonimato da mulher na História tem sua origem nos discursos naturalistas, tendo como base as crenças religiosas cristãs – o cristianismo, até hoje, é a religião dominante. Dessa forma, os homens tiveram suas representações sociais e foram culturalmente valorizados como os deuses, heróis e guerreiros, sendo eles os grandes personagens da História.

Na alta Idade Média, o papel da mulher era representado por meio da figura de progenitora e dona do lar, a identificação única para a mulher tinha influência dos estudos

teológicos, com o surgimento da Filosofia Cristã⁵, que pautou toda a construção da mulher na culpa do pecado original a Eva, e a Virgem Maria é tida como exemplo de recato e santidade.

Por meio dessas duas figuras bíblicas e antagônicas, foi construída a dicotomia presente na representação da mulher, sendo a primeira, Eva, que reprimiu todas as outras por ser retratada como desobediente e causadora da queda do paraíso, pois viveu os prazeres mundanos e carnavais, enquanto a Virgem Maria foi a obediente, serena, dócil, submissa, paciente, consagrada e sagrada, pois aceitou sua missão terrena de ser mãe.

Rago, apresenta de forma em seu estudo como a figura da mulher é composta de segregação, classificando como pecadora ou santa.

Identificada à religiosa ou mesmo considerada como santa, à imagem de Maria, a mãe será totalmente dessexualizada e purificada, ainda mais que, ao contrário, a mulher sensual, pecadora, e principalmente a prostituta, será associada à figura do mal, do pecado e de Eva, razão da perdição do homem. Assim, serão contrapostas no discurso burguês duas figuras femininas polarizadas, mas complementares: a santa assexuada mas mãe, que deu origem ao homem salvador da humanidade, que padece no paraíso do lar e esquece-se abnegadamente dos prazeres da vida mundana, e a pecadora diabólica, que atrai para as seduções infernais do submundo os jovens e maridos insatisfeitos. (RAGO, 1985, p. 82)

Assim, a religião cristã descrevia qual tipo de mulher a ser seguida; a mulher que almejava uma posição social convencional para ser respeitada deveria se casar e ter filhos. Maria foi uma figura feminina que mereceu uma percepção detalhada de sua representação, visto que foi o maior símbolo que as mulheres cristãs incorporaram sobre a força do sistema patriarcal⁶ na sociedade ocidental, berço do cristianismo (BADINTER, 1985). Dessa forma, a representação sobre Maria tem um caráter disciplinador e seria a salvação do pecado, caracterizado por uma normativa a partir da visibilidade patriarcal, o que a destina como uma resposta contrária de Eva, que, por sua vez, pela sua “desobediência”, foi a causadora do pecado original.

A representação social da mulher, pautada na dicotomia mulher “do bem” = virgem Maria e “mulher do mal” = Eva, foi decisiva para determinar os padrões referentes à mulher, de modo que seu comportamento e sua imagem na sociedade apresentaram grande força disciplinadora. Caso uma mulher desviasse de seu caminho “certo e honroso”, em palavras da época, “se perdesse”, tendo como base o discurso da religião cristã, era tratada como a

⁵ É o conjunto de ideias filosóficas iniciadas pelos seguidores de Jesus Cristo do século II aos dias de hoje, que surgiu com o intuito de unir ciência e fé, partindo de explicações racionais naturais, tendo o auxílio da revelação cristã (AQUINO, 2008).

⁶ Definição apresentada na p. 35.

“vergonha da família”. Assim, muitas eram expulsas de casa, vivendo na prostituição ou mendigando nas ruas, conseqüentemente, todas as outras descendentes da família recebiam esse estigma⁷ de não ser mulher para casamento (SILVEIRA, 2017). Sobre esta representação do feminino na Idade Média, André Silva (2014) pontua que

consiste de heranças que retratam inferioridade e submissão, desde os discursos proferidos pelos filósofos da Antiguidade Clássica, visto que as mulheres se encontravam à beira da sociedade e sua contribuição era apenas de auxiliar aos homens, cuidar dos filhos e da família. Na Idade Média, a instituição católica apenas oficializou essas teorias, com o objetivo de estabelecer o seu poder na sociedade, principalmente sobre o feminino (SILVA, 2014, p. 12).

É fundamental destacar que, embora a história das mulheres seja mais analisada pela perspectiva feminista, denunciando os relatos misóginos feitos pelos historiadores, tratando as mulheres como seres objetivados, pecadores, Silvia Federici (2019a) descreve como foi toda essa trajetória da representação da mulher na Europa Ocidental, que teve, sim, um papel fundamental para a sociedade. Ela relata como seus conhecimentos e seu trabalho reprodutivo foram lentamente sendo apropriados pelos homens e pelo capitalismo.

Assim, a construção do ser mulher foi adaptada para interesses do sistema vigente, de modo que a supressão de apropriação feminina coloca-a como um objeto, determinando quais as funções que deviam desempenhar na sociedade, sendo apoiada pelo disciplinamento da Lei Canônica (FEDERICI, 2019a, p. 53). Sobre isso, Federici (2019a) salienta que, através dessa imposição que restringia a mulher aos cuidados com a casa e os filhos, classificando a divisão do trabalho por critério de sexo, fez surgir a cooperação feminina, que, por vezes, lutava contra o poder patriarcal e as violências dele decorrente, sofridas pelas mulheres.

Observamos que, neste contexto pregado pela Igreja sobre o papel da mulher, esta já se destacava no que se referia ao âmbito afetivo, político e tinha uma relevância para formação social. Na verdade, pode-se até dizer que a mulher era a ferramenta base, todavia, a necessidade de controle das mulheres sufocava sua autonomia, colocando-a como mera serviçal para o sistema vigente da época.

Mesmo que as normas patriarcais vigorassem com intuito de colocar as mulheres à margem da sociedade, a importância delas e suas participações, mesmo que mínimas, dentro de seus próprios lares ou nas comunidades já se destacavam no contexto afetivo, político ou social,

⁷Estigma – conceito elaborado por Erving Goffman que se refere a um momento quando um sujeito não é qualificado para sua autonomia de aceitação social ou que desvaloriza sua condição autônoma na sociedade. Trata-se de uma predestinação conceitual sobre um indivíduo, excluindo dele a capacidade intelectual e emocional para compor a sociedade. Para mais informações, ver Goffman (1981, p. 118).

pois seu trabalho era necessário para as lutas que serviram de base à mudança do sistema econômico-político na época.

Evidentemente o poder eclesiástico iniciaria a luta para dizimar tudo que afastaria seu controle, defendendo que se tratava de heresia, um mal que deveria ser totalmente combatido, utilizando quaisquer recursos e medidas para destruí-las e retornar o poder de domínio da igreja, que estava sendo ameaçado. As primeiras medidas foram a caça à liberdade da mulher, reforçando o discurso de pecadora, influência maligna na sociedade pela sua capacidade de ter forte influência na vida masculina e por reconhecer que obtinham desejo sexual sobre o homem para tentar impedir o exorcismo, que era uma prática da igreja em relação às mulheres (FEDERICI, 2019a).

Na Idade Moderna, ainda com a influência eclesiástica, mas com aparato do ordenamento estatal, as mulheres eram constantemente estupradas e, mesmo que as autoridades políticas tivessem conhecimento do fato, não havia uma pena imputada aos estupradores, que eram falsamente repreendidos por meras admoestações verbais (FEDERICI, 2019a). O abuso cometido contra as mulheres marcou sua moral na sociedade, de modo que se tornavam um indivíduo sem qualquer respeito ou amparo à violência sofrida e, quando este fato ocorria, dificilmente eram recolocadas no “*status quo*” da sociedade, tendo como forma de sobrevivência a prostituição.

Outro ponto digno de ser comentado é a força de trabalho feminino com a transição para o sistema capitalista, período em que a mulher é claramente vista como um bem comum, servindo para atender a nova divisão social do trabalho e para saciar os ímpetos masculinos, dando-lhes definitivamente a apropriação dos seus corpos. Assim, a mulher torna-se um objeto que está à mercê dos empregadores e homens (FEDERICI, 2019a).

Federici (2019a) concebe, neste momento, a construção de representação da mulher, formando a sua tipicidade, que deveria estar de acordo com os preceitos dos homens quanto à vestimenta, ao porte e à moral, logo, sua apresentação não é entendida como algo natural da mulher ou de cada mulher. Agora é concebida como uma imposição masculina, sofrendo todas as mulheres uma naturalização social. Era, definitivamente, a última tentativa de caça às bruxas para dar lugar a uma mulher que fosse esposa ideal.

As obras de artes no período Renascentista contribuíram para essa formulação da mulher ideal e para a sua classificação moral diante da sociedade. Ao trazer a história da mulher no Brasil, no marco da Idade Moderna, veremos que as concepções de sua degradação foram também fortemente reproduzidas com identidade conservadora e disciplinadora. De acordo com Rago (1985, p. 62),

frágil e soberana, abnegada e vigilante, um novo modelo normativo de mulher, elaborado desde meados do século XIX, prega novas formas de comportamento e de etiqueta; inicialmente, às moças das famílias mais abastadas e, paliativamente, às classes trabalhadoras, exaltando as virtudes burguesas da laboridade, da castidade e de esforço.

As mulheres, porém, exerciam imagens diferenciadas no tocante aos seus papéis sociais de acordo com espaço social que ocupavam, pertinente com sua representatividade e direito diferentes conforme o poder aquisitivo e a família a que pertencia socialmente. Às mulheres ricas, cabiam a preparação e educação para casamento, e os cuidados estéticos eram uma preocupação; já para as menos abastadas, não desfrutando das mesmas condições, seus papéis eram direcionados para profissões de secretária, telefonistas, deixando as vaidades estéticas, o ensino superior e até mesmo o sonho de formar uma família (RAGO, 1985).

A respeito da sexualidade das mulheres, a castidade valia para todas, de modo que uma mulher de família deveria prezar pelo comportamento “honesto”⁸, não devia se entregar aos desejos sexuais e a virgindade deveria ser majoritariamente valorizada, sendo um valor atribuído como sinal de honra à mulher e à família.

Margareth Rago (1985) descreve que a mulher que “se perdeu na vida”, “que saiu de casa” era vista como impura, tendo sua libido repreendida, o que a autora denomina *sexualidade sequestrada*. Este fato remonta ao mesmo cenário já comentado por Federici (2019a), apontando sobre as mulheres que foram estupradas ou enganadas por homens e assim perderam sua “honra”, não podendo ter um casamento com homem “digno” e com *status*, sendo renegadas pela família, restando-lhe, para sua sobrevivência, a prostituição.

Na sociedade capitalista, os médicos, por meio de laudos científicos, diagnosticavam que as mulheres possuíam uma fragilidade sexual e física e, para sua própria proteção e cuidados, elas necessitariam de presença masculina, comparando mulheres adultas a crianças imaturas (RAGO, 1985).

Em 1789, com a Revolução Francesa, colapsou todo um ideal de sociedade tradicional, elitista e racista, pois, com o fim do absolutismo, vislumbra-se uma sociedade igualitária e justa. Embora estes fossem os discursos defendidos para a Revolução Francesa, Hunt (2009) relata quais as motivações para a revolução e as medidas para Declaração Universal dos Direitos do

⁸ Termo utilizado no livro V de Dom Afonso IV, durante o regimento das Ordens Filipinas para formação do Reino Brasil em 1534, o qual uso neste momento para demonstrar o quanto as categorizações da postura da Mulher eram vistas na sociedade, abrangendo todo o mundo. Disponível em: <https://www.proceedings.blucher.com.br/article-details/representaes-sobre-a-honra-e-a-sexualidade-feminina-no-livro-v-das-ordenaes-filipinas-o-estatuto-juridico-da-mulher-no-direito-portugus-do-perodo-colonial-23680>. Acesso em: 14 abr. 2020.

Homem e do Cidadão⁹ (1791), que, em lei, conceituava uma equidade entre os cidadãos, mas, na realidade, continha as mesmas exclusões para determinados tipos de sujeitos, de forma mais acentuada para as mulheres.

Segundo Perrot (2017, p. 186), “essa exclusão das mulheres pouco condiz com a Declaração dos Direitos do Homem, que proclama a igualdade entre todos os indivíduos”. Já na Revolução Industrial, em primeira fase – 1850 –, as mulheres dividiam com os homens o trabalho nas fábricas, fazendo os mesmos serviços que seriam caracterizados como trabalho de homem. Mesmo que apresentassem habilidades e conseguissem realizar a dupla jornada, trabalho produtivo e reprodutivo, no mercado, eram excluídas das decisões do movimento para obterem melhores condições de trabalho, ademais, em grande parte do mercado, ganhavam salários inferiores aos homens, mesmo ocupando a mesma função. Fato este que até hoje, em pleno 2022, persiste. Atualmente temos a realidade de diferença salarial entre homens e mulheres, a exclusão da mulher pela gestação de filho e a cobrança da responsabilidade de cuidados dos filhos exclusivos à mãe quando estes estão doentes, ocasionando um possível prejuízo ao trabalho. Portanto, não havia possibilidades de as mulheres ocuparem posições de destaque, assim como de liderança no sindicato. Conforme Rago,

o movimento operário, por sua vez, liderado por homens, embora a classe operária do começo do século fosse constituída em grande parte por mulheres e crianças, atuou no sentido de fortalecer a intenção disciplinadora de deslocamento da mulher da esfera pública do trabalho e da vida social para o espaço privado do lar, ao reproduzir a exigência burguesa de que a mulher operária correspondesse ao novo ideal feminino da mãe, vigilante do lar (RAGO, 1985, p. 63).

Por vezes, os movimentos operários convocavam as mulheres para participar das lutas por melhores condições de trabalho, porém, essa participação era no papel de submissão aos líderes masculinos, colocando-as meramente como ‘agitadoras’ e participantes para almejar direitos que seriam exclusivamente desfrutados pelos homens. Assim, embora fossem (re)conhecidas como sujeitos participantes para pressionar as reformas a favor dos movimentos operários, ainda eram suprimidas em outros discursos para colocá-las em seu papel de ‘origem’: no lar.

A prelação sobre anulação da mulher do poder de fala pelos representantes do sindicato, *a priori*, parece um cuidado referente à fragilidade biológica do corpo feminino em relação ao homem, dando a sensação de uma proteção diante de assédio, importunação sexual, e até

⁹ Durante a Revolução Francesa, em 1789, o Rei Luís XIV assinou a liberdade política e de pensamento, fruto da queda da Bastilha, iniciada pelo 3º estado para igualdade social entre os estamentos na época do Absolutismo.

estupro decorrente das relações do trabalho, e tais ‘proteções’ eram escopo para integridade física e moral da mulher.

Para Rago (1985), a partir dessas justificativas postas sobre os corpos das mulheres, estabelece-se obrigatoriamente o poder patriarcal, subentendido como:

[...] uma relação pedagógica, paternalista, de subordinação da mulher frente ao homem, exatamente como interior do espaço doméstico. O pai, o marido, o líder devem ser obedecidos e respeitados pelas mulheres, incapazes de assumirem a direção de suas vidas individuais ou enquanto grupo social oprimido (RAGO, 1985, p. 68).

Contraditoriamente, a aversão às mulheres nas fábricas fazia com que elas ocupassem cada vez mais a função de operárias, até mesmo porque muitas delas eram as chefes de família pelo abandono do parceiro, pela sua morte ou por terem membros do sexo masculino adoentados, sem condições de ir à labuta. Portanto, a mulher operária, chefe de família, detinha uma visão diferenciada nas relações de trabalho, afinal, tratava-se de um direito legítimo que fossem ouvidas como trabalhadoras, e não meramente nas condições de companheiras, esposas e filhas, fazendo parte da luta trabalhista.

A resistência das mulheres na luta por melhores condições de trabalho e as denúncias das violências vividas no ambiente de trabalho foram artigos de jornais e cartas na imprensa da época, dando oportunamente voz a quem estava calado (RAGO, 1985).

Michelle Perrot (2017) relata o grande poder das mulheres, aliás, a autora o confirma como sendo de uma potência civilizadora de seus papéis, capaz de revelar sua força e habilidade feminina. Mesmo que tenha sido excluída sua participação nas narrativas das maiores revoluções que a humanidade já viveu, participaram de fatos que impulsionaram as mudanças da compreensão do papel das mulheres na sociedade.

1.2 Dos estudos feministas para uma Sociologia feminista

Dentre as teorias que a sociologia subsidia para estabelecer análise e fundamento das mudanças e adaptações das relações sociais, o surgimento da teoria feminista apresenta um aspecto objetivo do que se pretende buscar, pois até os dias de hoje as mulheres precisam lidar com as consequências de terem sido submetidas ao sistema patriarcal.

De acordo com Scavone (2007), os estudos feministas tratam de uma sociologia que desponta para a comunicabilidade para outras áreas de conhecimento, tais como as ciências

exatas e biológicas, possibilitando a inclusão da abordagem do gênero nas análises teóricas sociais. Assim, a expressão gênero passa a ser um aliado para a desconstrução de um ideal de feminino que foi normatizado pela sociedade patriarcal. A primeira utilização do termo gênero foi usada pelas feministas americanas como “uma rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de sexo ou diferença sexual” (SCOTT, 1990, p. 72). Portanto, gênero é uma “categoria social imposta sobre um corpo sexuado”, e o “uso da palavra [...] enfatiza todo um sistema de relações que pode incluir o sexo, mas que não está diretamente determinado pelo sexo nem determina a sexualidade” (SCOTT, 1990, p. 75-76).

Dessa forma, o uso do termo para a teoria feminista traz um elemento importante para a libertação das mulheres das tradicionais construções teológicas – cristã, machista e patriarcal, pois a ‘obrigatoriedade’ da representação da mulher e todas as composições a elas atribuídas não são mais aceitas por simples característica de sexo.

Para Connel e Pearse (2015), as discussões sobre gênero na sociedade significam as diferenças culturais entre homens e mulheres, que se definem como diferenças sociais ou psicológicas, correspondendo a essa divisão, sendo construídas sobre ela ou causadas por ela. Então, o feminismo é um pensamento que se pautou questionando a exclusão, a discriminação e a submissão das mulheres na sociedade patriarcal. Nesse sentido, este pensamento visa, além das mudanças políticas, mudanças nas consciências das pessoas e a transformação nas relações sociais, pois uma das pautas do movimento versa sobre a produção de conhecimento das mulheres.

Dessa maneira, busca-se corrigir as desigualdades de gênero, vivenciadas pelas mulheres a partir de instituições sociais (mercado de trabalho, universidade, ciência, tecnologia, política etc.), que historicamente estiveram alheias à participação feminina¹⁰. Além disso, o movimento feminino¹¹ contribui para amplitude de metodologia e debates para formação de conhecimento intelectual, pois inclui as percepções das mulheres em setores que eram exclusivos de homens, como mercado de trabalho, educação e saúde, só para citar exemplos mais latentes que, com a visibilidade da voz das mulheres, trazem o entendimento mais amplo da igualdade de todos/as, agregando mais pessoas.

¹⁰O pensamento feminista é transformado em movimento através de uma política educacional e disciplinadora da sociedade, que promoveu diversas ações transformadas em Direito à Educação, Direito ao Voto, Uso de Anticoncepcional e leis que protegem a mulher, como a que pune o feminicídio – Lei n° 13.104/2015, a violência doméstica – Lei n° 13.894/2019, dentre outras. Para mais informações, ver Lins *et al.* (2016).

¹¹Através dos movimentos feministas, alguns debates sobre sexualidade, exploração sexual infantil, pedofilia e trabalho infantil foram elencados a fim de esclarecer como o sistema patriarcal suprimiu sujeitos a quem classificava como sem detentor de direitos e garantias legais. Para saber mais, ver: <https://emails.estadao.com.br/blogs/bruna-ribeiro/a-relacao-entre-feminismo-e-protecao-da-infancia-e-juventude/> Acesso em: 18 nov. 2020.

É importante ressaltar as fases do movimento feminista e suas influências aqui no Brasil. Nota-se que, o nascimento do feminismo, tem um caráter racial e elitista, fato este que não traduz o que feminismo brasileiro, contudo, observa historicamente e atualmente, eles são reproduzidos e, desta forma provoca uma separação de suas vertentes e interesses.

A primeira fase do feminismo – das sufragistas – inicia-se no século XIX e abrange até meados do século XX, período em que as mulheres reivindicaram o direito ao voto e uma maior participação na vida política na sociedade. Vale ressaltar que este primeiro movimento era composto de mulheres brancas, excluindo as de outras raças/etnias. Segundo Bell Hooks (2019, p. 17), era possível haver uma congregação da “mulheridade”, pois, mesmo com o movimento feminista das sufragistas, o racismo e o sexismo estavam presentes nas mulheres negras e condicionaram-nas à “desvalorização da mulher e considerar a raça como único rótulo relevante a identificação”. Assim, as mulheres negras não lutavam, nem eram defendidas no contexto do surgimento dos primeiros movimentos feministas, conforme explica a autora:

Enfatizaram especificamente o aspecto “feminino” de seu ser, que fez com que seu destino fosse diferente do de homens negros, um fato que se evidenciou quando os homens brancos aceitaram dar aos homens negros o direito de voto enquanto deixaram todas as mulheres sem direito (HOOKS, 2019, p. 20).

A segunda fase, *sisterhood is powerful* (ou a irmandade entre mulheres é poderosa), iniciada em 1960, perdurando até 1980, fez o movimento intensificar sua política, além de reafirmar o direito da mulher na vida política, abrangendo a discussão à figura da mulher e sua condição oprimida em face da sociedade patriarcal, buscando a igualdade plena em direitos políticos, sociais e culturais.

Em relação à consciência da condição feminina, Simone Beauvoir, em *Segundo Sexo*, afirma que a identidade feminina não é determinada pelo sexo, pelo biológico, e, sim, por um conjunto elaborado que qualifica a mulher e, em seguida, a castra em todos os sentidos. É por esta razão que as mulheres, ao se conscientizarem de suas condições e dos lugares que elas ocupam na sociedade, conseguirão reconstruir suas trajetórias na história e garantir seus direitos humanitários na sociedade, onde suas vozes e seus corpos sejam respeitados.

A terceira fase – *punk*, interseccionalidade e pós-modernidade – inicia-se a partir dos anos de 1990, agregando ares mais intensos à luta pela igualdade, de modo que suas premissas versam sobre questões referentes às sexualidades e ao empoderamento feminino.

Os movimentos feministas foram transformando-se e englobando outras categorias e direitos das mulheres ao longo do tempo, dando origem às vertentes sobre o feminismo e sua causa na sociedade, portanto, não se deve falar sobre feminismo, e, sim, sobre os feminismos,

visto que o movimento agrega todas as mulheres na sociedade. Dessa forma, a seguir, vamos explicar os mais diversos tipos de feminismo que aconteceram ao longo de nossa história: o liberal, o marxista-social, o feminista negro e o ecofeminismo.

Atualmente, se fala de um feminismo liberal, conhecido como igualitário ou universal, surge nos escritos de Mary Wollstonecraft com a obra *Uma reivindicação pelos direitos da mulher* (1792), mas sua maior expoente é a feminista brasileira e bióloga Bertha Luz, que lutou para que as mulheres conquistassem o direito ao voto (GANDHI, 2018).

As “*libfem*”, feministas liberais, remontam aos ideais econômicos do liberalismo, que versam sobre a representatividade das mulheres e defendem que a opressão das mulheres é fruto do sistema capitalista. Na década de 1990, irá agregar seguidoras para fortalecer o movimento. A pauta desta corrente foi determinada a partir da liberdade das mulheres, ou seja, proclama-se as mulheres livres em todas as suas escolhas. Em outras palavras, o feminismo liberal não problematiza o fato da mulher se dedicar aos cuidados exclusivos do lar (GANDHI, 2018), todavia, parte de uma política de “individualismo” da mulher, ou seja, não tem como buscar uma ‘coletividade e liberdade’ feminina, pois compreende que cada mulher é livre para sua escola, mesmo que mantenha as antigas representações femininas.

No feminismo marxista e social, iniciado durante a metade do século XX e que aborda a economia como um fator para apropriação da mulher, segundo a historiadora da teoria feminista Silvia Federici (2019b), traça a mulher como fruto da opressão da própria mulher, sendo afirmada para a atualidade diante de uma questão econômica e social. E, como tal, ela serve para criar filhos e servir homens, pontos já mencionados. Desta vertente, surgiram outros feminismos da mesma percepção a saber, a mulher vista a partir dos meios econômicos e sociais, como o anarcofeminismo.

O feminismo negro, tendo como suas maiores expoentes internacionais Angela Davis e Bell Hooks, surge na década de 1970, recebendo mais popularidade no século XXI. Essa vertente também dispõe sobre a representatividade das mulheres no mercado de trabalho, na família e na cultura, contudo, seu enfoque é a representação das mulheres negras na sociedade, pois, além do patriarcado, há o racismo, que discrimina as mulheres negras. Como alguns direitos já eram dados como conquistados pelas brancas, estas não aderiram ao movimento.

No Brasil, as mulheres não brancas, em geral, são silenciadas, considerando a herança escravocrata desta sociedade e os estereótipos sexuais vinculados às mulheres de cor, contudo, a invisibilidade das mulheres negras tem sido discutida por autoras como Sueli Carneiro (2019) e Lélia Gonzalez (2020), que falam da realidade das mulheres não brancas, que estão em condições muito distantes da realidade da mulher negra americana. A argentina Maria Lugones

(2020) fala da colonialidade do sistema gênero/colonial e como a categoria mulher, entendida de forma universal a partir do ideal de feminilidade branca e burguesa, excluiu todas as outras mulheres (latinas, migrantes, indígenas, negras, pardas etc.), subalternizando-as na exclusão de seus corpos e emoções.

O movimento feminista negro tem como princípio a desmistificação de três fatores: da mulher afrodescendente em ocupar funções subalternas, do padrão de beleza europeu e do estereótipo da sexualidade criado desde os tempos coloniais, quando atuavam como serventes dos prazeres sexuais dos “sinhozinhos”. Ainda presenciamos a sexualização das mulheres negras, que, por vezes, ainda são excluídas dentro de alguns movimentos. O feminismo negro também sofre uma barreira dentro dos movimentos feministas no Brasil, pois parte das feministas e dos simpatizantes dá maior visibilidade ao feminismo que tem características burguesas, ou seja, mulheres não brancas e as de classes mais abastadas.

E aqui deve-se abrir um ponto de suma importância para discussão do tema e objeto que versa essa dissertação. Devido às influências da feminilidade branca e burguesa em todo lugar que foi colonizado, no religioso, cultural, social, temos como parte dessa referência, no tange à representatividade, direitos e garantias para todas as mulheres, o que tende a excluir todas aquelas que não fazem parte deste padrão, logo, a grande maioria.

Sabe-se que os primeiros direitos e lutas das mulheres surgiram e foram garantidos por mulheres brancas, que, por sua vez, não reconheceram às mulheres não brancas o mesmo direito. Tal condição é resultado do racismo existente nas sociedades pautadas na modernidade eurocêntrica, cristã e capitalista.

Gonzalez (2020), em sua obra *Por um feminismo afro-latino-americano*, descreve como as mulheres foram invisibilizadas; além de sua condição de gênero, sua raça também era um fator determinante para sua colocação de inferioridade perante a sociedade patriarcal capitalista.

Mesmo sob um discurso que no Brasil não tem racismo, já que todos são iguais perante a lei, Gonzalez retrata como foram as condições que remeteram ao mito de democracia e àquele discurso que “graças a Lei Áurea nosso país é um grande complexo de harmonia racial” (GONZALEZ, 2020, p. 38). Segundo a autora, talvez os negros não estejam inseridos e usufruindo de seus direitos por culpa deles mesmos, pois, na verdade, quando a referida lei foi sancionada, não ocorreu qualquer política e ação que se ampara aos negros.

Há que de ressaltar que negros e negras tiveram momentos e apoio diferentes; aos homens negros, mesmo na condição de negros, possuíam vida e ‘direito’ na sociedade, começando a ocupar os espaços antes que a mulher a negra. Gonzalez (2020, p. 40), sobre a mulher negra, neste contexto, narra:

Coube à mulher negra arcar com a posição de viga mestre de sua comunidade. Foi um sustento moral e a subsistência dos demais membros da família. Isso significou que seu trabalho físico foi decuplicado, uma que era obrigada a se dividir entre o trabalho duro na casa da patroa e suas obrigações familiares.

A autora também faz referência à forma de inserção da mulher negra na força de trabalho, que, devido às suas características, eram constantemente anuladas pela branca e pela “morena”. Nesse ponto, observa que a ‘capacidade’ e a ‘competência’ da mulher negra estão entrelaçadas na falta de acesso à educação formal e na não correspondência a um padrão de beleza social. Dessa maneira, as negras não tinham qualificação para ocupar um mercado de trabalho, pois à mulher negra era negado a educação, dado que precisavam ser alicerces de seus de lares, portanto, trabalhar duro para sustentar seus filhos. Podemos aqui afirmar que com tais premissas começa a ver mais separação entre mulheres brancas e negras e seus direitos na sociedade. Devido à sua aparência não corresponder ao ideal de feminilidade branca e burguesa que oferecem vagas no mercado de trabalho, por exemplo, em empregos com melhores condições, salários e prestígio social.

Sobre agregar mulheres ao feminismo, Lugones (2020, p. 13) faz uma reflexão a respeito: “Com quais mulheres os feminismos dialogam? Que mulheres seguem marginalizadas dos feminismos? O feminismo é realmente popular?”. Assim, a autora faz um debate acerca da questão das mulheres não europeias, em especial, as africanas, indígenas e latinas, que foram as mais violentadas da humanidade. Lugones discute sobre um feminismo decolonial:

O feminismo decolonial, privilegiando a contestação à colonialidade do saber, também aponta caminhos de avanço político agora na chave latino-americana. Propõe uma revisão epistemológica radical das teorias feministas eurocentradas, o que inclui o fim da divisão entre teoria e ativismo, característica de nossos feminismos desde sempre. Se nas décadas de 1960-1990 o feminismo branco norte-americano e europeu foi incorporado com facilidade no feminismo latino-americano e brasileiro, hoje essa aceitação acrítica traz problemas. A consciência da violência e opressão dos processos colonizadores faz surgir um campo de reflexão com o qual o feminismo passa a dialoga.

O feminismo decolonial é, em outras palavras, uma crítica a mulher universal, ou seja, apresenta como o ideal de feminilidade burguesa e branca e é um produto trazido da Europa, pois há mulheres, e não uma mulher universal, e isso deve ser analisado a partir das experiências que foram deixadas de lado pela perspectiva do sistema de gênero colonial/moderno. Assim, quando falamos sobre Brasil, gênero e afetividade heteronormativa, devemos partir para uma perspectiva crítica de como a cultura europeia afetou as realidades afro, latina e indígena, sendo

que esta influência permeia estruturas e configurações sociais que refletem na produção de diversos comportamentos e emoções das mulheres não brancas nestes contextos.

Já o ecofeminismo, preconizado pela escritora Françoise d'Eaubonne, em seu livro *Le féminisme ou la Mort* (1974), versa sobre a atuação da ‘mulher’ nas questões do meio ambiente que foi destruído pelo homem, abordando a mulher rural como chefe de família e que vive sob opressão em lugar onde a predominância masculina está fortemente construída (GANDHI, 2018, p. 62).

Seja qual for a vertente do feminismo, o ponto de partida comum dos movimentos está na representação de ser ‘mulher’ e seus atributos de feminilidade impostos pela sociedade patriarcal. Para defender os direitos das mulheres, vale a pena ressaltar as palavras de Valenti, “apesar do mito já desgastado de que feministas são obcecadas por vitimização, o feminismo hoje representa a força incontrolável da influência e independência femininas” (VALENTI, 2018, p. 14).

Aquela construção da mulher, portanto, como um símbolo de fragilidade física e emocional, nascida exclusivamente para cuidado da família, feita para casar-se, ter filhos, um amor incondicional para seus pares e abnegação do seu individualismo, passa a ser questionada pelo pensamento feminista.

Com esse objetivo, o feminismo parte de uma nova definição do ser ‘mulher’ e sua natureza feminina. Aquelas concepções socialmente idealizadas e impostas aos homens e mulheres não eram mais aceitas, pois esses papéis substanciavam à hierarquização de poder dos sujeitos (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016, p. 24). A ideia sobre construção do que é ser mulher ou homem foi determinada pela biologia, tendo os órgãos genitais como identificador da sexualidade do indivíduo. Não é incomum ouvir de familiares gestantes, quando fazem a sexagem fetal¹² ou ultrassom, eufóricas, propagar a chegada da criança: se tem vagina, é menina e, se tem pênis, é macho.

Lins, Machado e Escoura (2016, p. 15) apontam que “estamos pensando com as diferenças biológicas entre as pessoas do sexo feminino e do sexo masculino, explicando e justificando diferenças de comportamento na sociedade”. Então, a partir desse exame de sexagem, evidencia-se, desde a gestação, uma construção referente à identidade de gênero do

¹² Exame de sexagem fetal é um procedimento que busca encontrar, na corrente sanguínea da progenitora, o cromossomo Y, que pode assim determinar a sexualidade do feto, podendo ser feito a partir da 8ª semana de gravidez. Na Biologia, a distinção de sexo é classificada pelos cromossomos, sendo que a presença de XX é feminino e XY é masculino. Assim sendo, caso exista a presença de cromossomo Y, evidencia que a gestação é para um bebê do sexo masculino; o exame não é recomendado por especialistas, pois existe grande chance de margem de erro. Disponível em: https://www.diagnosticosdobrasil.com.br/wp-content/uploads/2015/03/Sexagemfetal_lamina-1.pdf. Acesso em: 18 jun. 2020.

bebê. Para a criança do sexo feminino, ao utilizar o termo menina, já embute um universo representado por cor-de-rosa, repleto de fadas, princesas, “mocinha”, um mundo de fantasias e sonhos. Quanto ao menino, a denominação de macho já impera que este é e será um ‘dominador’, referenciando o reino animal selvagem, no qual o macho tem um papel importante no seu *habitat*, é o predador que deverá demonstrar força e coragem para demarcar o território, simbolizado pela virilidade.

O processo educacional que o menino e a menina vivenciam desde a infância já prenuncia diferenças de comportamento entre eles, construindo um estereótipo enraizado do que é ser feminino e masculino (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016). Por isso, justifica-se o feminismo para politizar a sociedade sobre a igualdade de tratamento entre os sexos, de modo que se precedeu o conceito de gênero como uso mais associado aos assuntos relativos à defesa das mulheres por essa conquista por igualdade de condições (SCOTT, 1990).

Garcia conceitua:

Quando falamos de gênero, fazemos referência a um conceito construído pelas Ciências Sociais nas últimas décadas para analisar a construção sócio-histórica das identidades masculina e feminina. A teoria afirma que entre todos os elementos que constituem o sistema de gênero – também denominado “patriarcado” por algumas correntes de pesquisa – existem discursos de legitimação sexual ou ideologia sexual. (GARCIA, 2011, p. 19).

Portanto, embora gênero seja um sinônimo social à mulher na teoria feminista, baseia-se também nas relações entre homens e mulheres, mulheres e mulheres, homens e homens, já que a premissa parte de uma base científica a fim de verificar como um implica no outro (SCOTT, 1990). Em suma, gênero estabelece um rompimento com a generalização universal do conceito de mulher a partir de um desenvolvimento criado acerca da feminilidade, da ‘natureza’ feminina imposta pelos preceitos sociais intensificados pela igreja, ensinados às mulheres.

Na década de 1920, houve a inserção de revistas para mulheres, como *Fon-Fon*¹³ (1907-1958) e *Jornal das Moças*¹⁴ (1941-1965), que publicavam artigos para ensinar como ser uma boa esposa, cuidar da casa, dos filhos, cozinhar e costurar, além de contos e histórias que traziam uma característica educacional e disciplinar para reforçar os papéis da boa moça e ‘mulher’ ideal de acordo com o apregoado pela sociedade patriarcal.

¹³ Para mais informações: **Anuário da Revista Fonfon**. Disponível em: http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_periodicos/fonfon/fonfon_anos.htm. Acesso em: 21 jun. 2020.

¹⁴ Para mais informações, ver: **Anuário da Revista das moças**. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>. Acesso em: 21 jun. 2020.

O sistema patriarcal baseia-se no domínio do homem em relação à ‘mulher’, sendo esta tratada como sua propriedade, seja ele pai ou marido, convergindo para uma servidão a fim de adequar ou abnegar de sua autonomia em prol do universo do homem. Portanto, o papel político das feministas era, muitas vezes, rechaçado pelos sujeitos, que entendiam o feminismo como um movimento que estimulava a destruição da família, da moral e dos bons costumes, pois poderia causar nas mulheres questionamento sobre sua condição de segundo sexo. Por causa disso, algumas ‘feministas’ também subsidiavam a literatura direcionada às mulheres, como a revista *A Violeta*¹⁵, que, através das crônicas, conceituava o pensamento da primeira onda do feminismo, impulsionando as mulheres a uma maior necessidade de participação nas atividades sociais, abrangendo atuação para além dos espaços do lar.

Apona-se, através dos tipos de pensamento, um conflito entre a ‘mulheridade’, de modo que as feministas e antifeministas¹⁶ pontuavam, e ainda pontuam, seus discursos e pautas para libertar e conservar o tradicionalismo enraizado na sociedade. As primeiras tinham como objetivo que a mulher, como ser social livre, era detentora de direitos soberanos para exercer sua função social, conforme as garantias dadas aos homens e igualando-se nas representações (FERNANDES, 2011); e as segundas, pelo costume social, reproduziam a condição do homem como sujeito, que possui demais direitos pela sua natureza masculina e provedora de cuidados e subsídios financeiros, cabendo somente à mulher a função de companheira para o homem.

Nos anos de 1940, delimitaram-se as profissões que as mulheres poderiam exercer caso quisessem estudar ou trabalhar, de forma que a grande maioria se dedicava à formação de magistério por acreditar que ser professora era uma função naturalmente feminina, por ser baseada no cuidado de crianças, sob a visão de que as mulheres já nasciam com dom para maternidade (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016), ou seja, se aparentemente a mulher, nos anos 1940, tivesse direito a estudar ou trabalhar, as profissões ocupadas por elas seriam implicitamente voltadas para uma ‘natureza feminina’.

Sobre a natureza feminina, o direito ao voto da mulher foi a primeira conquista. Celi Jardim (2010) salienta:

Ao ser confinada à casa, paradoxalmente, a mulher era expulsa dos muros da cidade, entre os quais o mundo público se conformava. Ela, simplesmente, não

¹⁵ Revista feminina e feminista *A violeta*, produção jornalística produzida por mulheres, que circulou no estado de Mato Grosso entre os anos de 1916 e 1937.

¹⁶ As antifeministas não eram um movimento organizado politicamente como o feminista, mas, sim, um grupo de mulheres que fazem uma rede feminina, que, através de discurso politizado e *posts* em mídia social, passaram a deturpar as teorias feministas para conservar um ideal patriarcal no cotidiano da mulher na sociedade moderna. Para mais informações, ver: <https://www.cartacapital.com.br/justica/antifeminismo-em-pauta/>. Acesso em: 21 jun. 2020.

existia. Quando a constituição de 1891 estabeleceu que todos os cidadãos brasileiros alfabetizados e maiores de 18 anos eram eleitores, ficou claro para o conjunto da população de homens e mulheres para regramento jurídico do país que as mulheres não poderiam votar. O direito ao voto só foi obtido em 1932. Não se citou a mulher em 1891, não se lhe prescreveu limites, simplesmente se excluiu, não se reconheceu sua existência (JARDIM, 2010, p. 19).

O direito ao voto feminino foi sancionado no Brasil no governo do Estado Novo de Getúlio Vargas, luta iniciada pela ativista Bertha Lutz. Em suma, ela analisou que os movimentos feministas, *a priori*, eram caracterizados por uma defesa de interesses sociais das mulheres. Todavia, essa percepção pela luta dos direitos individuais e coletivos abrangeu maior espectro, fazendo uma corrente com outras mulheres para assim iniciar o movimento feminista para todas as mulheres.

O movimento feminista, até os dias de hoje, enfrenta inúmeras barreiras para concretizar sua política de igualdade e liberdade para as mulheres, por causa do segmento religioso, da questão político-social, ou do enraizamento de mentalidade patriarcal e machista.

Lola Aronovich (2014) descreveu que existe um movimento que, assim como o feminismo, parte para o não-feminismo, que é o antifeminismo; o movimento denomina-se “Não preciso do feminismo”. Embora não seja uma organização política e educacional, agrega mulheres que fazem uma campanha em rede sociais com dizeres sobre a razão de não precisar do feminismo e, dentre eles, estão frases como “porque sou contra o aborto” ou “porque quero cozinhar e lavar para meu marido”, até mesmo classificando feministas como “machos não acabados”.

A propagação equivocada do feminismo traduz uma inversão das verdadeiras ações para os estudos de gênero para uma sociedade igualitária e justa para todos, pois demonizam as feministas como destruidoras da família, que ameaçam a ordem social e os bons costumes modelados pelo patriarcalismo. Porém, vale lembrar que o feminismo dá a liberdade de formação de famílias, apregoando sujeitos livres para viverem conforme sua identidade e autonomia.

Nesse sentido, há uma discussão sobre o conceito da ‘mulher’ na religião e como ser biológico, de modo que se faz mister o movimento feminista para o reconhecimento social das mulheres a fim de se desconstruir o modelo que foi cunhado no Ocidente por meio do discurso biológico e religioso. Este último destinou as mulheres ao espaço da servidão e dependência, mas, por outro lado, há a hipersuficiência da mulher apregoada pelo movimento feminista, que surge para questionar esses modelos tradicionais de representação de ser mulher e sua funcionalidade na sociedade, que foram impostos sem qualquer questionamento de suas próprias vontades, enquanto sujeitos.

Partindo dessa perspectiva, o feminismo visa que as mulheres sejam questionadoras dos seus papéis sociais, pois são capazes de decidir sobre seus destinos referentes às suas vidas pessoais e profissionais. Logo, o feminismo compreende que existe uma multiplicidade de mulheres, e não uma padronização delas, ou seja, existem tipos de mulheres, independentes de fatores biológicos e emocionais, e todas são detentoras de direitos sobre si, e não devem ser qualificadas, segregadas ou discriminadas pelos moldes de uma sociedade patriarcal.

1.3 Mulher construída por meio do ideal de Amor Romântico

A construção da segregação da ‘mulher’ e do homem faz com que as mulheres, por estarem ligadas à natureza, assemelhem-se aos animais, sendo vistas como irracionais, instintivas e selvagens, sem qualquer capacidade e habilidade para vislumbrar sua representação autônoma na sociedade. Por esta razão, deveriam permanecer nas sombras de uma figura masculina, quando estas, por vezes, são infantilizadas (RAGO, 1985).

Para essa última situação, a influência dos contos infantis literários destinados às meninas cria, em sua mentalidade, um ideal de romantismo perfeito, visto que enfrenta quaisquer barreiras em prol de viver seu grande amor, que vão desde uma superação de diferença de classe social a uma rivalidade feminina, como o adágio e a cinderela. A reprodução destes papéis tradicionais tem continuidade na vida adulta, influenciada em nossa sociedade principalmente pelas produções cinematográficas.

A formação da crença de um amor, embora seja mais explicitada pela mulher, também encontrada nos homens, porém, por estar inserido em uma construção de masculinidade viril (BENTO, 2015), muitos ocultam esse sentimento, deixando prevalecer que se trata de um paradigma da mulher, fruto de natureza feminina.

Contudo, para poder afirmar que este sentido foi atribuído às mulheres, se faz necessário compreender onde e como tal emoção foi inserida em nossa sociedade. Paz (1994), em *A dupla chama amor e erotismo*, narra sobre formação do amor cortês em nossa sociedade, concebido pelos trovadores e poéticos, passando uma trajetória que transforma o sexo em erotismo, que resulta em uma idealização de um amor: “A aparição do amor cortês tem algo milagroso, pois não foi consequência de uma pregação religiosa e nem de uma concepção filosófica” (PAZ, 1994, p. 69).

A questão que versa sobre o erotismo conceitua uma forma de expressão mais voltada para os aspectos físicos e, que satisfará as lascivias que um sentimento, emoção. O que ocorre

é que a partir do erotismo, a ideia de transformá-lo em sentimento, passa ser necessário para sim estabelecer a regras de um matrimônio que é configurado como algo sagrado, desta forma, afasta-se os prazeres carnavais.

E este sentimento foi de grande evolução para o feminino, pois, a partir dele, as mulheres gozam de mais liberdade; o casamento, naquela época, não era baseado no amor, mas, sim, nas relações comerciais e nos benefícios que podia favorecer.

A construção do amor cortês coloca amor e erotismo juntos, ou seja, uma forma de aliar a poesia e o estético, formalizando o jogo de sedução, que antes não era necessário: “A ideia de que amor é uma iniciação implica que é também uma prova” (PAZ, 1994, p. 82). Nesse caso, as mulheres feudais eram cortejadas pelos pretendentes; para estabelecer a relação íntima, os casais necessitavam, antes de todo um preparo, estar além da moralidade da Igreja destinada aos feudos. Partindo para uma explicação mais clara, no cinema, o filme em Nome da Rosa, descreve como esse comportamento estava presente. De acordo com filme, um jovem candidato à padre, vai ao um mosteiro onde ocorre mortes misteriosas para fim de investigações. Contudo, neste lugar, à uma jovem que troca sexo por alimentos, todavia, esta jovem envolve-se sentimentalmente com o jovem, que fica entre os dogmas de sua religião e desejos sexuais.

As mudanças sociais e econômicas vividas pela mulher contemporânea provocaram uma nova concepção de amor, tendo um formato diferente. Zygmunt Bauman (2004) fala acerca da fragilidade dos laços humanos, que atualmente estão marcados pela liquidez das relações, em especial, as amorosas. Assim, o autor tematiza o amor, sua mensuração, sua fantasia sobre ele e o que consiste no relacionamento e sexo, fazendo uma análise sobre paixão e ‘despaixão’, retratando ainda o que é amar e suas dificuldades diante de uma convivência humana destruída. Ao se referir ao amor, reflete que houve uma transformação no significado original, aquele que foi construído. Assim, há uma grande diferença dos amores cinematográficos, produzidos para sempre terem um “final feliz”, e as relações reais da sociedade contemporânea, movidas pelo capitalismo, em que tudo pode, tudo faz, tudo é possível e nada é para sempre, ou seja, “*carpe diem*”, dessa forma, os relacionamentos não resultam no “felizes para sempre”, embora permaneça na mentalidade uma idealização da vivência de um amor romântico real. Sobre essa ideia de amor, Bauman (2004, p. 16) comenta:

Não devemos nos surpreender – se essa suposição se mostrar correta. Afinal, definição romântica do amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturadas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraía seu vigor e sua valorização. Mas o

desaparecimento dessa noção significa, inevitavelmente, a facilitação dos testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de “amor”.

As relações amorosas, especificamente o amor, partem dos campos afetivos – *habitus* afetivos. Segundo Illouz (2011, p. 91), esta é a principal mercadoria circulada atualmente, partindo do afeto como um produto a ser vendido.

Ela se encontra na esfera da vida social em que o Estado, o mundo acadêmico, diferentemente de segmentos das indústrias culturais, grupos de profissionais credenciados pelo Estado e pela universidade e ainda o grande mercado dos medicamentos e da cultura popular entrecruzam-se para criar um campo de ação e discurso com regras, objetos e fronteiras próprios.

Para Illouz, o campo afetivo, devido à sua projeção do campo patológico para a mercantilização, atribuiu uma nova forma de competência para o campo da saúde, partindo do social para uma competência afetiva (ILLOUZ, 2011). Seria, portanto, uma realização da relação amorosa, um benefício social que todos esperam alcançar. Logo, a mídia tem um papel importante para essa composição da competência afetiva, visto que, mesmo que seja somente no imaginário, traz o benefício social, uma satisfação do campo afetivo, fomentando a busca para a realidade.

Ressalta-se que o benefício social abrange outros sentidos além do amor, podendo ser concebido como um prazer de aventura, do medo, da expectativa, enfim, tudo que pode beneficiar um estado saudável no sujeito social, mas que nada seja mais visto como ápice social que o amor, que independe da orientação sexual e da identidade sexual, ou seja, homens e mulheres buscam a felicidade amorosa.

A busca da felicidade advinda dos relacionamentos afetivos é natural, afinal, sujeitos se sentem atraídos química e fisicamente, e isso basta para uma aproximação, logo, o cortejo romântico é contemplado entre o casal ainda iniciando novos passos para relacionamento (DEL PRIORE, 2006).

Nesse instante, o encantamento e a expectativa são tomados pelo casal, como se o amor romântico estivesse enfim chegado e, a partir da noite de “amor”, a competência afetiva mais íntima, o próximo passo é o reconhecimento, aliás, o conhecimento real do parceiro. Assim, qualidades e defeitos emergem, partindo da destruição das fantasias criadas ou da validação dos ideais existentes de um para outro (BAUMAN, 2004).

Então, as emoções, os sentimentos, as fragilidades e os desejos pessoais são revelados, e a projeção feita no outro, outrora idealizada, agora é testada como real ou mito. Homens e mulheres têm visões diferenciadas de um relacionamento perfeito, cada qual projeta seu par

com suas experiências, anseios e devaneios, e buscam, mesmo que de forma utópica, essa fantasia em qualquer um que aparentemente preencha essa ânsia passional. Sobre os homens e o amor, Giddens (1993, p. 79) indaga: “Os Homens querem amor? Certamente, apesar das aparências em contrário – talvez mais que as mulheres, embora de formas que ainda precisam ser investigadas”.

Bento (2015) afirma que homens e mulheres são construídos de forma diferente segundo os processos de socialização que cada sociedade adota, em especial, nas esferas das emoções, considerando a construção social do gênero na cultura ocidental, ou seja, o que é se comportar como um homem e uma mulher. E como o homem sempre foi o protagonista da construção histórica dos sujeitos, logo, da determinação de comportamento, ‘naturalizou-se’ um entendimento sobre a natureza masculina que, na realidade, foi a tentativa de fomentar uma aceitação da supremacia machista sobre a mulher, fazendo com que esta concordasse com certos hábitos, como a traição e a violência.

De acordo com a história institucional, as mulheres tiveram suas identidades pautadas em seus atributos físicos, valorizando a juventude, a fertilidade e o atributo de uma potencial cuidadora; já os homens, em atributos como virilidade, coragem, força física e no trabalho produtivo, sendo que pouco foi socializado para manifestar suas emoções e sentimentos.

A referência mais expressiva da construção da função que a mulher desempenha na sociedade é de mãe. “A mulher é tomada como sinônimo de família” (BENTO, 2015, p. 74). O sentido de mulher, desde a invenção de seu papel pelo patriarcalismo e pelo doutrinamento através de igreja, coloca como sendo sua maior contribuição para a sociedade a maternidade. Diante disso, presenciamos inúmeros discursos que afirmam que a maternidade é quase uma obrigação para a mulher.

Badinter (1985) apresenta um estudo histórico sobre a mistificação em torno do amor materno e da natureza da mulher, estabelecendo que o amor materno foi construído para a mulher atender às necessidades sociais vigentes do período XVII e XVIII, portanto, o romantismo cerca a maternidade; e o aleitamento materno passa por grandes conflitos sociais, políticos e religiosos sobre a mulher.

Seja qual for o discurso propagado que a mulher realiza quando se torna mãe, em todos os sentidos, gestar e amamentar prioriza uma mentalidade de um amor incondicional praticamente romantizado até no aspecto de conflitos da maternidade, como o famoso ditado: ser mãe é padecer no paraíso (RAGO, 1985). A preocupação sobre a formação de um indivíduo que é seu filho, mas que ganhará o mundo à sua volta, traduz toda uma representação simbólica

de Maria, pois esta gerou Jesus, um ser que era dela, mas que, ao mesmo tempo, não lhe pertencia.

A cobrança social em torno da mulher está muito premente na sua função de exercer o trabalho reprodutivo, que outrora foi construída como um sinal de realização e de sua contribuição para a sociedade. Mesmo que a mulher opte por exercer trabalhos fora de casa, a representação da mulher-mãe ainda é significativa para as mulheres.

Bitencourt (2015), em seu estudo sobre carreira e maternidade, constatou como as acadêmicas ainda convivem com a ideia de que as mulheres são as principais responsáveis pelo cuidado dos filhos, muitas vezes esquecendo-se da responsabilidade dos pais das crianças e da necessidade de se pensar em políticas públicas para as mães não ficarem sobrecarregadas em ter de conciliar trabalho produtivo e reprodutivo.

Regressando à função do sexo e sua liberdade, segundo a teologia cristã, até o início do século XX, a mulher servia para procriação, prescrição cabalmente incentivada pela igreja, cabendo, inclusive, os desejos e a realização dos homens casados destinados às relações extraconjugais. Dessa forma, a mulher-mãe deveria dar maior importância para o casamento. Qualquer outra forma que levava ao sexo, como sedução, prazer e orgasmo, era totalmente repreendida e tida como conduta incomum do matrimônio (DEL PRIORI, 2006), haja vista que, até a vigência do século XXI, ainda se encontram em instituições religiosas líderes padres e pastores que definem sua prática única e exclusivamente para a procriação.

Isso quer dizer que o casamento era para constituição de uma família¹⁷, e não necessariamente como um processo natural, em que dois sujeitos sociais contraíam matrimônio exclusivamente por amor, embora, desde o período medieval, já havia a ideia de amor romântico, paixão e amor cortês, que levavam ao casamento. Aliás, mesmo que não houvesse o amor entre os nubentes, a corte era obrigatória entre eles, que só era vivido antes ou fora do casamento, pois, ao se casarem, o casal abandonaria todos os sentimentos de amor (DEL PRIORE, 2006), formando assim uma relação conjugal.

Para Comin (2010)¹⁸, a conjugalidade designa uma relação baseada no “nós”, um entrelaçamento dos indivíduos que constroem um terceiro elemento – o “casal” e, a partir daí, concebe-se a ideia de que esse elemento é um só, compartilhando todos os casos e acasos da

¹⁷ A ideia de família aqui mencionada parte do que concebe Lasch, em *Refúgio do mundo sem coração? Santuário ou instituição sitiada?* Que parte do espaço onde todas as aflições externas no mundo são contempladas. A família é o refúgio das mazelas do mundo e é a ideia de perfeição, de conforto. A mulher, para o marido, é a figura de apoio, sustenta a base familiar, sempre disposta a realizar a vontade do homem e sua família (p. 28).

¹⁸ O estudo apresentado analisa como a literatura científica traduz as relações de conjugalidade do sujeito com sua subjetividade ou da relação entre duas pessoas. Para mais informações, ver: Comin (2010).

vida social. Todavia, com o tempo, os casais vão se distanciando, rompendo o “nós” afetivos, gerando uma instabilidade que se desdobra em diversas atitudes na tentativa de refazer esse entrelaçamento amoroso.

Coutinho e Menandro (2010)¹⁹, sobre as ideias da mulher quanto ao casamento por meio da análise de duas gerações, observam que, no trecho extraído a seguir, principalmente há responsabilidade em ser a âncora da relação, ou seja, ela que segurará as tempestades, as maresias, as ondas gigantescas que estão presente em qualquer relacionamento, portanto, a mulher foi construída para ser, o que não significa que este realmente é a essência da mulher mas fica com a maior responsabilidade em manter o relacionamento:

Os dados indicam que foi construída uma rede de significações em torno do ser mulher na família, na qual um dos elementos centrais é o casamento (o que não significa que seja o único ou o mais importante). Há um conhecimento socialmente partilhado sobre o que casamento representa, sobre como deve e como não deve ser, que exerce evidente função na dinâmica social. Assim, a condição de ser mulher parece estar ancorada no casamento (COUTINHO; MENANDRO, 2010, p. 91).

Del Priore (2006) destaca o que a ‘mulher’ devia possuir para ter um relacionamento afetivo:

[...] Nos anos cinquenta as mulheres tinham que se fazer de ‘cegas, surdas e mudas’ diante dos deslizes do marido para manter o casamento e não incitar ainda mais o interesse do marido por outras mulheres. A separação era ‘a grande ameaça que pairava sobre as esposas’ naquele período: ‘Maridos não deviam ser incomodados com suspeitas, interrogatórios ou ciúmes por suas esposas. Permitir que eles saíssem com amigos, relevar suas conquistas amorosas e aventuras e atraí-los com afeição eram procedimentos aconselhados para quem quisesse manter uma boa vida conjugal’ (DEL PRIORE, 2006, p. 58).

Considera-se que a construção do “ser mulher” estava além para buscar o amor, em especial o romântico e cortês, muitas mulheres se faziam de cega para assegurar seus *status* social, seja por questão financeira ou moralidade. E isso implica até mesmo ela subjugar-se para ter sua relação afetivo-amorosa realizada. Já a representação do homem foi construída de outra forma, conforme Fernandes (2011, p. 105)²⁰ destaca:

Em sentido metafórico, mas que ganha força nas manifestações relacionais, a condição de homem como “caçador”, aquele que sai à procura de sua caça, é

¹⁹ Para mais informações ver: *Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: "Que seja terno enquanto dure"*. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103-56652010000200007&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 05 fev. 2020.

²⁰ Para mais informações, ver: *Afinal, o que homens querem?* Disponível em: http://www.fclar.unesp.br/agenda-pos/ciencias_sociais/2424.pdf. Acesso em: 1 out. 2020.

uma das características de papéis sociais, que contribuem para a construção da masculinidade.

A partir disso, observamos como homens e mulheres são construídos diferentemente, provocando divergências de pensamentos, postura e comportamento, fruto do patriarcalismo, machismo e desigualdade de gênero; e, quando há um relacionamento afetivo heterossexual, estas discrepâncias e ações são visualizadas mais claramente, pois a conjugalidade, ou seja, o “nós”, é compreendida de forma diferente, causando uma relação na qual sentimentos/emoções são estabelecidos diversamente.

A romantização do amor, ou melhor, a construção do amor, é um fato que, assim como outros direitos, é permeado de questão raciais. Assim sendo, pode-se definir que a separação pela cor da pele é determinante para relações afetivas. Del Priore (2006) descreve como eram as relações de homens brancos e mulheres morenas e mulatas, estes até eram permitidos, porém, havia a afetividade, o casamento e a inserção na elite social.

Os convites diretos para a fornicção são feitos predominantemente às negras e às pardas, sejam elas escravas ou forras. Afinal, a misoginia racista da sociedade colonial as classificava como mulheres fáceis, alvos naturais de investidas sexuais, com quem se podia ir direto ao assunto sem causar melindres. Gilberto Freyre chamou a atenção para o papel sexual desempenhado por essas mulheres, reproduzindo o ditado popular: “Branca para casar, mulata para foder e negra para trabalhar” (DEL PRIORE, 2006, p. 60).

Com tal premissa, a mulher negra dificilmente tinha um relacionamento oficial, cabendo a elas o papel de amantes e, com muita sorte, uma relação em concubinato. Contudo, essas mulheres não eram reconhecidas como esposas e/ou detentores de terras e heranças, muito menos os filhos advindos dessas relações eram reconhecidos como tal.

Assim, a construção da romantização do amor, desde a sua formação até os dias atuais, passa por uma mudança de significado, o que era poesia, poema, cortejo e longo tempo para enfim ter um contato, hoje tais condutas são vistas como fora de contexto. As relações afetivas, por serem aceleradas, possuem o ritual de sedução praticamente dispensado. Contudo, ainda se nota que o direito ao amor está condicionado à classe social e etnia/raça.

1.4 Mulher objetivada

Como já visto no item anterior, descrevemos como a construção do ser mulher subjugou-a e submeteu-a a ser vista como uma ‘serva’ do domínio masculino, criada para estar sempre disposta a realizar os desejos do homem. Dessa maneira, à luz deste papel social pautado na passividade e na submissão, as mulheres, nos dias atuais, vivenciam situações que as tratam como seres reificados.

Segundo Del Pino (1971, p. 25), a representação da mulher na sociedade patriarcal está pautada na ideia de que “a mulher é para o homem um objeto erótico”. Ao reificá-la, retira, da mesma forma, toda sua capacidade de autonomia sobre si e seus desejos, uma vez que desfaz o pensamento crítico que a mulher pode ter diante de sua participação social. Logo, negligencia os conhecimentos que a mulher, com suas emoções e sentimentos, tem sobre a sua vida e identidade.

Além disso, Del Pino (1971, p. 13) diz que a essa modificação da mulher como ser heterógeno para ser escrava do homem parte de uma alienação: “a condição atual da mulher na nossa sociedade é a que, em termos gerais, se denomina alienada”. Ou seja, a alienação deturpa os verdadeiros elementos do ser humano e, em específico, do Ser Mulher. E aponta que, nessa representação, cria-se a “inferioridade” da mulher em relação ao homem, construindo uma mitificação sobre o feminino.

A definição apresentada por Del Pino, reforça uma ideia que a mulher é devido seu estado de alienação fuge de seu essencialismo humano, resultando que pela inferioridade estará à margem do homem, e, com isso muitas vezes recriminando por suas atitudes.

O conceito sobre o feminino está intrinsecamente ligado a uma construção de “feminilidade”, que, a depender da temporariedade, é empregada de formas diferentes, mas todas elas são traduzidas para um imaginário masculino. Assim, a feminilidade é a ‘beleza feminina’ que foi forjada pela perspectiva masculina e, para servir aos olhos dos homens, ignorou as peculiaridades e as especificidades de cada mulher e passou a ser uma norma padronizada para todas, incorporando o conceito de quais atributos precisam ter.

Sobre seus corpos, paira o escopo de ter uma vida saudável, com qualidade e bem-estar, e a ideia *fitness* toma conta das mulheres, fazendo-as frequentar horas de academia, clínicas de estética, alimentação regrada, tudo para se manter sempre jovens, bonitas e atraentes.

Acerca do processo de alienação, Del Pino (1971) refere-se ao fato de que toda reprodução de normas aplicadas a elas sobre o que é ser feminina, mulher e feminilidade, sem qualquer senso de criticidade, trata-se de uma alienação, sem atender às exigências de como

agir, falar, se vestir ou ter formas femininas, sem perceber que tais condutas transformam-na num objeto que serve para usufruto alheio, no caso, para o agrado do universo masculino, sendo anulada como pessoa.

Belmiro *et al.* (2015), no estudo *Empoderamento ou objetificação: Um estudo da imagem feminina construída pelas campanhas publicitárias das marcas de cerveja Devassa e Itaipava*, apontam que os discursos sobre a diferenciação do empoderamento e objetificação nasce na década de 1970, tomando a preocupação de como o corpo e a sexualidade da mulher foram construídos. Conforme os autores,

a objetificação, termo cunhado no início dos anos 70, consiste em analisar um indivíduo a nível de objeto, sem considerar seu emocional ou psicológico, por ser apontado como uma consequência de todo o processo histórico vivido pelas mulheres (BELMIRO *et al.*, 2015, p. 2).

Tal conceito de objetificação significa como as mulheres se submetem a uma padronização de beleza e à normatização de conduta para serem aceitas na sociedade, cujo imperativo está nas ideias pautadas no patriarcado e no machismo. A regra da beleza e conduta, ou seja, a sua objetificação, ignora as condições biológicas de cada mulher, estabelecendo um biotipo único para elas e toda uma ditadura da beleza no que se refere às suas emoções e aos cuidados.

Wolf (1992), sobre o mito da beleza, aborda como a moda e o conceito de belo escravizaram as mulheres para que elas se submetessem aos padrões para serem aceitas pela sociedade, qualificando-as tanto para o poder que exercem, quanto para buscarem o amor e assim serem amadas e desejadas pelos homens.

A padronização de belo e de feminilidade retratada nas revistas causou um mal-estar nas mulheres, como nos revela o autor: “infelizmente, a reação do sistema baseado na beleza é disseminada e reforçada pelos ciclos de ódios a si mesmas, provocando as mulheres pela propaganda, pelas fotografias e matérias dessas revistas” (WOLF, 1992, p. 96).

No que se refere à beleza e à feminilidade, sempre é prudente destacar que tais conceitos partem do cenário europeu, das mulheres brancas. Gonzales (2020) indica que, em 1950, a construção de uma feminilidade foi importante ao mercado de trabalho, já que as mulheres negras, por não apresentarem atributos, como uma delicadeza, perdiam espaços no campo de trabalho, pois a aparência era mais importante do que a capacidade e a habilidade da mulher. Na verdade, as negras quase não tinham o estudo que uma branca tinha justamente porque não existia um suporte para que elas se qualificassem, restando somente trabalho subalterno.

Atualmente, as padronizações de beleza e os espaços campo de trabalho ainda estão intrinsecamente ligados à aparência diante de um cenário branco, sendo especificamente direcionado à mulher não branca. Embora haja dados de que homens também se submeteram a esse regime totalitário da indústria da beleza com suas plásticas e procedimentos estéticos, mas a principal clientela ainda é de mulheres. Conforme Bitencourt (2015, p. 6) destaca:

os cuidados do corpo implicam além de investimentos (financeiros e emocionais), adesão aos padrões normativos de como se deve apresentar socialmente a partir da geração, do gênero e da classe social, também as influências sofridas por homens e mulheres por meio de informações compartilhadas da medicina, estética, arte, nutrição, mídia, psicologia, lazer e moda podem colaborar para fortalecer “verdades” sobre a “saúde do corpo” e “qualidade de vida”.

Ainda enfatiza a autora que as mulheres são as mais cobradas socialmente no que se refere à beleza e bem-estar físico e mental, já que foram construídas para ser um objeto masculino, portanto, devem sempre estar disponíveis para atender aos anseios dele. De acordo com Bitencourt (2015), as mulheres idosas sentem-se insatisfeitas com a aparência dada pela idade, como se a marca do tempo lhes desse aquela sensação de que não possuem mais a beleza e vigor físico de quando eram jovens. Outro fator que preocupa é o peso corpóreo, as consideradas acima do peso têm frustração por não atenderem mais às formas padronizadas da mulher.

Nesse tocante, Naomi Wolf (1992) estabelece como a construção de um padrão de beleza fez surgir um inimigo íntimo para a mulher, provocando um sentimento que podemos intitular de não pertencimento à sociedade, pois as mulheres, independentemente de sua idade, classe social, etnia, buscam atender ao conceito de beleza destinado a elas, além disso, invoca um conflito contra o feminismo, movimento que busca romper com esse padrão por entender que ele escraviza a mulher e que, na verdade, trata-se de um recurso para fomentar a objetificação da mulher num sistema machista.

A pressão social às mulheres para atender ao “mito da beleza” tem uma intensidade maior para as idades de 15 a 45 anos, em especial, se estão solteiras e em busca de um relacionamento. O mercado da conquista tem uma faixa etária estabelecida pela sociedade patriarcal, além do fato de a aparência física jovem estar nas mídias publicitárias, anunciando produtos sempre com corpos ‘perfeitos’ e exalando disposição e plenitude em usufruir dos melhores momentos da fase da vida. Dessa forma, muitos homens, principalmente os mais velhos e de meia-idade, buscam, para atender o seu desejo, mulheres jovens, por terem ainda seus hormônios ativos, apresentando idade reprodutiva.

Quando se trata das relações de conquista e afetividade analisa-se como a sociedade patriarcal educou as mulheres para serem concorrentes entre si, buscando-se manter a juventude, o porte e a sedução, atributos que utilizam para conquistarem olhares e afetos dos outros. Essa aprovação da beleza alicerça a antiga questão das mulheres, a concorrência entre si, afinal, cada uma quer se sobressair em seu meio: “A concorrência, lei máxima que rege ascensão social entre nós, traduz e concretiza na mulher a concorrência de carácter erótico entre mulheres” (DEL PINO, 1971, p. 28).

A partir dessa percepção, pode-se ver que, por tempos, foi concebido um ideal de mulher que sempre se sujeitaria a um perfil arquitetado para atender o mundo masculino, sendo enraizada uma representação de mulher respeitada na sociedade patriarcal, tentando, portanto, se enquadrar ao padrão preestabelecido (RAGO, 1985). Dessa forma, algumas acabam se objetificando não por se acreditarem meramente como um objeto erótico do homem, como apontado por Del Pino, mas por entenderem que se trata de um jogo de sedução necessário para buscarem sentimentos e a afetividade que correspondam às suas emoções (VALENTI, 2018).

As mulheres, neste contexto, reproduzem os modelos tradicionais, expondo-se e recorrendo a atributos físicos e até mesmo a situações não necessárias para buscar a realização e a satisfação do amor eterno. As redes sociais são tomadas como sendo as maiores propagandas de perfil pessoal a fim de garantir amplitude no mercado da conquista, de modo que homens e mulheres as usam para buscar a satisfação e a aprovação de seus perfis pessoais.

Em um clique no *Instagram*²¹ ou *Facebook*²², presencia-se um rol de pessoas felizes, perfeitas que, por meio das fotos bem produzidas, com situações e cenários atraentes, muitas delas com evidente uso de *photoshop*, demonstrando suas realizações bem-sucedidas. Tais feitos representam um perfil de pessoas de bem com vida, realizadas, ou seja, alguém com quem seria interessante relacionar-se afetiva e emocionalmente.

Para as conquistas presenciais, fora das redes sociais, os artifícios também existem. Mesmo de forma inconsciente, algumas mulheres, em especial, iniciam um jogo de sedução: a famosa jogada de cabelo, o tom de voz mais doce, com fala mansa e delicada, além de trejeitos, andar e posturas mais contidas, tentando chamar a atenção de um possível pretendente de forma

²¹ A rede social foi criada por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger em 2010, trata de uma plataforma em que as pessoas publicam fotos, vídeos e gifs e podem escrever texto, descrevendo o evento de uma foto publicada, por exemplo.

²² O facebook foi criada por Mark Zuckerberg em 2004, e sua origem foi para que os acadêmicos da Universidade de Harvard pudessem se conhecer, então eles publicavam fotos, compartilhavam vídeos e pensamentos, porém alastrou-se mundialmente e, pela sua extensão, é a rede social mais usada no mundo.

mais discreta e sutil, remontando tais comportamentos aos padrões estabelecidos para a ‘mulher’ ideal.

A beleza e a estética estão presentes nos dois momentos, os recursos de *make*, a forma de preparação do cabelo e da vestimenta e os sapatos, por exemplo, são acessórios indispensáveis para a ‘mulher’ persuadir e iniciar uma paquera, fazendo sua conquista para obter como fim um relacionamento. A objetificação em ambos os casos, presencial ou virtual, é explícita.

Para Bozon (2004, p. 24), “as mulheres aparecem como receptáculos vazios e passivos, além de objetos maleáveis à mercê dos homens”. E é diante dessa visão que consideramos uma objetificação feminina quando esta recorre aos filtros de embelezamento das redes sociais e aplicativos, pois buscam, mesmo sem se dar conta, uma ordem tradicional de feminilidade para sua conquista afetiva. Todavia, não se pode generalizar que o objetivo de todas está necessariamente ligada à busca de um amor, algumas fazem-no pelo mero desejo de se sentir cortejada, buscando uma competência afetiva diferente do que a sociedade apregoa, de que o sucesso prevalece para a mulher somente quando está num relacionamento amoroso. Assim, nesse caso, podemos afirmar que algumas podem simplesmente estar recorrendo à sua liberdade e à sexualidade (BOZON, 2004) para si própria.

Essa liberdade é a firmada e defendida pelo movimento feminino, que tem como sua maior condição o empoderamento. Para o autor Horochovski:

empoderamento é quase sinônimo de autonomia, na medida em que se refere à capacidade de os indivíduos e grupos poderem decidir sobre as questões que lhes dizem respeito, escolher, enfim entre cursos de ação alternativos em múltiplas esferas política, econômica, cultural, psicológica, entre outras. Desse modo, trata-se de um atributo, mas também de um processo pelo qual se aquire poder e liberdades negativas e positivas (HOROCHOVSKI, 2006, p. 3).

O termo empoderamento tornou-se muito popular entre as pessoas, que antes se viam presas a um padrão que não permitia sua verdadeira autonomia sobre si. Utilizada pela primeira vez por Paulo Freire (1986), tornou-se a chave libertadora de toda opressão para os indivíduos sociais, portanto, trata-se de termo que pode ser utilizado de modo individual, tendo esse empoderamento homens e mulheres de acordo com seus próprios objetivos.

O empoderamento da mulher permite a desconstrução da estética padrão, o que é acentuado por Berth (2019, p. 112): “estética é a parte da filosofia que estuda o que julgamos e percebemos como belo, as emoções que essa percepção produz e a definição que se pode fazer entre o que é belo de fato ou não”. A inserção de uma padronização da beleza, como foi falado

anteriormente, traduz uma dominação dos grupos e cria um *ranking* da mais bonita ou não, mais feminina ou não, rivalizando e frustrando as mulheres. Consiste no conceito de empoderamento, segundo Berth (2019, p. 51), a superação individual de certas opressões, mas sem romper de fato com as estruturas opressoras.

Toda e qualquer ação que se pense sob a perspectiva da Teoria do empoderamento visa primordialmente a mudança social com rompimento ativo e processual, tanto coletivo quanto individual, com as estruturas de poder articuladas para serem hierarquizantes à custa da escassez de grupos situados na base (BERTH, 2019, p. 53).

Ao empoderar-se, temos o desprendimento dessa hierarquização patriarcal, homofóbica e racista, reconhecendo-se dentro de suas peculiaridades culturais, incentivando outros sujeitos para condicionar sua participação na sociedade como queira e seja, desfrutando de todos os direitos que lhe cabem como um sujeito livre e autônomo. Contudo, o empoderamento feminino, característico do gênero, já seria um conceito que engloba toda a coletividade do universo da mulher, ou seja, são de todas e para todas. Portanto, o empoderar-se é dar poder às mulheres para atuar no mercado de trabalho ou na política, igualmente ampliada e respeitada como são as condições para os homens, impedindo qualquer restrição e repreensão que as mulheres sofreram por anos em seu processo de domesticação.

Por vezes, o termo empoderamento feminino é aproveitado erroneamente pelas próprias mulheres quando se referem de maneira exclusiva para atender às suas emoções, por exemplo, ao publicar fotos ou discursos com cunho afetivo para expressar sua própria autoestima ou para atingir um significado não abarcado pelos ideais firmados pelo movimento feminista, visto que o verdadeiro sentido do empoderamento feminino precisa de conquista política e pessoal (BERTH, 2019).

Partindo dessa perspectiva, o que é Empoderamento Feminino? Segundo Berth (2019, p. 18), empoderamento é

[...] quando assumimos que estamos dando poder, em verdade, que estamos falando das condições articuladas de indivíduos e grupos por diversos estágios de autoafirmação, autovalorização e autoconhecimento de si mesmo e de suas variáveis habilidades humanas, de sua história, principalmente sobre sua condição social e política e, por sua vez, um estado psicológico perceptivo do que se passa ao seu redor.

E complementa: “[...] é um instrumento de emancipação política e social” (BERTH, 2019, p. 14). Analisa-se se há, de fato, uma discussão de empoderamento feminino entre feministas, não feministas e antifeministas. Vale ressaltar que, mesmo que muitas mulheres não

se levantem para a defesa do movimento feminista, todas almejam e desfrutam das ações conquistadas pelo movimento, principalmente na autonomia do seu direito de ir e vir, na conquista pelo direito ao voto e à educação, no acesso aos programas sociais, etc.

Finalizando, não há como as mulheres que se declaram feministas ou não feministas elucidarem quem é mais empoderada ou quem tem um papel marcante sem compreender o papel social e os discursos que utilizam para defender sua autovalorização e autorreconhecimento na política social das mulheres.

Como já salientamos anteriormente, a maior ilustração da objetificação da mulher está nas campanhas publicitárias, as mulheres jovens, de corpos sarados esbanjando “saúde”, são a estética feminina predominante, incitando-as a serem assim. Saffioti, em *O Poder do Macho* (1987, p. 30), apresenta como a publicidade influencia as mulheres comuns:

Qual é a imagem da mulher nos meios de comunicação de massa? Tome-se, por exemplo, a figura da mulher que anuncia produtos na televisão. A mulher encarna ou a figura da dona-de-casa, fazendo publicidade de produtos de limpeza, alimentos, adornos, ou a figura da mulher objeto sexual, anunciando perfumes, roupas e joias destinados a excitar os homens. Em qualquer dos casos – o da dona-de-casa e o da mulher objeto sexual – a mulher está obedecendo aos padrões estabelecidos pela sociedade brasileira.

As mulheres da sociedade Ocidental, mesmo não se considerando feministas, não desejam propriamente retomar o papel de mera dona de casa e cuidadora, a famosa Amélia²³, mas também esperam que sejam vistas como atraentes, que despertam os sentimentos de seus parceiros para que eles realizem suas vontades e desejos. Assim, necessitam ter sua afetividade correspondida por uma construção social, religiosa ou cultural (MAURANO, 2010).

Destarte, Saffioti (1987, p. 34) apresenta como foi construído o poder masculino que dominou o gênero feminino, colocando sempre a mulher como a dominada, passiva das relações, seja econômica, seja social, seja afetiva:

Geralmente, a mulher está associada a valores considerados negativos, tais como emoção, fragilidade, resignação. Tais valores contêm ideias como: a mulher é incapaz de usar a razão; não é capaz de lutar contra ocorrências adversas, já que se conforma com tudo; é insegura. Estes característicos são

²³ O termo Amélia é usado para designar as mulheres que aceitam suas condições em relação a um relacionamento unilateral, no qual o homem provém tudo e a mulher aceita, trata de mulheres que viviam/vivem para os cuidados do lar, que não exigia nada de seu parceiro. Esse vulgo dado às mulheres surgiu com a música de Mário Lago, que foi difundida por Ataulfo Alves em 1942. No trecho da canção, menciona: Amélia não tinha nenhuma vaidade, Amélia que era mulher de verdade! A frase apresentada da mulher de verdade confirma as convenções estabelecidas pelo patriarcado sobre as mulheres, classificando-as como se mulher de verdade fosse aquela que deve abnegar de seus desejos e vontades para ficar ao lado do companheiro, cabendo-lhe aceitar o padrão de vida que o parceiro oferece a ela. Para saber mais, ver: <https://mulherescantadas.wordpress.com/2011/10/17/amelia-a-mulher-de-verdade/>.

apresentados como inerentes à mulher, isto é, como *algo* que a mulher traz desde o nascimento. Na verdade, esses traços de personalidade são adquiridos ao longo do processo de socialização. As próprias mulheres acabam acreditando que são menos capazes de fazer ciência que os homens, uma vez que não sabem usar a razão.

Devido a essa “aceitação” de que há um mundo próprio para mulheres, tem-se a ideia de que o universo feminino é mais frágil e necessita de uma figura forte para “protegê-la”, amá-la e satisfazer sua afetividade, que foi construída socialmente, portanto, a mulher torna-se mais submissa socialmente, com o fim de realizar-se emocionalmente. Concretiza-se, dessa maneira, a facilidade da construção da dominação masculina:

A dominação masculina, que constitui as mulheres como objectos simbólicos, cujo ser (esse) é um ser percebido (percipi) tem por efeito colocá-las em permanente estado de insegurança corporal, ou melhor, de dependência simbólica: elas existem primeiro pelo, e para, o olhar dos outros, ou seja, enquanto objectos receptivos, atraentes, disponíveis. Delas se espera que sejam "femininas", isto é, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, contidas ou até mesmo apagadas (BOURDIEU, 2005, p. 41).

Seguindo essa vertente, Valenti (2018, p. 25), em *Objeto Sexual: memórias de uma feminista*, relata:

Sim, amamos a presença de homens bons em nossa vida e, às vezes, talvez até com mais frequência do que deveríamos, dos maus também – mas é surpreendente o fato de estarmos em plena revolução contra muitos deles quando se considera esta verdade: os homens conseguem estuprar e matar mulheres e ainda voltar para casa e apreciar seu jantar, preparado por outras delas.

A jornalista descreve a importância da presença masculina na vida da mulher heterossexual por uma condição emocional, afetiva e naturalmente de necessidade sexual. Por essas razões, muitas mulheres, diante de um relacionamento que, mesmo inconscientemente, não tem mais as mesmas emoções que antes, permanecem nele na crença de que, com seu papel de mulher construída como sábia e edificadora, de olhos fechados, os parceiros estão ao seu lado. É a ilusão de um amor romântico que vislumbra que qualquer obstáculo pode ser superado.

É notório como a figura da mulher heterossexual sempre está ligada ao homem de maneira dominada e inferior para proximidade afetivo-emocional. O movimento feminista dá autonomia à mulher em todas as formas e conjunturas, todavia, ainda podemos ver muitas mulheres impregnadas de contradições impostas pelo sistema patriarcal, pois muitas delas ainda não se veem como possuidoras de uma condição autônoma. Segundo Del Pino (1971, p. 34):

é preciso que mulher se incorpore, não num simples programa de libertação de si própria e para si própria, isto é, feminista, mas que se inclua, num acto de consciencialização plena, em todo movimento que lute pela obtenção de liberdade abstracta, mas a liberdade concreta que se expressa na exigência de satisfação imediata das necessidades atuais.

A libertação trata da ruptura da objetificação social das mulheres, que compreenderão que elas não estão presas à doutrinação machista, logo, não necessitam estabelecer sua vida em torno da masculinidade.

Por fim, no próximo capítulo, apresento este estudo sobre as objetificações da mulher no seu aspecto social, que estão ligados a um entendimento que foi construído, trazendo uma reflexão acerca da representação da mulher atualmente. A mulher, mesmo que tenha se libertado de algumas convenções sociais e conquistado espaços na política, no mercado de trabalho e na ciência, ainda carrega um *habitus* feminino incorporado durante seus processos de socialização.

CAPÍTULO 2 – O AMOR NO CENÁRIO CONTEMPORÂNEO

Este segundo capítulo traz uma abordagem sobre o amor e suas concepções sociológicas que influenciaram os pensamentos dos indivíduos de modo a demonstrar como o sentimento tornou-se símbolo de sucesso de vida. Assim sendo, fizemos uma busca incansável através dos pesquisados para encontrá-lo. Foi nítida a percepção de que, devido às transformações dos mecanismos de modo de vida, a afetividade passou a ter uma volatilidade, adaptando as emoções com a nova forma de relacionamento da sociedade contemporânea.

Entre essas transformações, está a inserção da tecnologia que se tornou uma aliada para as pessoas buscarem respostas para suas emoções, suprimindo, aparentemente, sua intimidade. A pesquisa traz as redes sociais como um dos mecanismos mais usados pela sociedade para se conectarem ao mundo para ampliar sua rede de afetividade, bem como para auxiliá-la em questão de foro íntimo, levando-a a expor seus sentimentos e emoções, buscando respostas para suas angústias. A pesquisa demonstra também como as redes sociais servem de meio de satisfação para os indivíduos que necessitam de uma exposição de seus sentimentos para serem aceitos e sentirem-se parte da sociedade.

2.1 Amor: entre o social e o emocional

O amor é o sentimento mais buscado por uma parcela da sociedade, ou seja, é sinônimo de felicidade e dá sentido valorativo à vida, como se tudo tivesse valido a pena. A reciprocidade do amor é a premiação que aparentemente muitos querem receber. Mas o que é o amor, como identificá-lo? Amor é um sentimento que provoca todas as outras emoções: tristeza, alegria, compaixão, ódio, assim, perguntar o que é amor desemboca em inúmeras respostas. Para alguns, amor é um sentimento que foi criado socialmente, não existindo na natureza humana, mas que foi enraizado a ponto de atingir a mente e ser transformado em emoção. Outros responderiam que amor genuíno só existe amor de Deus e de mãe, enquanto os demais podem afirmar que o amor existe em todas as relações, no caso, entre homem e mulher.

Cabe ressaltar que a variedade das respostas tem um cunho emocional que pode ser resultado das próprias experiências que cada um viveu para chegar a essa ou àquela conclusão. Portanto, deparamo-nos frequentemente com as frustrações e as bem-sucedidas experiências das pessoas a respeito do amor.

Em relação às diferenças entre amor e paixão, para Bauman (2004), pode-se pontuar que amor é abnegação, caridade, compaixão, liberdade, aceitar a pessoa como ela é, sem cobranças, eterno; já a paixão é atração, posse, propriedade carnal e sexual, sendo passageiro. Nesse sentido, o amor, como desencadeador de emoções, provoca reações comportamentais e físicas nas pessoas, sendo um assunto muito estudado na vida cotidiana, objeto de estudo nas Ciências Humanas e Naturais. Nesta última, é representativo dos estímulos neurais e biológicos do ser humano; já nas Ciências Humanas, ele se baseia em como os indivíduos apresentam suas emoções e sentimentos (ALEXANDER, 1987). É neste último aspecto que abordaremos este capítulo.

Na Filosofia, o berço do conhecimento das Ciências Humanas, por exemplo, temos *O Banquete* (1987) escrito por Platão, o primeiro a tentar decifrar este sentimento, acreditando que o amor é algo puro, fruto da essência humana, livre e despendido, que não tem interesses e não precisa ser consumado de modo recíproco. Existe “*de per si*”. Suas descrições deram ao vulgo popular “Amor Platônico”, aquele que vive nos campos das ideias, não correspondido, um amor impossível, ou seja, aquele sentimento que grande parte da população viveu na infância, na adolescência por alguém com quem seria “impossível” concretizá-lo por condições alheias. É o amor fruto do medo! A ideia apresentada por Platão abriu precedente para classificarmos o amor em suas fases, seus sentimentos, seus objetos, seus desejos, suas condições e sua evolução ao longo dos tempos (PLATÃO, 1987).

Após a identificação da existência do amor e sua denominação original, a próxima definição a ter sua identidade percebida foi o “amor cortês”. Segundo Bozon (2004), este amor nasceu no século XII, com a literatura medieval, tendo como exemplo a história dos jovens Romeu e Julieta, genuína e verdadeira, mas que não se concretiza. O “amor cortês” nasce com a literatura romancista, também lido como medieval, é o amor vivido em sonho, desejo universal de quem busca esse sentimento, remonta às ideias do flerte, dos olhares, dos presentes, das declarações, de modo que, diferentemente do platônico, encontramos reciprocidade, é o amor correspondido, aquele que atravessa todos os obstáculos do casal de amantes.

Com essa significação, presenciamos começar daí um leque de causas e consequências desse sentimento, de tal sorte que surge a ideia de que o amor é um disciplinamento social, que resulta em uma gama de contradições de sentimento e emoção que separarão o amor como algo natural do amor construído e vivido socialmente.

Bozon (2004, p. 34), em *Sociologia da Sexualidade*, diz que, com “amor cortês”, se fez “a invenção do amor conjugal, que aconteceu dentro de um processo multissecular de criação de um domínio para intimidade”. Bozon (2004) ainda destaca que o amor é invenção, uma

construção social, portanto, algo que foi estabelecido pela sociedade, formado como deve se sentir e agir nas relações, descartando que seja algo que faz parte do ser humano, espontâneo, verdadeiro ou fatídico. Então, é uma construção que tem padrão, um disciplinamento da conduta social, portanto, observa-se que o amor, nesta concepção, é racional, você escolhe quem “amar” e o ser amado deve ser conquistado.

Outro ponto sobre o amor são os pormenores dele, como a intimidade e o campo das emoções que Bozon (2004, p. 34) traz, lembrando-se de Norbert Elias (1973), que “a passagem de uma sociedade em que as emoções e as funções corporais eram visíveis e explícitas a um mundo a controlar, cada um por si mesmo, os seus afetos e as manifestações de seus corpos”. O amor, que antes era um sentimento, passa a ser uma emoção. Sentimento é algo concreto, ligado ao valor e à virtude; emoção é um “instinto”, desejo da consumação desse amor, são as atitudes tomadas em relação a esse sentimento.

Em relação à intimidade e como esta se constrói de acordo com seus sentimentos, experiências e emoções com longo do tempo, Anthony Giddens (1993) traça um estudo a partir da análise de fatos sociais vividos pela humanidade e como estão presentes no contexto contemporâneo. Para elucidar sua ciência sobre o assunto, classifica os tipos de amor, como são sentidos e vividos e como se estabeleceram nas relações afetivas na sociedade. Ainda para Giddens (1993, p. 50), o amor romântico é o relacionamento puro, que estabelece um vínculo emocional duradouro, sendo o mais buscado pelos indivíduos, cheio de emoções e prazeres, mistura e calma de uma relação saudável com um desejo ardente de paixão. É a relação perfeita, como podemos acompanhar pelas palavras do autor:

O amor romântico, que começou marcar a sua presença a partir do final do século XVIII, utilizou tais ideias e incorporou elementos de *amour passion*, embora tenha se tornado distinto deste. O amor romântico introduziu a ideia de uma narrativa para uma vida individual – fórmula que estendeu radicalmente a reflexividade do amor sublime. Contar uma história é um dos sentidos do “romance”, mas esta história tornava-se agora individualizada, inserindo o eu e o outro em uma narrativa pessoal, sem ligação com processos sociais mais amplos. O início do amor romântico coincidiu mais ou menos com a emergência da novela: a conexão era forma narrativa recém-descoberta.

O amor apaixonado é emergencial, impulsivo, regado de sentimento de posse, atração, nada traz a calma do romântico, de modo que a ideia de seu consumo e satisfação não está em somente em estar ao lado da pessoa, compartilhando experiências, mas, sim, na pele, no toque, nas trocas de carícias. Conforme Giddens (1993, p. 48):

o amor apaixonado é marcado por uma urgência que coloca a parte das rotinas da vida cotidiana, com a qual, na verdade, ele tende a se conflitar. O

envolvimento com o outro é invasivo – tão forte que pode levar o indivíduo, ou ambos os indivíduos, a ignorar as suas obrigações habituais. O amor apaixonado tem uma qualidade de encantamento que pode ser religiosa em seu fervor. Tudo no mundo parece ser mais viçoso, embora talvez ao mesmo tempo não consiga captar o interesse do indivíduo que está tão fortemente ligado ao objeto de amor. O amor apaixonado é especificamente perturbador das relações pessoais, em um sentido semelhante ao do carisma; arranca o indivíduo das atividades mundanas e gera uma propensão às opções radicais e aos sacrifícios.

Segundo Giddens (1993, p. 54), o amor romântico era definido essencialmente como “feminilizado”, ou seja, um amor que afetou as mulheres em sua amplitude como “invenção da maternidade” e busca de um parceiro ideal que preencha toda sua idealização do que é amor e como ser amada. O estudioso completa: “as ideias sobre o amor romântico estavam claramente associadas à subordinação da mulher ao lar e ao seu relativo isolamento do mundo exterior”.

O amor confluyente é contingente e instantâneo, a *priori*, pode ser confundido com o apaixonado por ser fulminante e intenso, todavia, a diferença daquele em relação a este é que não existe uma projeção, uma ideia de futuro juntos; já o apaixonado traz a ilusão de que este sentimento é verdadeiro.

Giddens (1993) condiciona também que todo relacionamento afetivo-emocional é amor, é um sentimento que faz parte da essência humana, mas que toma diretrizes diferentes a partir dos interesses e das condições oferecidas em relações a ele. O amor existe, é fato, mas está na conjuntura das diversas emoções que ocorrem, dependendo do momento em que a pessoa está, da disposição social das relações, como este foi “encontrado” e da reciprocidade pelo outro. Em decorrência desses sentimentos afetivo-emocionais, temos como resposta a sexualidade, a relação sexual, que é a consumação do desejo entre o casal.

Bauman (2004, p. 19), em *Amor Líquido*, define: “o conjunto de experiências às quais nos referimos como palavra amor expandiu-se muito. Noites avulsas de sexo são referidas pelo codinome de ‘fazer amor’”. O autor fala sobre o amor, sua mensuração, sua fantasia sobre ele, relacionamento, sexo, enfim, faz uma análise sobre paixão e “despaixão”, o amar, suas dificuldades e a convivência humana destruída. Ao se referir ao amor, reflete que houve uma transformação no seu significado original, logo, quem ama quer desfrutar de um *status* diferente de outros acontecimentos:

Não devemos nos surpreender se essa suposição se mostrar correta. Afinal, definição romântica do amor como “até que a morte nos separe” está decididamente fora de moda, tendo deixado para trás seu tempo de vida útil em função da radical alteração das estruturas de parentesco às quais costumava servir e de onde extraía seu vigor e sua valorização. Mas o desaparecimento dessa noção significa, inevitavelmente, a facilitação dos

testes pelos quais uma experiência deve passar para ser chamada de amor (BAUMAN, 2004, p. 19).

A respeito da sexualidade, Giddens (1993, p. 25) destaca:

É algo que cada um de nós tem, ou cultiva, não mais uma condição natural que o indivíduo aceita como um estado de coisas preestabelecido. De algum modo, que tem de ser investigado, a sexualidade funciona como um aspecto maleável do eu, um ponto de conexão primário entre corpo, autoidentidade e normas sociais.

Já quanto à sexualidade, Giddens (1993, p. 159) define duas formas, a plástica e a episódica. “A sexualidade plástica poderia tornar-se uma esfera que não mais contivesse os detritos das compulsões externas, e, em vez disso, assumiria o seu lugar como uma dentre outras formas de autoexploração e construção moral”. Em outras palavras, é pelo bel-prazer, para a satisfação da libido humano, que não sofre interferência do amor cortês descrito por Bozon (2004); a intimidade é o afeto dos indivíduos, é algo pessoal, que não tem obrigação de formação de uma família ou de agradar a sociedade, mas tem como satisfação somente a própria individualidade.

Já a sexualidade episódica, no conceito de Giddens (1993), é menos que sexualidade plástica; a episódica tem como vulgo popular o sexo casual, surgido de encontros furtivos, cuja atração momentânea nasce e faz consumir prazeres carnis sem qualquer sentimento, sendo meramente fruto de desejo. Valendo se ressaltar que, este é um dos elementos que servem de traição, pois trata-se simplesmente, entendida por alguns, algo somente físico. Assim sendo, é permitido.

Por fim, Giddens (1993, p. 33) conclui: “a sexualidade é uma elaboração que opera dentro dos campos de poder, e não simplesmente um conjunto de estímulos biológicos que encontram ou não uma liberação”. Para o autor, a sexualidade é, além da lascívia, uma resposta social construída para estabelecer um padrão dentro da sociedade, mas, por momentos, não se sabe se é algo que liberta o indivíduo ou aprisiona, acreditando que esta faz parte de uma necessidade do indivíduo.

Em relação à conceituação sobre amor na contemporaneidade, Eva Illouz (2011, p. 9) descreve, em *Amor em tempos de capitalismo*, como esses sentimentos são regados pelo *Homo sentimental*, traduzindo em resultado de afeto:

O afeto não é uma ação em si, mas é a energia interna que nos impele a agir, que confere um “clima” ou uma “coloração” particulares a um ato. Por isso, o afeto pode ser definido como o lado da ação que é “carregado de energia”, no

qual se entende que essa energia implica, simultaneamente, cognição, afeto, avaliação, motivação e corpo.

A conceituação dada por Illouz sobre afetividade compreende que ela está ligada diretamente à psicologia e à biologia do ser social, trata-se de uma disposição com a qual o indivíduo se propõe para que esta seja sentida, considerando os *habitus* afetivos, “que funcionam não apenas construindo e expandindo o campo patológico, bem como mercantilizando o campo da saúde afetiva, mas regulando o acesso a novas formas de competência social que prefiro chamar de competência afetiva” (ILLOUZ, 2011, p. 92). Ou seja, Illouz trata o afeto como condição do amor, traçado com um conjunto de aspectos comportamentais individuais do ser diante de fatores externos que causam consequência no indivíduo.

Nos aspectos comportamentais, denomina-se de inteligência afetiva “um conjunto de inteligência social que envolve a capacidade de monitorar as próprias emoções e as dos outros, discriminá-las entre si e usar essas informações para nortear o pensamento e os atos” (ILLOUZ, 2011, p. 94).

As ideias apresentadas por Illouz concretiza o amor e o amar enquanto uma construção humana, trazendo como deve ser sentido e percebido pelos indivíduos, ou seja, é algo que pode ser controlado através de uma racionalidade sobre os sentidos das emoções e dos gestos. Dessa forma, confirma Giddens (1993) que o amor tem suas dimensões e seus interesses sobre o outro, mesmo que seja algo que nasça espontaneamente, podendo ser passado por um crivo de análises de compensação ou não dessa relação.

Diante dessas percepções e controles, pode-se amar romanticamente, apaixonadamente ou confluentemente, e tudo é amor, entendido como sentimentos, afetos e atrações que os indivíduos experimentam, que vão se moldando por meio das normas e dos padrões que as sociedades estabelecem. Para Bauman (2004, p. 32), “o amor é uma resposta paliativa a essa benção/ maldição da individualidade humana, que tem como um dos seus muitos atributos a solidão que a condição de separação traz consigo”.

Mesmo que a definição de amor seja algo individualizado, cada sujeito busca encontrar alguém que o ame conforme espera e que o outro reconheça o amor dele. Dessa forma, as pessoas, quando se relacionam, têm seus pensamentos modelos de amor que querem viver e, assim, projetam no outro suas vontades e desejos.

2.2 Amor à brasileira ou Amor brasileiro

Estudando sobre o amor desde sua construção e transmutação e as referências sempre conceituadas a partir de um olhar que distancia da realidade dos latino-americanos, surge a pergunta: será que a ideia e a concepção de amor são o que explica e representa o brasileiro?

Bem, a maior referência sobre amor e as relações afetivas que une os indivíduos tem sido Bauman (2004), com o famoso amor líquido, ou seja, relações que são superficiais, sem sentimento profundo, com mutabilidade de parceiros quando estes não atendem suas expectativas.

Todavia, a definição não conduz com a realidade e o processo cultural de brasileiros(as) (es), já que somos conhecidos por serem calorosos, alegres, amistosos, fato que diferencia totalmente do pensar e explicar de Bauman sobre o amor, pois o estudioso era um polonês que vivenciou uma educação e uma cultura diferentes do contexto brasileiro.

As diferenças culturais são determinantes para o amor, para os sentimentos e para as relações afetivas. No Brasil, ao avançar historiografia do amor e casamento, Del Priore (2006), em sua obra sobre *História do amor no Brasil*, descreve que, por ser colonizado por europeus, o amor passou por uma transmutação de seus significados e sentidos. Del Priore (2006, p. 70) destaca que,

O sentimento amoroso, essência de todas as virtudes, reproduzia as condições sociais então existentes. Ele traduzia um “serviço” de tipo feudal, mas, também uma série de provas que consistiam em um método de purificação do desejo. Para manifestar o valor de seu amor e merecer a eleita, o cavaleiro, deitado no mesmo leito que sua dama, separado dela por uma espada ou uma ovelha, símbolo da pureza, observava a estrita castidade. Todavia, os casamentos ainda eram tratados como grande ato de comercialização e interesse, somente com o passar dos anos que o amor e o casamento passam ser um complemento do outro.

Nesse tempo, havia uma separação para o casamento; dentro dele cabia o “amor contido” e, para fora dele, o “amor-paixão”. O matrimônio era algo sagrado, pois jamais, na consonância do casamento, haveria uma relação ou um sentimento mais caloroso. Com o tempo, a Igreja, como diz a autora, passa a domesticar o amor, colocando as regras que cabiam principalmente à mulher:

O sentimento de dever e de disciplina reproduzia a perspectiva patriarcal em relação às mulheres bem como a seus sentimentos, dentro ou fora do matrimônio... a mulher precisava ser reinscrita em um sistema de hierarquia e obediência (DEL PRIORE, 2006, p. 74).

O amor antes desse processo de domesticação era livre, homens e mulheres possuíam os mesmos direitos em suas relações afetivas, até mesmo a permissão de relação extraconjugal. Mesmo tendo as mesmas raízes de construção, no Brasil, o amor passa a ter definição e sentimento diferentes.

Com a mistura das raças, cria-se sua própria cultura e sentimentos: O sangue negro ou índio corria em distintas famílias e a influência africana começava com a mulata ensinando as crianças brancas a falar com a tal “graça crioula” dos diminutivos (DEL PRIORE, 2006, p. 218). Tais influências ocuparam papel na significação de amor através de poesias, música e outras artes nas quais a propagação do amor é bastante forte, porém, mesmo sendo fruto de miscelânea, a romantização e os poemas exaltavam mulheres brancas. Quando o poeta ama, o objeto desse amor é a “mulher tudesca”, branca, “da cor nupcial da flor de laranjeira”, e loura, “com doces tons de ouro”. (DEL PRIORE, 2006, p. 225).

Outro ingrediente que foi fundamental para construir um ideal de amor no Brasil é o samba, com letras e gingados que exaltavam a mulher, construindo um homem malandro, mas que era adorador das mulheres, estimulando, assim, o ideal fantasiosa das relações afetivas.

A mulher é o elemento propulsor do enredo desse samba. E ela que acusa o narrador de ser moleque por não trabalhar. E ele se defende acusando-a de ser uma consumidora insaciável e ter um caráter predador, pois quer o ingresso do homem no mundo do trabalho e do dinheiro para sustentá-la. No imaginário masculino, tal como ele aparece na MPB, a mulher figura como pivô do conflito entre a necessidade de trabalhar e o prazer. Ela tem dois papéis. Primeiro, o de representante do mundo da ordem, da família, do emprego e, finalmente, da monotonia cotidiana (DEL PRIORE, 2006, p. 269).

Nesse sentido, as novelas são a mais forte influência de amor, principalmente para as mulheres. O papel da mulher na sociedade sempre foi construído para ser do lar e para o lar, assim, para algumas mulheres que acordam 5h da manhã, trabalhavam o dia todo, chegavam em casa à noite, a única diversão era a novela. As fantasias proporcionadas pelas novelas, por exemplo, pelas casas ricas, pelas roupas ditando moda e pelas histórias de amores ‘impossíveis’ com finais felizes, alimentam o sentimento de amor.

Assim, a “máquina de difusão do amor” que é o cinema proporciona uma espécie de valorização do casal solidário, em um mundo em transformação. Eles dançam, cantam, sapateiam, abraçam-se, pulam, flutuam no ar e os problemas se desvanecem. Quanto ao público, ele chora, canta junto, sai do cinema, compra o disco e, se tem a sorte de um braço para afagar, tanto melhor. Anjos e demônios também invadem o imaginário das telas de cinema. Embora as representações, sobretudo femininas, convidassem a novos padrões de comportamento, até mesmo amorosos, elas aqui se chocavam com a mentalidade patriarcal que via nas vamps ou vampiras, o avesso da mulher

ideal. A diva fatal, envolta na fumaça da cigarilha, em turbantes e pijamas de seda, exótica e perturbadora, enchia, graças a técnica do close-up, a tela e a imaginação. Ademais, vamps eram sempre mulheres possuidoras de curvas avantajadas e insinuantes, enquanto as ingênuas eram frágeis, delicadas “como biscuits” magras e de feições angelicais (DEL PRIORE, 2006, p. 276).

Analisando a história de amor no Brasil, podemos dizer que, para o brasileiro, o amor é personificado, amor à brasileira é caracterizado pela uma nova roupagem de um amor cortês. Por exemplo, a plataforma *Tinder*, criada nos Estados Unidos, tem como objetivo sexos casuais, mas aqui no Brasil se tornou ferramenta para busca de um parceiro afetivo para se ter um relacionamento duradouro e comprometido.

Os/as brasileiros/as são grandemente influenciados pela ideia de um amor volátil e líquido, no entanto, as mulheres ainda são influenciadas para a busca de um amor eterno, ou seja, um relacionamento duradouro.

2.3 Internet, Rede Sociais e Amor

Com a chegada da *internet*, uma nova interação social começou a fazer parte do cotidiano das pessoas, e o uso das redes sociais passou a agir como uma forma de mediar os relacionamentos.

Conforme pontua Silva (2016, p. 184), “a internet surgiu em 1969 através da iniciativa do Departamento de Defesa dos EUA, no período da Guerra Fria, de criar uma rede de troca de informações resistente a ataques nucleares”. Desse modo, quando foi criada, teve como objetivo a defesa das ameaças de guerras perante os conflitos entre os países imperialistas que venceram a Segunda Guerra contra Hitler. Assim, seu objetivo era manter o controle das comunicações entre os países vencedores, como os Estados Unidos e a antiga União das Repúblicas Soviéticas.

O sistema capitalista, exaltado pelos EUA, foi quem mais se aproveitou da criação, pois conseguiu propagar seu discurso e avançar sua economia e sua ideologia para o mundo, veiculando a ideia de que os países, para atingir o progresso, necessitavam estabelecer as mesmas regras e condutas que adotavam. Era o início do *American of life Way* – Estilo de Vida Americano.

Ter um computador, conectar-se e abranger sua rede de relacionamentos tornou-se exemplos de um estilo moderno que fascina diversas pessoas no mundo globalizado:

As redes sociais são definidas como uma rede de pessoas que é formada através da aproximação de valores e/ou interesses compartilhados, estabelecida

através de uma troca de informações. Essas redes são estruturas dinâmicas e flexíveis que se modificam ao longo do tempo e tanto influenciam quanto são influenciadas por seus atores e pela relação entre eles (SILVA, 2016, p. 185).

Com essa premissa de que a *Internet* possui cunho meramente econômico, certamente a aculturação desdobrou-se no surgimento das redes sociais, que tornaram-se o maior meio de comunicação entre as pessoas e, claro, um indicador do comportamento afetivo-emocional dos indivíduos, que fazem das redes sociais uma extensão de sua vida íntima. A facilidade de conectar-se, conhecer pessoas e pertencer a uma rede criou uma mentalidade coletiva, um novo tipo de afeto²⁴.

Conforme Castells (1999) destaca, em *A sociedade em rede*, há uma cultura da virtualidade real, uma integração da comunicação eletrônica, o fim da audiência de massa e o surgimento de redes interativas de forma tão veloz como nunca havido:

A internet tem tido um índice de penetração mais veloz do que qualquer outro meio de comunicação na história: nos Estados Unidos, o rádio levou trinta anos para chegar a sessenta milhões de pessoas; a TV alcançou esse nível de difusão em 15 anos; a *Internet* o fez em apenas três anos após a criação da teia mundial (CASTELLS, 1999, p. 439).

Tal criação transformou todas as relações sociais, econômicas e culturais, mas as sentimentais foram as mais latentes, visto que a *internet* traz emoções, pois, ao mesmo tempo, possibilita um “anonimato” e nutre um encorajamento para demonstrar o que as pessoas guardam em seus íntimos:

Dessa forma, a *Internet* não cria, mas sim reproduz uma série de situações que estão presentes na própria sociedade. Porém, alguns de seus aspectos são próprios dela, como qualquer meio de comunicação. Assim como ela deu um novo significado às relações, favorecendo o anonimato e a espontaneidade, além de minimizar questões como a vergonha e a inibição, também propicia que a pessoa selecione aquilo que ela gostaria de mostrar, alimentando certas fantasias (SILVA, 2016, p. 187).

As emoções dos indivíduos trazidas pela *internet* trouxeram à tona a nova mentalidade de como agir no mundo social, daí o surgimento deste tema para compreender a sociedade. Na *internet*, é quase tudo permitido, pode-se mostrar e falar o que quer, ser quem não é, de modo que o mundo virtual transcende a realidade; as pessoas podem se construir em outros aspectos, bem como demonstrar quem em seu íntimo é ou, ao mesmo tempo, estar protegido pelas linhas óticas da *internet*. Em relação a isso, Castells comenta que

²⁴ Afeto é o sentimento de empatia e simpatia que são fundamentadas pela atração que surge no caso, pessoalmente, pela energia e falas das pessoas e, nas redes sociais, pelas fotos, comentários e papos por meio de aplicativos de chats e conversas (ILLOUZ, 2011, p. 9).

(...) ‘virtual é o que existe na prática, embora não estrita ou nominalmente, e real é o que existe de fato’. Portanto, a realidade, como é vivida, sempre foi virtual porque sempre é percebida por intermédio de símbolos formadores da prática com algum sentido que escapa à sua rigorosa definição semântica (CASTELLS, 1999, p. 149).

No aspecto emocional, no relacionamento afetivo-amoroso, a *internet* é uma grande aliada para quem tem dificuldades de encontrar um parceiro. Inúmeros *sites* de relacionamentos prometem que encontrará o seu par perfeito. Acreditando que seu parceiro ideal está em algum lugar do planeta e na busca incessante de viver um amor, as pessoas de várias classes sociais, etnias e gêneros cadastram-se em perfis de relacionamentos para que seu amor seja encontrado por meio tecnológico, matemático e estatístico para a realização de suas necessidades íntimas emocionais ou trazendo-lhe o romance tão esperado. Então, a busca tem sido por dois amores: o romântico tradicional e o obtido por meio tecnológico.

Ilustrando isso, a autora Eva Illouz (2011, p. 129) diferencia amor romântico tradicional e aquele que é buscado nas redes sociais:

Enquanto amor romântico é caracterizado por uma ideologia da espontaneidade, a *internet* exige uma forma racionalizada de escolha do parceiro, o que contradiz a ideia do amor como uma revelação inesperada, que irrompe na vida da pessoa contra sua vontade e razão. Enquanto o amor romântico tradicional está intimamente ligado à atração sexual – em geral, provocado pela presença de dois corpos materiais, físicos –, a *internet* se baseia numa interação textual incorpórea. O resultado é que na *internet*, a busca racional ganha precedência, no texto e na abordagem, sobre atração física tradicional. Além disso, o amor romântico pressupõe o desprendimento, ou seja, uma completa separação entre a esfera da ação instrumental e a esfera dos sentimentos e emoções.

O amor através das redes sociais surge na contramão do tradicional, já que suas condições e seu surgimento são produzidos pelo imaginário que uma pessoa faz sobre a outra. Isso quer dizer que o amor nas redes sociais é construído pelo mesmo *modus operandi* de uma publicidade ou propaganda, em que é produzido tudo que se espera ouvir, falar e, principalmente, sentir. Já no amor tradicional, Illouz apresenta 4 (quatro) processos básicos: atração fundamentada no corpo; atração que mobiliza a experiência; semiconsciente ou inconsciente, e amor romântico que idealiza o outro.

Nas redes sociais, o romântico virtual observa também esses processos. Atrações fundamentadas dos corpos são feitas pelas fotos, comumente retocadas por *photoshop*; a atração mobilizada se encontra nas conversas no modo privado, nas quais os pares trocam informações sobre vida e experiência; semiconsciente ou inconsciente é o imaginário de estar fisicamente

com a pessoa, sentir seu cheiro, sua energia, e a idealização do outro, sem dúvida, é muito recorrente quando se mantém uma relação apenas virtual.

Bárbara Semerene (1999, p. 31), abrindo as portas dos salões virtuais, conclui que as relações estabelecidas no espaço virtual são a “verdade virtual”, destacando que o mais importante é a escrita cifrada, a habilidade de ser entendido, sendo a ferramenta principal para a interação afetiva. Complementando, Cunha (1999, p. 117) comenta que “as relações mantidas em *chats* não estão substituindo as reais, e sim são complementares. Assim, as relações virtuais vêm satisfazer algo que está incompleto na vida real, na fantasia ou em qualquer necessidade que o indivíduo tenha”.

Sobre a conquista do amor, afeto ou sentimento, a autora diz: “A internet não é meio que pretere a apreciação física em prol das ideias, ideologias, princípios. A maioria dos conversadores pede fotos do outro com quem bate-papo, e, mesmo nas conversas, as primeiras perguntas são, na maioria das vezes, uma descrição do físico” (SEMERENE, 1999, p. 40). Continuando, Semerene (1999) comenta a fragilidade das relações em *chats* privados, em que se tem poucos dados da pessoa, somente *nickname*, idade e alguns detalhes, mas a autora observa que tais detalhes já servem como atrativo para quem interage nas conversas e nas possíveis conquistas.

Pelúcio (2017) aborda que os aplicativos de relacionamentos são buscas para que homens e mulheres encontrem seus parceiros e vivam o amor, no entanto, aparentemente representam que os indivíduos apenas buscam sexo, já que, de posse do aplicativo, escolhem parceiros através de fotos e conversas a fim de possíveis encontros e relacionamentos íntimos. Mas estas novas formas de conquistas também possuem dificuldades e barreiras. E, para as mulheres, tais barreiras são mais latentes, elas ficam receosas de encontrarem com desconhecidos e/ou não terem o comprometimento do parceiro, o que ocorre também na relação presencial.

Pelúcio associa o amor por intermédio da *internet* ao sistema capitalista, que reconfigura os instrumentos para satisfação afetiva, “o amor encontrou-se com o mercado e foi um *match* perfeito” (PELÚCIO, 2017, p. 111).

Em redes sociais como *Facebook* e *Instagram*, as pessoas relatam quase tudo de sua vida, de forma que os interessados as acompanham, analisam seu conteúdo e dão *likes* para interagirem. Desse modo, pode-se avaliar que estes *sites* são mais válidos para conquistar, pois o indivíduo pode saber as ferramentas de conquista adequadas à pessoa de seu interesse.

Sobre o discurso da sexualidade nos *chats*, Lara Haje e Maria Attuch (1999, p. 81) comentam que “a ausência de barreiras inibidoras e controle social criaram uma atmosfera de

gratificação e bem-estar, possibilitando uma total liberação do imaginário e, assim, a experimentação de intenso prazer”. Portanto, o virtual é uma alternativa à busca do amor romântico para ser vivenciado na realidade, acontece que o mecanismo de encontrar está na modelagem da vida moderna. No caso, a tecnologia pode “escolher” seu parceiro, limitando as possibilidades de relacionar-se erroneamente e, assim, selecionar quem mais o agrada, quem prospera mais no perfil ideal para relacionamento, propiciando uma “maior certeza” de que seu amor para vida inteira foi encontrado.

É importante verificar que os amores de rede social somam dados racionais e emocionais das pessoas, criando uma atmosfera de que o amor é algo que advém não somente de emoções, mas também é resultado de uma escolha racional.

2.4 Redes Sociais e as emoções

As redes sociais demonstram o modo de vida das pessoas e seu cotidiano. Nas páginas pessoais, elas registram seus eventos, suas conquistas, seus afetos, por exemplo, jantares, viagens, festas, enfim, seus momentos mais significativos. Considera-se que, dependendo das curtidas (dos *likes*), pode-se perceber o que sua rede de amigos compartilha como sendo mais relevante. Também neste espaço os usuários dão notoriedade aos eventos vividos e relatam seus desejos, ânsias, felicidade e, muitas vezes, até suas frustrações. Nesse sentido, há uma exposição de suas emoções. Podemos comparar as redes sociais de hoje com os antigos diários que os sujeitos contavam sobre seu cotidiano, ressaltando que este último se diferenciava por ser, quase sempre, secreto.

O objetivo da rede social é a integração dos indivíduos e a conectividade de povos de todas as culturas e identidades, resultando no compartilhamento de vivências entre as pessoas (SILVA, 2016). Ao se cadastrarem, os sujeitos, tipificados como “os internautas”, preenchem alguns dados pessoais, elaborando suas bibliografias a respeito de suas preferências por livros, filmes, seriados e preferências etc. Assim sendo, essas informações são lançadas em um mundo virtual, podendo ser destinadas tanto a interesses de cunho profissional, quanto pessoal, contribuindo, então, para que os sujeitos façam novas amizades, aumentem o capital social e cultural (BOURDIEU, 2005) e até tenham um relacionamento amoroso mais prático, considerando a temporalidade e o imediatismo, ou seja, as “relações de bolso” no cenário das relações contemporâneas (BAUMAN, 2004, p. 37).

Nas redes, observa-se uma concorrência velada entre os sujeitos, cada um querendo apresentar-se como mais interessante, mais charmoso, e isso é medido pela quantidade de comentários e *likes* que recebem em seus *posts*. Outra observação que merece destaque está nos conteúdos publicados nos perfis, visto que, para se conquistar seguidores, o/a usuário/a necessita que sua página social apresente coisas interessantes, despertando a curiosidade do público. Assim, muitos sujeitos utilizam recursos variados de acordo com o público que queira atingir, alguns se dedicam mais a fotos pessoais do que compartilhamento de notícias e afins, como se não quisessem se indispor na rede acarretando a perda de seus seguidores.

2.5 Me ama? Me assume nas redes sociais

Vimos como a rede social representa algo de grande importância na vida da sociedade e como ela passou a ser uma extensão da vida cotidiana para obter informações sobre economia, relacionamentos etc. No campo afetivo, serve para efetivar seus anseios na busca por um parceiro ou até mesmo anunciar que não está em busca dele, por exemplo, no *Facebook*, tem um campo onde se insere *status* de relacionamento. Logo, na capa da página, espaço em que se apresenta foto, bibliografia e interesses, tem um campo no qual há as opções: casado(a), viúvo(a), solteiro(a), relacionamento aberto e relacionamento sério, ou seja, se não é nada sério ou se está namorando.

Dessa forma, percebe-se que as pessoas apontam suas intenções na rede, avisando aos seus pares ou possíveis interesses para um novo relacionamento, despertando as correspondências de outras pessoas quando disponíveis ou evitando que seja abordada (o) de maneira inconveniente quando comprometida (o).

Para muitas mulheres usuárias de redes sociais, não basta vivenciar o relacionamento intimamente, ela precisa dar publicidade a ele, divulgar que encontrou alguém e que está feliz. Desse modo, a rede social se torna um mecanismo que serve para divulgação de um relacionamento, colocar foto ao lado do parceiro, fazer declarações de amor, um amor vivido na era digital. Contudo, muitos relacionamentos não são assumidos nas redes sociais. Bento (2015) pesquisou homens que buscam um relacionamento duradouro e que almejam um publicitar sua parceira, porém, como o foco da pesquisa é o papel da mulher ao *hackear*, precisamos restringir o nosso público-alvo – as mulheres, que, quando não são assumidas o relacionamento, começam a ter inúmeras dúvidas sobre o sentimento, sobre a real intenção do seu parceiro.

Vários *blogs* destinados ao público feminino e revistas do gênero, como *Delas* e *Superela*, tem como tema a vida amorosa das mulheres e suas vivências realizadas no campo afetivo, mas a maioria dos relatos é sobre suas decepções e dúvidas nos relacionamentos. O blog *Superela*²⁵, que discute assuntos femininos, feminilidade e relacionamentos, apresentou em uma de suas pautas a insatisfação de uma seguidora em relação ao parceiro e foi aberto um Fórum, no qual outras mulheres aconselhavam-na e dividiam sua vivência:

Ele não quer colocar em um relacionamento sério no Facebook

Bom, vamos lá! Tenho um rolo desde junho, que só virou namoro porque eu não quis mais só ficar e terminei. Dez dias depois, ele foi na minha faculdade e me pediu em namoro. Ontem eu estava no face e vi que meu ex mudou o status de relacionamento, começaram a namorar dois dias depois de mim. Eu disse pro meu namorado que podíamos mudar o status e ele não quis, disse que ninguém precisa saber, que nós dois sabemos que estamos juntos e que nos amamos. Na mesa do bar, um amigo disse que se ele se recusa a colocar é pq alguma coisa tem (algo em vista ou rolo). De fato, ele é bem mais na dele, mas não vejo motivos para isso. O que vocês acham? *Criis* (SUPERELA, 2016).

Esse tipo de preocupação é bem comum entre as mulheres que se relacionam com parceiros há alguns meses e ainda não se sentem reconhecidas como oficial na relação e compreendem que, para tanto, necessitam serem assumidas por ele nas redes sociais, alterando o *status* no *Facebook* para “relacionamento sério”. Tal atitude mostraria que não há o que esconder, demarcando território, causando a sensação de que realmente é sério o relacionamento. E, acrescentando na análise, pode-se observar que, *Criis*, queria na verdade que o ex, soubesse que estava em outro relacionamento, que como dizem: já superou.

Notamos também uma grande importância que as mulheres dão ao fato de serem apresentadas à família de seus parceiros a fim de serem assumidas, o mesmo vale para o ciclo de amizades e, principalmente, para o *status* nas redes sociais, pois, embora vivam numa sociedade com influência do feminismo, onde os relacionamentos são construídos de modo mais aberto, menos convencional, as mulheres ainda estão enraizadas nas relações de gênero tradicionais e patriarcais nas quais há a separação da mulher para casar e da mulher para se divertir (CARLOS, 2011). Outra ideia também valorizada no mundo virtual é a que faz menção ao amor romântico (GIDDENS, 1993), perfeito, recíproco e verdadeiro, em que os dois estão dispostos a enfrentar tudo e todos para viver este amor, que serão felizes para sempre.

²⁵ O blog é direcionado às mulheres que relatam suas vivências afetivas e trocam suas experiências através de comentários de outras mulheres, vale ressaltar que os comentários no grupo são de mulheres que falam sobre suas próprias percepções e sentimentos. Para mais informações ver: <https://superela.com/clube/37584/ele-nao-quer-colocar-em-um-relacionamento-serio-no-facebook>. Acesso em: 14 abr. 2020.

Em resposta à seguidora Cris, observamos o depoimento de outra mulher que sugere discricção:

Bom dia!! Eu acho que, pra mostrar pros outros que você está com alguém, não precisa mudar *status* no face não, até porque o que dá ibope é coisa ruim, coisa boa traz inveja, você estando com ele e feliz, não precisa de mais nada. Atualiza o status para “se sentindo feliz”, que já vai dizer tudo. Bjs, tudo de bom! A. R. (SUPERELA, 2016).

Outra seguidora também prefere sugerir comedimento:

Cris, parece que você só quer mudar porque o seu ex mudou e porque outras pessoas fazem isso, mas entendo também que você ficou cismada porque ele não quis... Não sei os motivos dele, mas vou falar os meus. Namorei 2 anos com status alterado, foto no facebook etc, todo mundo vendo minha felicidade, terminei, e descobri que tinha um grupo sentado, esperando o meu término. Voltei depois de 3 meses e não coloquei mais nada, e adivinha? Estamos muito melhor, porque ninguém sabe da nossa vida. Eu nunca coloquei muita coisa no face, mas já foi o suficiente para terem inveja, hj eu quase não coloco nada e muita gente sabia que eu tinha voltado sem ter contato comigo, só depois, sabe como conseguiram descobrir...? Então não se prenda a isso, se você está feliz, se seu namorado não te dá motivos para desconfiar, não tem motivo para cisma. Até porque, se ele for te trair, não será no facebook. Beijos!! Larissaa Alvees. (SUPERELA, 2016).

Seja qual for o tipo de relacionamento, assumido ou não, quando uma parte está envolvida afetivamente, qualquer atitude que contrarie as expectativas gera uma sensação de desconfiança, principalmente à luz da *internet* e suas redes sociais.

Em outro *blog*, *Acidez feminina* (2013), a chamada da matéria aponta uma afirmação eloquente sobre o assunto:

Tenho um relacionamento de **1 ano e 9 meses com um cara** que é do Rio, mas há uns 2 anos e pouco está morando aqui (Fortaleza). Acontece que fomos nos envolvendo aos poucos, fomos deixando acontecer e foi ficando sério o nosso lance. **Mas tem algo que me incomoda e tem me perturbado muito. Ele não muda o status dele no Facebook e nem gosta de tirar foto. Odeia foto.** Pra terminar de me enlouquecer, um belo dia fiz um agradecimento no Face marcando alguns amigos que me ajudaram numa mudança, e o mencionei como MEU AMOR. Ele curtiu o post e algumas horas depois, deletou. Depois disso, **não tive mais dúvidas** de que existe **algum motivo muito forte** para ele não querer expor que está comigo. Terminamos por essa razão, esperei uma atitude dele que reparasse o vacilo q deu, pois parecia muito apaixonado por mim, e parece até hoje, porém, **essa atitude não rolou** e continua na mesma. Comentei outro dia **que já estamos há quase dois anos juntos** e acho que deveríamos mudar o status no Facebook, mas ele disse o de sempre: não gosto de me expor. Sei que você deve estar me chamando de burra ou algo parecido agora, porque é muito óbvio que existe algo, mas não sei o que é, **penso em coisas do tipo: tem alguém lá pelo Rio**, talvez alimenta a distância alguma esperança; **ou apenas quer pegar umas e**

outras e prefere parecer livre; ou ainda tá comigo mas no fundo acha que não sou uma pessoa pra ele assumir um relacionamento sério diante dos amigos, embora nosso relacionamento tenha ficado cada dia mais sério e embora ele demonstre uma grande admiração por mim (BLOG ACIDEZ FEMININA).

Nesse *blog*, a própria blogueira Taty Ferreira faz um papel de *coach* sentimental e responde as dúvidas de suas leitoras:

É muito fácil ficar insegura e comentar com as amigas, mas nunca ter um papo sincero e honesto com o namorado, fala pra ele como você se sente, as dúvidas que você tem em relação a essa recusa recorrente de divulgar o relacionamento na internet.

Outra coisa que eu gostaria de saber é, **ele assume o relacionamento pessoalmente?** Na “vida real”, sai de mãos dadas? Te levou pra conhecer a família? Te apresentou para os amigos? **Porque, pra mim, é isso que é assumir o relacionamento.**

Vou falar somente por mim aqui, **eu não sou o tipo de pessoa que fica escancarando relacionamento** em rede social, eu tiro fotos de casalsinho até, mas não fico postando e colocando letra de música piegas, nem declaraçõzinha de amor na internet, **mas eu assumo meu relacionamento e nem por isso significa que vou trair e/ou estou traindo a pessoa que está comigo.** Até porque, como eu sempre digo, **se a pessoa quiser sacanear, trair, manter dois relacionamentos, ela vai fazer isso com status de facebook namorando** ou não. Enfim, eu simplesmente não vejo motivo para ficar de mimimi em rede social, mas cada um é cada um e, se você sente essa **necessidade, talvez ele pudesse ao menos abrir mão e mudar o status,** afinal, já faz tanto tempo que vocês namoram e divulgar que está **namorando só é “se expor” se ele tem alguma coisa que vai ser prejudicada com essa informação.**

Que essa história dele ficar se negando tanto tá muito mal contada, ah se tá, mas se você tiver voltado à relação mesmo ele não tendo feito nada para assumir o namoro nas redes sociais, **você deu brecha para ele continuar escondendo** e, nas entrelinhas, mostrou que está disposta a aguentar a situação de ele não expor na internet. **No final das contas, você só tem que definir uma coisa: É fator decisivo ele divulgar nas redes sociais que está namorando você? Ou você consegue viver sem ter o status: namorando?** (FERREIRA, 2013).

No *blog Delas*²⁶, teve uma matéria com o psiquiatra Eduardo Ferreira-Santos (2010), que explanou qual o maior medo das mulheres. Dentre os apresentados, a violência urbana estava presente, mas, para as mulheres, o campeão é a perda do relacionamento afetivo-amoroso:

IG Qual maior medo feminino hoje?

Eduardo Ferreira-Santos: Com base nos meus atendimentos, acho que é o relacionamento, algo cada vez mais comum entre mulheres. Este medo fica

²⁶ Para mais informações, ver: *O maior medo das mulheres e o relacionamento*. Disponível em: <https://delas.ig.com.br/comportamento/o-maior-medo-das-mulheres-e-o-de-relacionamentos/n1237537726227.html>. Acesso em: 14 abr. 2020.

justamente no meio do caminho entre medo fantasioso e fobia. Acredito que há uma dificuldade grande de estabelecer relações, um medo de entrega e de o relacionamento acabar. Em geral, nesses casos, a pessoa tem uma fragilidade enorme, que faz com que ela deposite no outro expectativas enormes, como se a pessoa fosse capaz de atender todos os desejos imaginados, com medo do abandono, de não ser completamente correspondida, muitas mulheres, muitas mulheres acabam ficando sozinhas (FERREIRA-SANTOS, 2016).

Segundo o psiquiatra, as mulheres são mais sensíveis aos relacionamentos e criam um pensamento de que deve ser sólido, eterno, iludindo-se com o fato de que seus sentimentos devem ser correspondidos na mesma intensidade que se entregam.

O discurso dado pelo médico apresenta uma reedição dos laudos médicos sobre a condição da mulher do século XIX, que colocavam as mulheres como seres frágeis e desamparados (RAGO, 1985) e que necessitavam da presença e proteção masculina. Além disso, que elas precisam de um relacionamento sólido para se sentirem acolhidas e terem *status* na sociedade.

Embora o discurso seja do século XIX, a ideia de uma presença masculina ainda está bem presente em nossa sociedade. Um relacionamento – namoro, noivado ou casamento – é visto como *status*, pairando a sensação de que elas estão inseridas no meio social e que foram acolhidas, pois o fato de ter um homem as coloca como um ser que está dentro da moralidade social, um homem a quis, a escolheu dentre tantas outras por ser a melhor entre elas.

Como já abordado no Capítulo 1, parece reafirmar o médico que as mulheres projetam seus relacionamentos a partir de construções das histórias infantis de fadas e princesas, direcionadas à menina, com príncipes que lhes garantam o amor puro, ingênuo e, ao mesmo tempo, padronizado desde a infância (LINS; MACHADO; ESCOURA, 2016).

Em seguida, o psiquiatra aponta que muitas mulheres não chegam a ter uma intimidade afetivo-amorosa:

IG Nesses casos, a mulher nem chega a iniciar o relacionamento?

Eduardo Ferreira-Santos: Muitas vezes, ela nem começa, por medo do abandono; quando ela percebe que determinada situação pode evoluir para relacionamento afetivo, começa a fugir, sofre e fica solitária. Ampliando um pouco, este é um medo de viver uma relação enquanto ela for boa e durar, sem tantas expectativas. Mas o raciocínio que o inconsciente acaba fazendo é terrível: é melhor eu ficar sozinha do que ser abandonada depois. O abandono e a rejeição têm conotação emocional muito grande. Se isso está no inconsciente, a mulher pode inventar artefatos para que a relação não dê certo, para se proteger, ou seja, ela já está blindada no relacionamento (FERREIRA-SANTOS, 2016).

Pelúcio (2017) conta que, em uma entrevista que fez com *personal trainer* sobre seus encontros com mulheres através de aplicativo, ele disse muitas delas teriam medo de se

encontrar com ele, e a justificativa seria por medo de ele não gostar delas. O relato aqui é real sobre as mulheres, muitas delas, em busca de um relacionamento, têm medo de uma rejeição. O mecanismo acionado de defesa por elas antecipa um abandono, e elas acabam sabotando seus relacionamentos.

Uma matéria publicada na *internet*, no *blog Tudo para Homens*²⁷, aponta a ordem pela qual o medo das mulheres ocorre: 1º) medo de ser enganada; 2º) medo do futuro do relacionamento; 3º) medo de arrepender-se; 4º) medo de não ser levada a sério, e 5º) medo de ser trocada. Sobre essa análise, podemos resumir que elas têm medo da traição e da infidelidade nos seus mais amplos significados. Classificamos traição como sendo toda forma de omitir a vida privada e/ou financeira à parceira, e a infidelidade como sendo relacionamentos avulsos²⁸ e diversos²⁹ que o homem tem.

Os maiores causadores da traição e da infidelidade nos tempos atuais, sem dúvida, são a *internet*³⁰. O mundo virtual cria, como foi dito antes, uma espécie de portal sem limite, permitindo que sejam cometidas faltas que, muitas vezes, são compreendidas como normais, pois estar em um espaço cibernético não seria algo que fere a realidade, ou seja, mesmo que seja uma traição, muitos compreendem que não se trata disso, já que não há um concreticidade.

Haack e Falcke (2013, p. 308) dizem que “a infidelidade pode ser considerada, em nosso contexto, uma prática contra a normativa da sociedade, sendo uma temática de interesse pessoal e social difícil”. E, em um relacionamento, quando há o despertar de uma possível traição de uma parte, a outra automaticamente se impulsiona para investigar se as desconfianças são concretas ou não. Atualmente, há muitos artifícios para se descobrir a privacidade e intimidade do outro, de modo que muitos recorrem a observar mais o parceiro, estarem mais presentes em sua vida cotidiana; outros, mais objetivos, preferem contratar um detetive. Mas a tática mais

²⁷ O *site* tem homens como seu público-alvo, trazendo matérias diversificadas sobre o universo masculino, por vezes, alguns conteúdos publicados são direcionados para relacionamentos afetivos entre homens e mulheres, para tanto, para acessar a página, é classificada a faixa etária maior de 18 anos. Para saber mais, ver: <https://tudoparahomens.com.br/5-principais-medos-das-mulheres-em-relacionamentos/>.

²⁸ Utilizamos o termo relacionamentos avulsos para retratar as relações esporádicas, que são aquelas baseadas em encontro casuais, sexo sem compromisso, sem uma afetividade e cuidado de um para outro de forma duradoura, como um namoro, noivado ou casamento.

²⁹ Os relacionamentos diversos são aqueles com múltiplos(as) parceiros(os), a diferença entre os relacionamentos avulsos e os diversos é que o primeiro trata de uma relação que não apresenta uma ideia de duração de relacionamentos, enquanto a segundo, embora tenha muitas afetividades com vários sujeitos, pode se transformar em uma relação duradora.

³⁰ O *site Jus Brasil* tem como foco matérias de ordem jurídica nas diversas áreas, focando em legislação, jurisprudência, comentários sobre os ordenamentos jurídicos. Para saber mais, ver: <https://posocco.jusbrasil.com.br/noticias/416800494/traicao-pela-internet-ja-e-o-maior-motivo-de-divorcio>.

utilizada, sem dúvida, é a *internet*. O *hackeamento* é resultado desse tipo de investigação e será o assunto a ser desenvolvido em nosso próximo capítulo.

CAPÍTULO 3 – *WhatsApp*: de ferramenta de entretenimento a sementinha da discórdia

3.1 *Whatsapp*: a porta da descoberta!!

As incertezas vividas pelas mulheres em seus relacionamentos são constantemente presentes em conversas entre elas e, mais uma vez, a *internet* apresenta-se como um meio pelo qual elas irão expressar suas emoções. Assim, através de grupo do *WhatsApp*³¹ formado só por mulheres, presenciamos maior interação e confissões dos sentimentos das intimidades com o parceiro.

Os grupos permitem que se tenha até 256 contatos de telefone de várias partes do mundo, assim como há o papo individual, que chamam de privado. O diferencial dos grupos é que se tornaram espécie de “confessionário”, em que as pessoas podem falar abertamente sobre suas vidas, ou uma terapia coletiva das pessoas, quando os indivíduos interagem de muitas formas. Os assuntos são diversos – política, religião, cultura – , mas o assunto mais presente é sobre os relacionamentos heterossexuais.

As administradoras do grupo, chamadas pela abreviatura de ADMs, moderam os grupos que realizam a inclusão e exclusões das pessoas, direcionam o foco do grupo através de regras: como só entra mulheres, ou organizam os assuntos, vídeos, memes ou fotos.

Os grupos de *WhatsApp* tomaram o lugar que era destino à família; algumas mulheres “desabafariam” com algum parente, o que podemos pensar que há certo conforto e liberdade, nos grupos, em dizer o que quiser sem o medo do julgamento, já que muitas compartilham da mesma afinidade quanto ao assunto, já que pode-se conhecer pessoas que passam por situações semelhantes, ou, por estarem distantes, sem convivência, permite que haja uma reflexão acerca da situação, tornando-se uma extensão da afetividade³². É através dessa troca que as mulheres começam a investigar uma suposta traição de seu parceiro, incentivadas a *hackear* o telefone de seu parceiro.

O *hackeamento* tornou-se conhecido como a forma que os estelionatários usam para furtar os dados de bancos e informações pessoais para obter vantagem financeira; no caso de uma traição, é usado como forma de rastreamento e controle sobre o parceiro, sendo, portanto, até legitimado por algumas mulheres (ver Anexo II).

³¹ *Whatsapp* é uma plataforma de comunicação criada em 2009 por Brian Acton e Jan Koum; em 2014, foi comprada pelo *Facebook*, tornando-se hoje a maior rede de comunicação entre os usuários.

³² Afetividade definida, por Eva Illouz, é um sentimento de parentesco e familiaridade com as pessoas, regado por sentimento de empatia que impera nas pessoas.

Para *hackear* alguém, não necessita de muita habilidade, dependendo do que se quer obter. Existem muitas formas de se realizá-lo, pode-se *hackear* somente uma rede social, apenas os dados pessoais, o *WhatsApp* ou todos eles simultaneamente. A própria *internet* fornece os passos para clonar o aplicativo de celular. Nos *sites* de busca, a pessoa encontra muitas formas para essa ação, a primeira é logar o *WhatsApp* da pessoa, o que pode ser feito pelo computador ou pelo celular da pessoa *hackeadora*, de forma a permitir o monitoramento. E, nesta pesquisa acompanhando grupos formados só por mulheres, presenciei muitas delas clonando o aplicativo de seus parceiros a fim de descobrir possíveis segredos.

O grupo de mulheres estudado é um espaço solidário, visto que algumas mulheres não sabiam como *hackear* o telefone do parceiro e foram ajudadas pelas participantes do grupo com o compartilhamento de aplicativos seguros, explicações, conexão do aparelho, a distância de funcionamento, entre outras coisas.

Durante as conversas, notamos um discurso caloroso entre elas; umas apontam que não deveriam fazer tal medida por ser uma atitude ruim para seu relacionamento, pois podem descobrir o que não necessitariam saber, além do fato de se tratar de um gesto de desconfiança e de uma invasão de privacidade. Outras afirmam total direito, uma vez que seu parceiro não está mais agindo como antes, mostrando-se mais retraído, por isso compreendem que esta é a medida que, sem conflito ou briga, pode levar a entender o que está acontecendo em seu relacionamento.

O *hackeamento* não é uma decisão que a mulher toma de uma hora para outra, mas, para recorrer a essa ação, necessita perceber que seu relacionamento está sofrendo ameaça. Para tanto, muitas passam a controlar seus parceiros.

Segundo Moreira *et al.* (2017)³³, *stalkear* é a primeira ferramenta que as mulheres utilizam para vigilância de postagens, curtidas e comentários que seus parceiros fazem, assim, analisam o comportamento de homens na rede social.

No *Facebook*, é possível ver a interação que os sujeitos fazem, qual página curte e o comentário feito em página de acesso público; já no *Instagram*, devido às concorrências entre as blogueiras e, também, por afetar a autoestima de pessoas que não tinham muitas curtidas em fotos, causando até mesmo baixa autoestima em algumas pessoas, a visualização dessas atividades foram excluídas em 2018. Contudo, ainda é possível ver a atividade, caso a mulher tenha acesso aos seguidores, pois pode entrar em fotos e abrir o comentário ou, quando curtida,

³³ Para saber mais: *O amor e o stalkeador: novos recursos para vigilâncias sociais*. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682017000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 18 out. 2020.

digitar o nome da pessoa e ver se há ação que indique possível interesse nela por parte do seu parceiro. Geralmente, as mulheres, ao acessar os seguidores de seus parceiros, analisam quais seriam as possíveis mulheres que poderiam ser fonte de atração ao homem e, a partir daí, passam a espionar ambos para ver se interagem entre si.

Assim, ao observar essas mulheres, observamos que muitas delas confundem o ato de ‘cuidar de seus relacionamentos’ com uma espécie de perseguição, disfarçada de cuidado, ou seja, um equivocado empoderamento (ver Anexo II). O que elas não percebem que tais atitudes são reproduções do sistema patriarcal. Elas necessitam preservar seus relacionamentos. Mesmo que haja uma descoberta de algo que contraria a fidelidade, a ideia de acreditar que tem um controle é de fato a posse e a propriedade sobre parceiros, assim como, o que muitos homens fazem com sua parceira. Em janeiro de 2017, um homem matou sua noiva após a descoberta de conversas em celular³⁴, a diferença aqui está que, ainda pelas mesmas razões: posse e propriedade, o homem, ao descobrir uma infidelidade de sua parceira, a mata. Fato este que não encontramos quando se trata de mulher. Como vigora entre elas o *status* de ser a fiel³⁵, ela prefere muitas vezes se silenciar ou, no máximo, ter uma discussão, mas preservar seu relacionamento.

Sobre manter seu relacionamento, temos recentemente um noticiário que tomou diversas opiniões. Em maio de 2021³⁶, o Mc Kevin, noivo da advogada Deolane Bezerra, morre após se pendurar no parapeito do hotel que estava hospedado. Tal situação teria ocorrido porque ele estaria no quarto com mulheres e alguns amigos, ‘por brincadeira’, teriam gritado que a Deolane estava ali. Com intuito de fugir de um flagra, a alternativa foi tentar pular para o apartamento de baixo. Todavia, a intenção não deu certo, fazendo que ele escorregasse e caísse de uma altura de 15 metros, provocando um traumatismo craniano, levando a morte após alguns minutos.

Deolane, a mulher traída, ganhou uma notoriedade, hoje ela é uma subcelebridade, chegando cobrar até R\$ 150 mil reais para uma aparição em eventos. Ao ser entrevistada sobre o ocorrido, a noiva-viúva diz que sempre soube das traições de Mc Kevin mas seu vínculo afetivo era verdadeiro, ele a amava, e ela sempre disse que o amava e ainda o ama, chegando a declarar que perdeu o homem da sua vida.

³⁴ Para saber mais: <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2017/01/homem-admite-ter-matado-noiva-apos-descobrir-traicao-pelo-whatsapp-veja.html> acesso dia 05 mai. 2021

³⁵ Fiel é uma gíria utilizada atualmente para designar a mulher que é oficial, que tem um relacionamento sério e reconhecido entre os grupos, e os familiares têm conhecimento.

³⁶ Para saber mais: <https://radiojornal.ne10.uol.com.br/noticia/2021/05/21/viuva-de-mc-kevin-conta-como-descobriu-traicao-e-desabafa-perdi-uma-pessoa-que-eu-amava-fui-traida-209766/index.html>.

Deolane é retrato da mulher que a sociedade machista espera, aquela que, mesmo sabendo da infidelidade do parceiro, persiste em permanecer com ele, pois há uma naturalização de traição masculina. Contudo, há diferença, para a advogada, a traição rendeu fama, talvez porque ela, sendo uma mulher branca, rica e de padrão social, a sociedade acolheu como “coitada”. Será que teríamos a mesma coisa se a mulher fosse preta/negra e pobre? Com certeza não, pois espera-se que estas mulheres sejam submissas, silenciadas e anônimas.

O padrão de beleza é muito determinante para sociedade aceitar se deve ou não ter um amor, ser amada ou não. A cantora e vencedora da Fazenda 21, Jojo Toddynho (25 anos), se casou com o militar, Lucas Souza, de 21 anos. O casamento foi bastante comentado nas redes sociais, pois Jojo, uma mulher negra, gorda, jamais teria um amor, segundo comentários, com um homem branco, jovem e bonito, além disso, diversas vezes foi chamada de palmeira³⁷ e preconceituosa com sua própria raça.

A dominação de corpos negros está muito enraizada em nossa cultura, o racismo estrutural, em sua maioria, não é de consciência das pessoas. As pessoas são racistas e não sabem. A forma de determinar se uma negra deve se vestir, se pode ou não alisar o cabelo, se pode ou não usar *wing*, *lace* ou tranças nada mais é que uma tentativa de se apropriar dos corpos negros.

Carneiro (2019) menciona que, no Brasil, se discorre sobre a democracia racial, que realmente todos são iguais perante lei e que não existe uma discriminação e preconceito racial, uma vez que o povo brasileiro é resultado de uma miscelânea. Contudo, na realidade, existe sim, um racismo que vem até os dias atuais, a reprodução de estereótipo criado historicamente para manipulação e exploração dos corpos negros, principalmente das negras.

A negra será retratada como exótica, sensual, provocativa. Enfim, com fogo nato; tais características chegam a aproximá-la de forma animalesca, destinada exclusivamente ao prazer sexual (CARNEIRO, 2019, p. 153).

Como já referido anteriormente, a representatividade da mulher negra na sociedade é que ela jamais poderia ocupar a função de esposa e a questão da classificação da negritude é pautada por discurso de colorismo³⁸ que é bastante presenciado nas relações afetivas, já que

³⁷ *Palmeira* vem da expressão *palmitagem*, uma gíria que diz respeito à quando uma pessoa negra se envolve/relaciona com pessoa branca.

³⁸ Colorismo é um conceito que a referência da etnia/raça estaria também presente na tonalidade de pele. Dessa forma, além do conhecido fenótipo para classificação racial, a pele mais clara e mais escura é determinante para compreender o grau de racismo que pessoa sofre e quanto é aceita na sociedade. O problema do colorismo é que, por colocar a cor como forma de evidenciar a raça, ela articula uma falsa ideia de democracia racial. Quanto mais clara seja a pele da pessoa, mesmo que esta tenha traços negroides, ela será mais aceita que uma retinta, assim, inconscientemente, temos uma afirmação da existência de um embranquecimento.

uma mulher com a pele mais clara tem mais chance de casar que uma mulher retinta. Mesmo nos Estados Unidos, onde os negros tinham um símbolo da resistência negra, o homem negro ‘prefere’ se casar com uma negra a uma branca, observa que esta casa com mulheres com pele mais clara.

No Brasil, onde o padrão de beleza é retratado por um branquitude, o corpo da mulher negra é feio, embora haja uma sexualização de seus corpos.

Este fenômeno vem instituindo a mulher negra com anti-musa da sociedade brasileira de tal forma que os estudos demográficos já identificaram uma acentuada desvantagem das mulheres negras no mercado afetivo, o que caracterizaria uma situação de solidão estrutural motivada pelo desinteresse dos homens brancos e a deserção de grande parte dos negros (CARNEIRO, 2019, p. 159).

Carrera e Carvalho (2020, p. 203) explicam o que é a solidão da mulher negra: “O conceito de solidão da mulher negra é um desdobramento identificado na sociedade brasileira atual como resultado de um conjunto de elementos socialmente estruturados remanescentes do racismo moderno”. Assim, a mulher negra sofre duplamente uma discriminação, a primeira por ser mulher e outra por ser negra. Dessa forma, as relações afetivas dessas mulheres são vistas aceitadas e negadas. A partir da raça, a advogada Deolane foi acolhida, foi a vítima da história e ganhou a mídia; Jojo foi atacada, xingada, menosprezada com discursos que seu casamento era fruto de interesse.

3.2 As Hackeadoras de Parceiros

O grupo “*Hackeadoras de seus parceiros*”, nome fictício, foi formado em maio de 2019, sendo permitida a participação exclusiva de mulheres que possuem os atributos que definem o corpo de uma mulher por meio da biologia, o que significa ser possuidora de uma vagina. Logo, não se aceitam no grupo mulheres *trans*, contudo, é permitido mulheres homoafetivas e bissexuais. Para participar, as mulheres passam por uma triagem realizada pelas administradoras, que atualmente são quatro. Para elas, devem as interessadas mandar áudio e foto, mas, caso ainda permaneça dúvida se é mesmo uma mulher que solicita a entrada, as administradoras pedem para que sejam adicionadas no *Facebook*, sendo realizada uma videochamada para dirimir as dúvidas.

No grupo, só pode ficar quem tem vagina, o que mostra que as mulheres pertencentes a ele inconscientemente contribuem para a manutenção da heterossexualidade compulsória, ainda

que aleguem que fazem tal exigência por segurança, elas ignoram, negam ou excluem a identidade de gênero fora do padrão heteronormativo. O sexismo firmado por elas é contrário a um discurso que elas mesmas fazem, pois, em conversas de assuntos abertos, a maioria apresenta um comportamento sem preconceitos, mas, ao surgir a situação que estas ‘liberdades’, a ‘autonomia’ e o ‘empoderamento’ são testados, elas reproduzem todo um comportamento tradicional e um moralismo que são contrários a tudo que elas falavam, ou seja, são mulheres que passam como libertas mas, na verdade, são machistas e sexistas.

Em uma dessas conversas para que houvesse a aberta de transexuais no grupo, algumas disseram que não se sentiram a vontade, pois poderia perfeitamente, ser homens fingindo ser mulher, e, que muitas são reconhecem a transexualidade, que de fato só existe homem com pênis e mulher com vagina.

Para estabelecer a ordem e a boa convivência do grupo, as membras devem obedecer às regras, que consistem no respeito a todas elas, não podendo ofender, debochar ou rechaçar por questão religiosa, por ter uma opinião diferente, por erros gramaticais e por qualquer outro fator que leve a humilhação. Sobre sua identidade, a membra deve adicionar todas as administradoras para a foto ficar visível e participar, conversando sempre no grupo, mantendo, pelos menos, 20 (vinte) conversas mensais. No que se refere às publicações, aos vídeos e às imagens que contenham cenas de pedofilia, zoofilia, violência, tortura, acidentes e afins, estes são proibidos e, caso essas regras não sejam respeitadas, elas são excluídas do grupo. No que concerne à diversidade partidária, religiosa e outros assuntos que possam gerar conflitos, estes são até permitidos, porém, com cautela, para não causar desentendimentos entre as participantes. No grupo, também não é permitido militância partidária.

O feminismo é constantemente citado através de séries e vídeos, mas quase não há conversas sobre o assunto, considerando a necessidade de um aprofundamento maior sobre seus conceitos. Sobre a questão religiosa, embora haja uma diversidade entre as mulheres participantes, percebemos uma participação mais ativa das simpatizantes e praticantes de religiões cristãs.

A entrada no grupo ocorreu através de um *link* disponibilizado em um grupo do *Facebook*, que também é composto por mulheres, todavia, precisei passar pelo clivo da triagem até entrar como participante, de modo que estou há quase um ano no grupo, sendo umas das primeiras e mais antigas participantes.

A atenção de todas do grupo é cativante, até mesmo quando uma precisa se ausentar, é avisado no grupo. Essas ausências podem ser de uma tarde, uma noite ou dias, mas, caso uma se ausente por muito tempo, sempre é lembrada e perguntada no grupo, sendo procurada pela

ADMs ou por uma membra mais próxima para saber o motivo. Algumas até chegam a sair do grupo por questões pessoais, como falta de disponibilidade de aparelho de celular ou *internet*, mas sempre retornam, de modo que dificilmente uma não conhece a outra pelo nome, mesmo sendo um grupo de 106 mulheres. A ligação ao grupo é tão presente que, caso uma relata algum problema pessoal e não volte para contar o desfecho, sempre tem uma membra que pergunta se resolveu o caso, o que aconteceu.

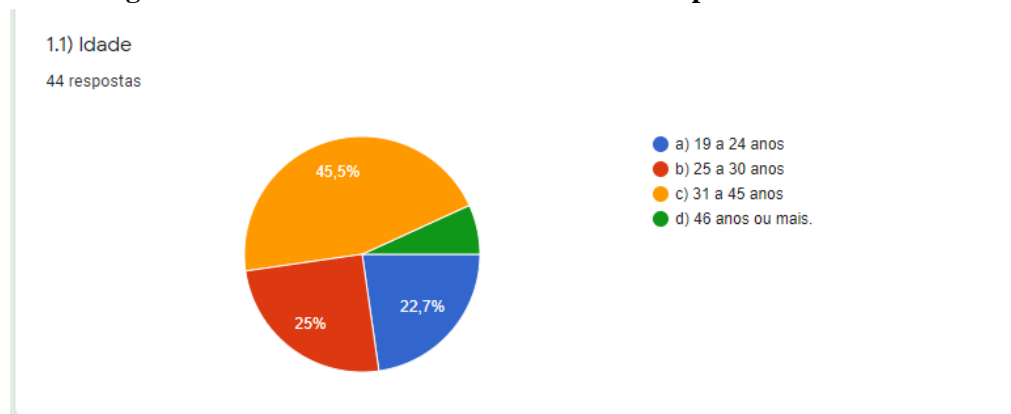
Existe muita alegria no grupo, de modo que compartilham as situações cômicas que passaram com filho, parente ou até mesmo com os rapazes com quem saíram, chegam a contar situações vividas na intimidade sexual, como também trazem dicas sobre como apimentar a relação. Ademais, também tem revelação de tristeza e angústia, algumas trazem questões sérias, como assédio, racismo, discriminação e mais uma vez nenhuma membra fica sem acolhimento, quem está *on* sempre ampara para que a necessitada não se sinta sozinha ou, como dizem, não seja deixada no vácuo. Quando esses tipos de assunto são abordados, sempre tem relato de mulheres que também viveram tais situações, se contaram para alguém, qual foi a reação das pessoas. Dessa forma, é claro que, naturalmente, uma rede de confiabilidade é feita, podendo as mulheres terem a liberdade de falar sobre qualquer coisa, sem sofrer qualquer represália que poderiam sofrer com seus parentes e amigos próximos.

Ao entrar no grupo, observamos, por meio das conversas das participantes, que os assuntos voltados aos relacionamentos eram o tema que mais causava cumplicidade entre elas, como se compartilhassem da mesma aflição em relação aos seus parceiros. Assim, verificamos que muitas constantemente falavam sobre como *hackear* o parceiro; o grupo acolhe mulheres de várias regiões do Brasil e apresenta uma contradição, pois, ao mesmo tempo em que exaltam a ideia de empoderamento feminino, também vivenciam aflições sobre o relacionamento afetivo por meio do ideal de amor romântico, que não conseguem concretizar.

3.3 Resultados da pesquisa

Os dados a seguir apresentados, foi elaborado pela pesquisadora a partir da convivência com grupo, as perguntas direcionadas para estabelecer as diretrizes para elencar a busca das respostas.

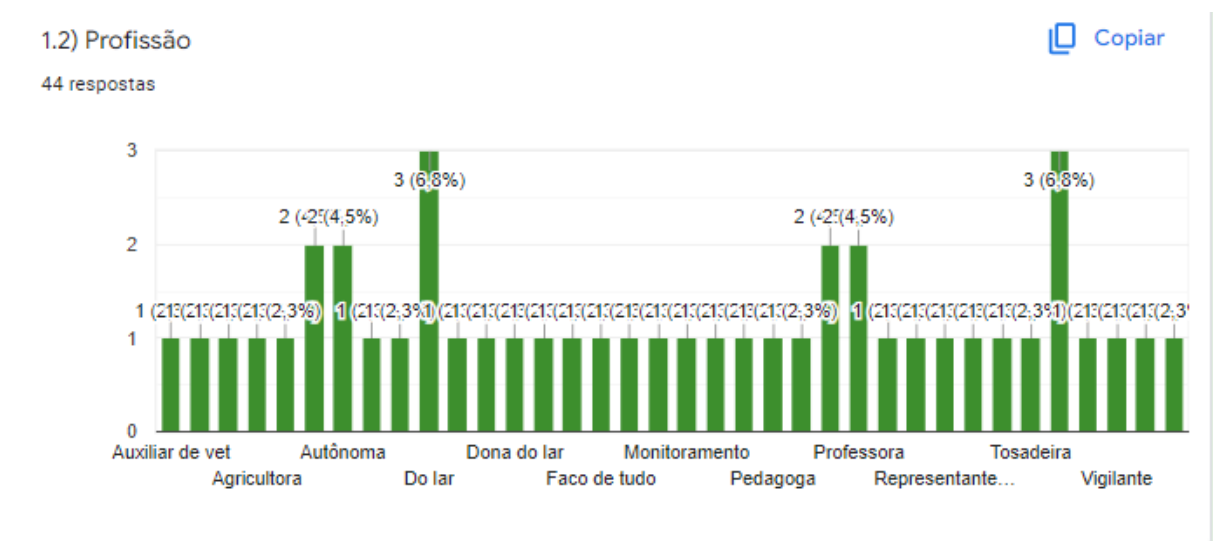
Figura 1 – A idade seria um fator determinado para *hackeamento*?



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Diante dos dados colhidos, um número expressivo (45%) está na faixa etária de 31 a 45 anos, ou seja, no fim do relógio biológico de vida reprodutiva. Segundo Wolf, em *Mito de beleza* (1992), a indústria da beleza exige que as mulheres estejam ao encontro de um padrão. As clínicas de estéticas, hoje, se tornaram o lugar mais frequentado pelas mulheres, que querem permanecer com a aparência jovem e sadia. Tais percepções pode ser um aspecto que, Bitencourt (2013) aponta que, para as mulheres mais velhas, as principais queixas são não ter a mesma aparência e vigor quando jovens, tal comportamento traz como conclusão que elas, por entenderem que não são mais jovens, se sentem inseguras em seus relacionamentos.

Figura 2 – A profissão está ligada à insegurança para *hackear/clonar*?

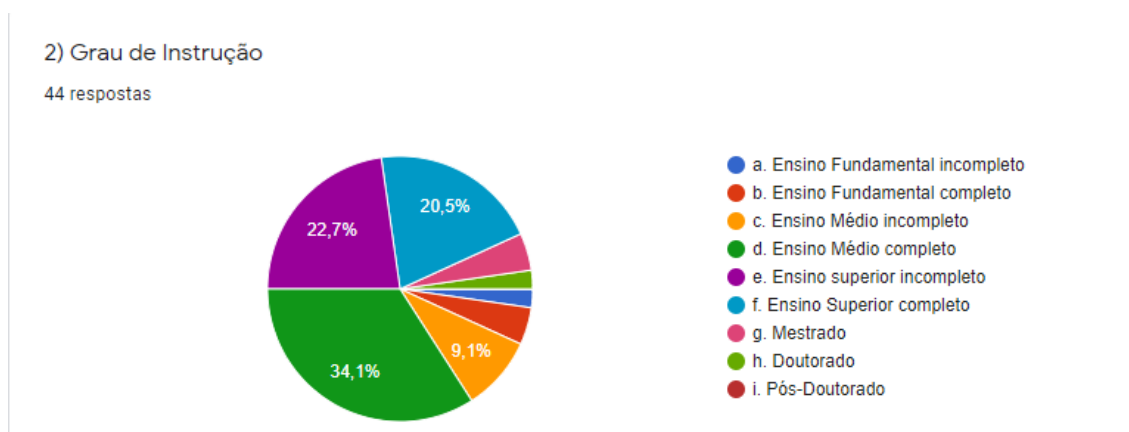


Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

No que concerne às profissões, os dados apontam que são mulheres que não possuem uma profissão de grande destaque, fato este que pode trazer a sensação de que elas não se

sentem seguras em suas profissões, entendendo que o parceiro é um elemento importante para manutenção do lar. Carneiro (2019) mostra como o matrimônio era, e é, uma exigência e uma necessidade imposta pela sociedade para a mulher, portanto, em conjunto com o quesito emocional, temos a questão socioeconômica que emprega a mulher à subordinação ao parceiro.

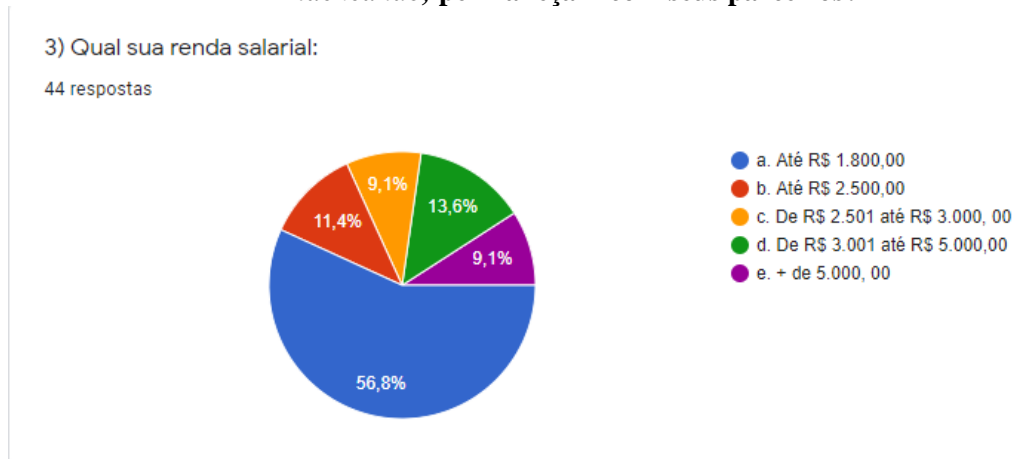
Figura 3 – O nível de escolaridade dessas mulheres representa suas emoções?



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A maioria das mulheres possui o Ensino Médio completo; o que nos reflete que muitas delas utilizaram seu grau de estudo para aceitar os relacionamentos que possuem. Até em algumas conversas do grupo, algumas mulheres revelam que seus parceiros são quem pagam as faculdades delas. Outro entendimento que muitas mulheres engravidaram ainda na adolescência, fato que fizeram abandonar os estudos. Por não possuir formação qualificada, elas se veem aquém de seus parceiros, dependendo deles para o sustento de casa, se acomodaram com a sua situação, ou, por terem filhos, se dedicaram mais ao trabalho para seus sustentos do que para uma profissionalização e qualificação, então, não ampliaram seus conhecimentos, vivendo um relacionamento, em geral, infeliz, mas, para se enquadrar à sociedade patriarcal, se submetem a estas situações.

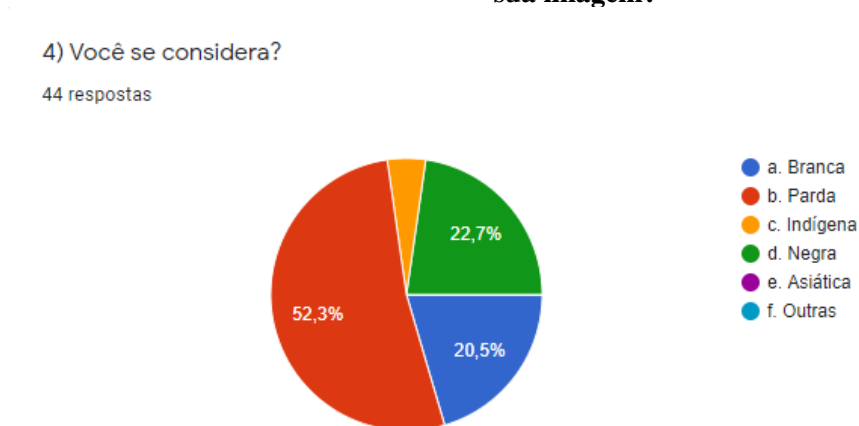
Figura 4 – Haveria uma dependência financeira de seus parceiros para que elas, mesmo *hackeando*, permaneçam com seus parceiros?



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Conforme foi apresentado anteriormente nos dados de escolaridade e profissão, elas recebem até dois (02) salários-mínimos. Tais fatos despontam que muitas dessas mulheres devidos seus recebimentos baixos poderiam ser dependentes financeiramente de seus parceiros. Uma vez somando o custo de vida, a inflação, filhos, casa alugada, elas precisam de um marido que as ajude, logo, tal situação é uma razão pela qual elas mantêm seus relacionamentos, mesmo que esse esteja imerso na desconfiança sobre a afetividade do parceiro. Desta forma, essas mulheres têm um afastamento do empoderamento feminino, já que se limita o controle de sua vida por ter dependência e ajuda de seus parceiros.

Figura 5 – Como a etnia/ raça se apresenta no campo afetivo dessas mulheres e como este reflete sua imagem?



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

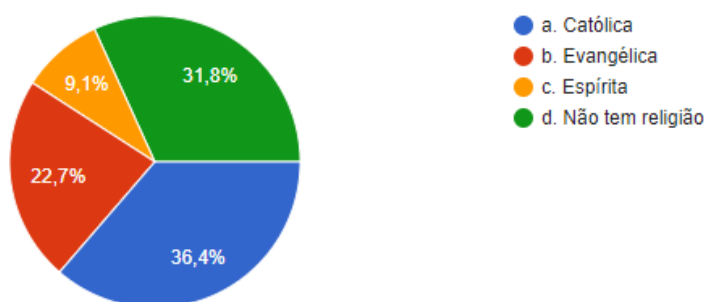
As mulheres que responderam se declaram, em sua maioria, como pardas e, em segundo lugar, negras, portanto, como dita a regra da ditadura da beleza e do padrão social, elas não

seriam atraentes para o mercado afetivo. Como aponta Carneiro (2019), as mulheres negras se casam mais tardiamente e têm dificuldade em contrair segundas núpcias, caso o parceiro morra ou as abandone. O medo que assola as mulheres não brancas apresenta-se significativamente, pois elas historicamente têm sido rejeitadas e violentadas, vivenciando situações e sentindo insegurança, podendo gerar dependência emocional por seus parceiros.

Figura 6 – Há uma influência religiosa nos relacionamentos afetivos dessas mulheres?

5) Qual a sua religião?

44 respostas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

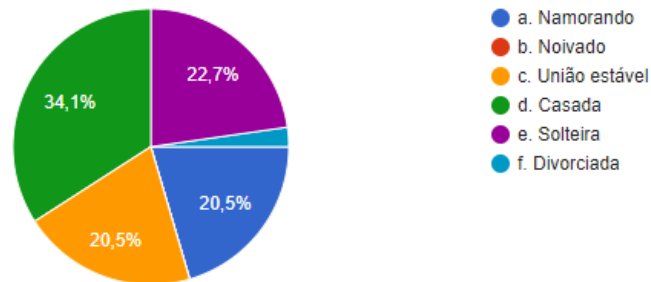
Sobre a religião, a teologia cristã-católica representa 36,4%, sendo a maioria das mulheres; em seguida, evangélica, com 22,7%, de modo que, mesmo que algumas descubram possíveis traições de seus parceiros, elas mantêm o relacionamento com eles, reafirmando uma submissão da mulher com seu parceiro justificada pela ideologia do casamento cristão: “unidos até a morte, na alegria, na tristeza e na pobreza”. As respostas dissertativas apresentam, de forma mais ampla, como elas ainda se sentem dependentes de seus parceiros e como ainda buscam um relacionamento “perfeito”, construído pelo ideal de amor romântico. A afirmação aqui, é uma retomada das falas que Valquiria faz de seu parceiro, no qual, embora desconfiava, acreditava ou melhor esperava que fosse somente mera desconfiança e não algo real.

Embora muitas acreditem que estão sendo independentes e certas, a grande maioria, ao descobrir a traição, fragiliza-se, sentindo frustração e decepção por seus parceiros e por seus relacionamentos. Dessa forma, concluímos que as mulheres que *hackeiam* seu parceiro, em um primeiro momento, enxergam-se empoderadas, quando, na verdade, somente reproduzem os efeitos da dominação patriarcal, colocando-as como dependentes e fragilizadas diante de uma relação em que necessitam espionar/controlar seus parceiros para afirmarem se estão sendo realmente amadas.

Figura 7 – Como o status de relacionamento pode afetar a segurança ou a insegurança dessas mulheres?

6) Qual é o seu atual status de relacionamento?

44 respostas



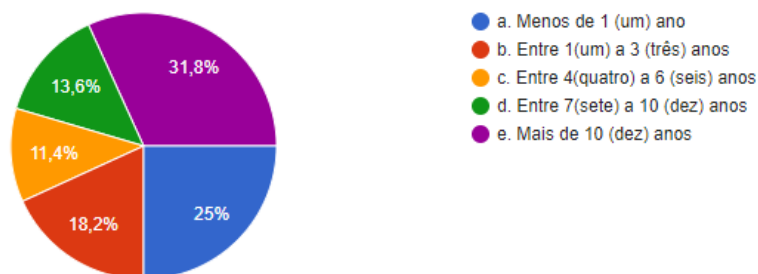
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Nos dados apresentados, vemos uma grande parcela de mulheres casadas, concluindo que, mesmo tendo um relacionamento estável, que segundo elas denominam como ‘titular/oficial’, isso quando não usa a expressão fiel, não traz a devida segurança para casamento, ao contrário, talvez traga a sensação de mais insegurança. Para Bento (2015), como a mulher foi criada para manutenção do lar e ser alicerce dele, o acontecimento de uma traição do parceiro é ‘aceitável’, ou seja, há um discurso pautado na ideia de biologia do homem mais inclinada para o sexo, diferentemente da mulher, que deve se resguardar em seu lar. Tal concepção firmada socialmente ainda traz grandes resquícios para as mulheres, que suportam seus casamentos em nome de uma moral social.

Figura 8 – Quanto mais tempo de relacionamento, mais segurança essas mulheres sentem?

7) Quanto tempo de relacionamento?

44 respostas



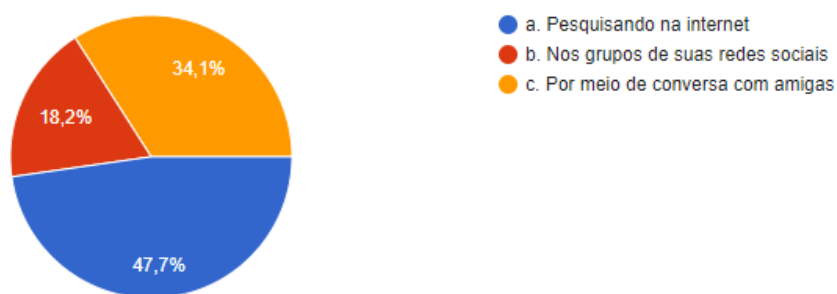
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Para responder tal dado, assim como foi a conclusão levada sobre a questão de idade, o tempo de relacionamento é um reflexo dessa padronização de beleza e da sensação dos desgastes na relação. O casal que têm muitos anos de relacionamentos perde a ‘magia’. Explicando, Bauman (2004), sobre o amor líquido, aponta que a nossa sociedade é do consumismo, as relações já têm o mesmo sabor e são rapidamente substituídas. Além disso, a questão de estabelecer sempre a juventude como bela faz com que muitas mulheres, mesmo que tenham anos de relacionamento, se tornem muito mais inseguras.

Figura 9 – Qual a influência da mídia nas relações afetivas?

8) Como descobriu que poderia hackear/clonar o whatsapp do parceiro

44 respostas



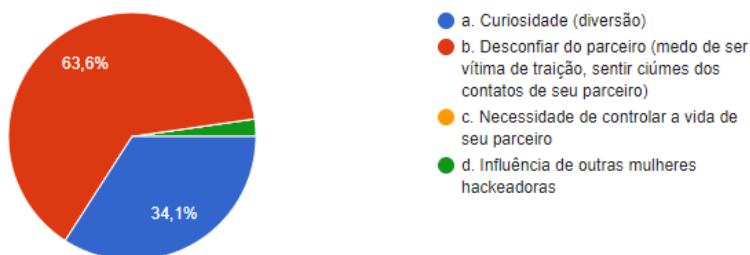
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O uso de *internet* se tornou uma ferramenta crucial para vida dos indivíduos. Castells (1999) indica que tal influência da rede transformou todo um novo pensar social, determinando novos comportamentos e novo sentido de que é permitido ou não. No caso, os dados apontam que a maioria das mulheres, para conseguir e descobrir o *hackeamento*, usou a *internet* para isso, o que aponta para uma facilidade maior de uso, já que, em *sites*, há vários tutoriais sobre como realizar tal prática, ademais, podemos inferir que as mídias têm determinado as relações afetivas.

Figura 10 – O que te levou a pensar que deveria *hackear*/clonar?

9) Qual foi a motivação que a levou a *hackear*/clonar o whatsapp do parceiro

44 respostas



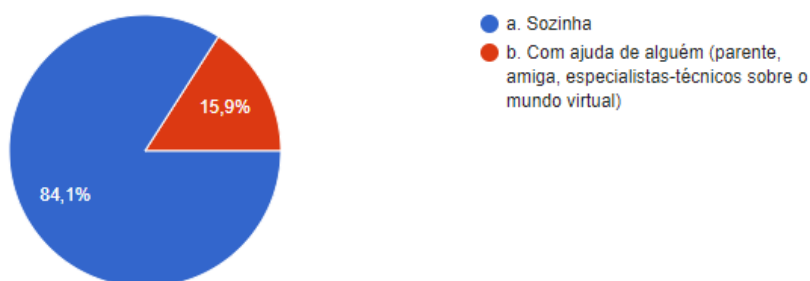
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A figura apresenta que quase a metade das mulheres decidiu *hackear* o *WhatsApp* do parceiro por motivo de desconfiar dele. Giddens (1993) diz que a ideia de amor romântico é compreendida como um sentimento recíproco, verdadeiro, além disso, para o autor, o amor romântico é feminilizado; por se tratar de um fato que foi construído através de poesia, poemas e grandes atos de bravura do cavalheiro para a dama, a traição seria um ato de extrema dor e sofrimento. Contudo, hoje, algumas mulheres buscam conhecer a vida íntima de seu parceiro para ter um controle sobre ele ou para garantir fidelidade e lealdade dele.

Figura 11 – Qual grau de confiabilidade da mulher para pedir ajuda para *hackear*?

10) Quando decidiu fazer o Hackeamento/clonagem você fez ?

44 respostas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

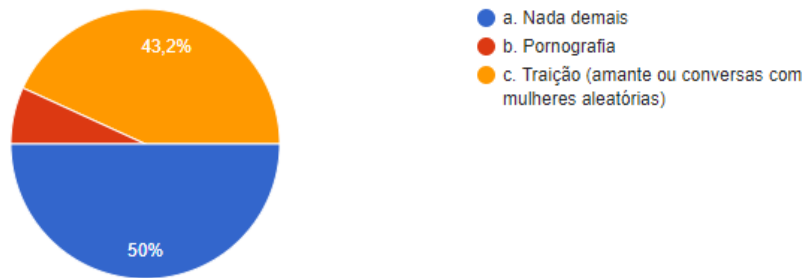
A maioria das mulheres apresentou que, ao fazer o processo, o fez sozinha, portanto, compreendemos que, para muitas mulheres, uma possível traição seria algo de muita vergonha para elas, portanto, para ter a fama de traída, elas realizam o *hackeamento* sozinhas, pois se sentem mais seguras e não receberão cobranças de outras pessoas diante de uma infidelidade.

Coutinho e Menandro (2010) descrevem como papel da mulher foi forjado na sociedade, como ela é a mantenedora da sustentação do lar e responsável pela felicidade do lar. Ao cogitar a possibilidade de uma traição e se esta vier a público, elas têm medo de serem julgadas por serem incapazes de sustentar o seu lar.

Figura 12 – Qual a maior descoberta que essas mulheres fazem?

11) Ao hackear/ clonar o que foi descoberto?

44 respostas



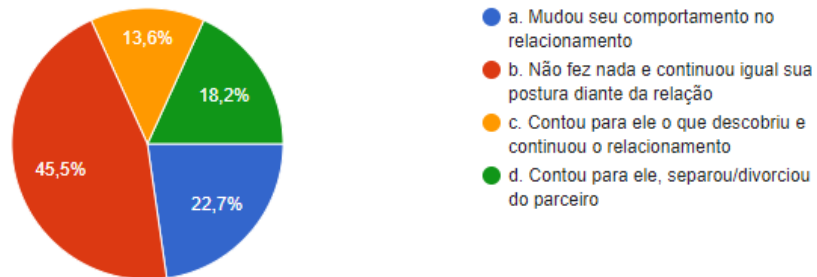
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

O conhecimento de uma traição por parte de quem mais tinha afetividade é algo que mexe com sentimentos e emoções. A maioria dos relacionamentos é formada através de juras de amor e pacto de fidelidade. As 22 mulheres que aqui responderam, 19 delas descobriram o que mais temiam, 3 pornografia. O que refere este dado é que estas mulheres que encontraram a infidelidade de seus parceiros, apresentaram em seu discurso um misto de sentimentos, algumas delas se calaram diante da descoberta. O silêncio dessas mulheres apresentaram que não tinham descoberto nada de mais, porém, quase com o mesmo resultado, algumas delas descobriram a traição de seus parceiros, provocando muita angústia e desconforto em seus relacionamentos.

Figura 13 – Empoderadas ou românticas?

12) Ao ter acesso às informações do Whatsapp do parceiro, o que você fez?

44 respostas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

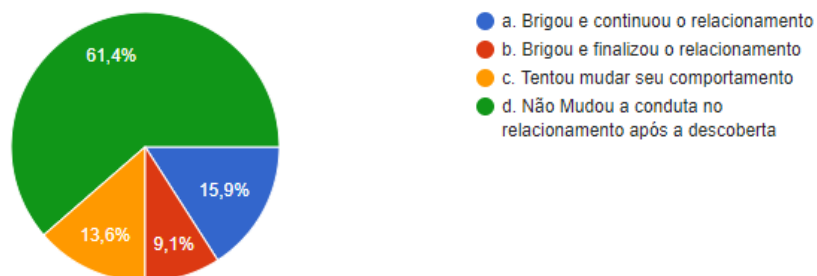
A ideia de empoderamento aqui levantada é colocada de maneira aleatória, ou seja, vem para estabelecer uma ideia que cada mulher tem do empoderamento. Diante dos dados levantados, observamos que as mulheres que não descobriram nada demais e as que descobriram uma traição preferiram não mudar sua atitude com o marido. Para se ter uma visão mais ampla da questão, das 44 respostas obtidas, somente 19 descobriram a traição e, destas, somente 6 tomaram uma atitude em relação ao seu parceiro. A partir destes dados, observamos que as mulheres reproduzem, mesmo que inconscientemente, o ideal de romantismo.

Illouz (2011) aponta que, entre as ideias do amor, o sentimento puro é algo que vem de maneira genuína e capaz de suportar suas dores. Ademais, tal pensamento pode suscitar as influências que a mídia e as novelas, por exemplo, oferecem à ‘mulher’, que é silenciada a fim de manter o seu relacionamento.

Figura 14 – Como parceiro reage diante de uma clonagem?

13) Se contou, qual foi a reação dele diante da descoberta feita por você:

44 respostas



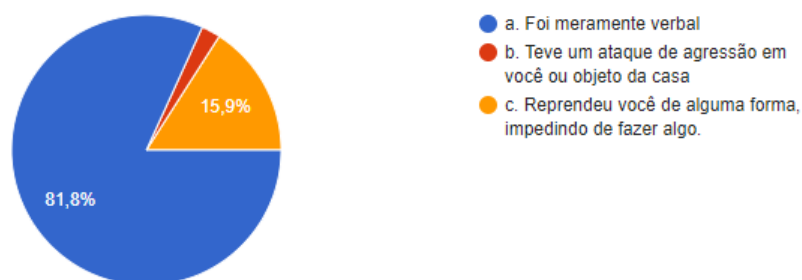
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Sobre a reação de seus parceiros, a princípio, queríamos saber se eles teriam alguma atitude violenta, agredindo fisicamente ou psicologicamente suas parceiras. Com os dados apresentados, demonstramos que esses homens, ao terem conhecimento da clonagem, não fizeram nada. Lembrando que, nos dados anteriores sobre a descoberta da traição, 50% descobriram nada, mas 43,2% descobriram a traição e, como resultado da grande maioria, os parceiros não tiveram uma reação, fato que pode ser caracterizado por uma normalização do acontecimento ou eles não se importam com que sua parceira sabe ou sente.

Figura 15 – Qual grau de violência esses parceiros podem ter diante da descoberta do *hackeamento/clonagem*?

14) No caso da briga:

44 respostas



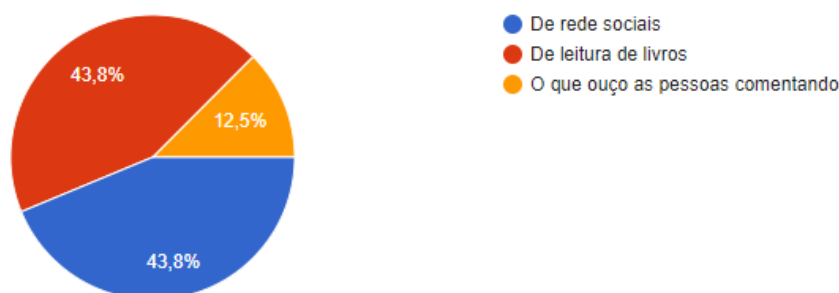
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

A questão levantada tinha como objetivo conhecer o grau de violência desses parceiros ao descobrirem que foram *hackeados*. Em alguns relatos, as mulheres revelaram que o mesmo ficaram desconfortáveis com o descoberta, mas que a reação, da maioria, foi de uma admoestação verbal pela invasão do aparelho. Por outro lado, foi apresentado que houve uma repreensão prática de seus parceiros, mas do que realmente foi feito, não foi revelada por elas.

Figura 16 – Como e qual a influência que essas mulheres têm dos movimentos feministas?

Qual seu conhecimento sobre o feminismo?

16 respostas



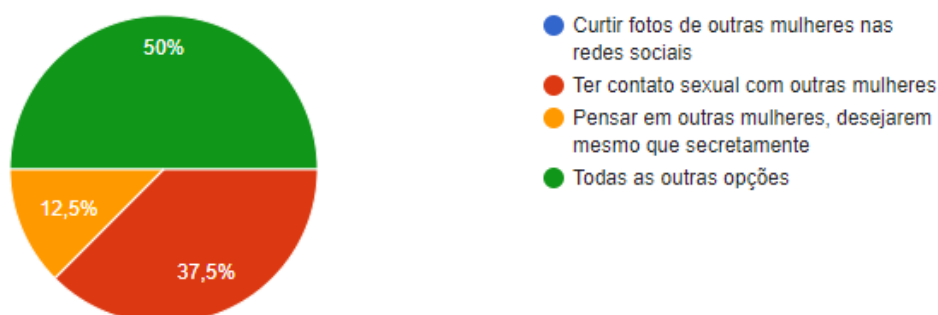
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Os dados apresentados têm grande relevância para estudos feministas e futuros direcionamentos para sua propagação. A metade das mulheres respondeu que sabe que *existem sites* e grupos na *internet* sobre o assunto, assim como livros. Cabe lembrar que muitos discursos feministas vinculados na mídia promovem uma maneira deturpada do movimento, fazendo com que este perca a sua legitimidade e se alie mais ao sistema patriarcal, servindo como mantedor do machismo. As que conhecem o movimento por meio da literatura sobre o tema possuem um senso crítico mais apurado, no entanto, por vezes, reproduzem um discurso que entra em contradição com seus sentimentos e conhecimentos.

Figura 17 – Qual o nível de traição suportado?

O que é traição?

16 respostas



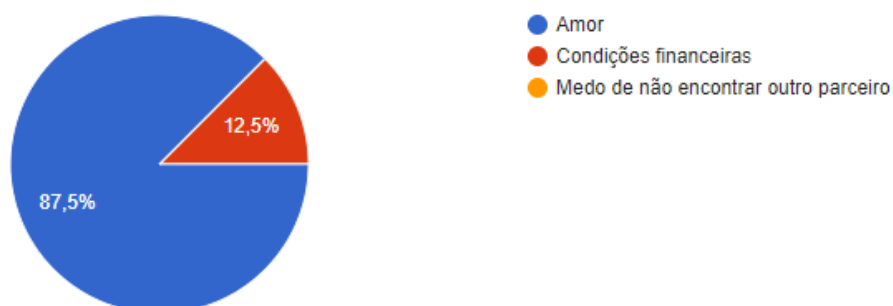
Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Quando se refere à traição, temos o conceito estabelecido historicamente pela igreja e depois por uma moralização social, empregado nas relações sexuais extraconjugais, todavia, pelos dados aqui coletados, para essas mulheres (50% delas), apenas curtir as fotos de outras mulheres pode ser caracterizado como traição, visto que achar uma foto bonita acarreta insegurança para elas. Uma curtida em uma foto abre espaço para uma possível conversa no direct ou pelo *WhatsApp*, levando a um possível relacionamento.

Figura 18 – Românticas?

Qual seria a razão que faria você perdoar uma traição

16 respostas



Fonte: Elaborado pela pesquisadora.

Ao perguntar qual seria razão para que essas mulheres perdoassem uma traição, o amor seria o motivo principal para que continuassem nesses relacionamentos, tendo, portanto, a concepção de Bauman (2004) sobre a ideia de um amor líquido descartada, trazendo à tona as ideias de Del Pino (1971), visto que elas ainda continuam com seus parceiros mesmo diante de uma traição, personificando a construção da mulher como serva do homem, a dedicada senhora de lar, a mulher que compreende seu parceiro e o espera com sorriso num rosto, ou seja, uma visão ideal e romântica do casamento.

3.3.1 Entrevistas Semidirecionadas

Em relação à experiência vivida do *hackeamento* do *WhatsApp* do parceiro, elegemos 10 participantes; as perguntas centraram-se em compreender quais foram os sentimentos e as emoções que elas tiveram ao *hackear* o parceiro. Após a coleta de informações e a seleção das 10 questões dissertativas, apresentamos os dados a seguir.

Letícia³⁹ nos fala que, antes de *hackear*, teve “*medo do que poderia descobrir, mas, mais ainda, medo de ter que tomar uma decisão, dependendo da descoberta*” (Letícia). O medo da perda demonstrado por Letícia está ligado a dois momentos, primeiro, em descobrir uma “vida oculta” de seu parceiro; e segundo, diante dessa descoberta, ter que tomar uma decisão que poderia lhe causar grande sofrimento.

Observa agora as falas de Ruth e Valquíria. É nítido despontamento com a descoberta *hackeamento*: “*Foi horrível, porque eu tive muita decepção, pois eu desconfiava, mas não imaginava que seria pior*” (Valquíria); “*Decepção, pois eu confiava nele e também ele tinha livre acesso ao meu celular, eu não tinha no dele*” (Ruth).

Valquíria e Ruth apresentam um relacionamento puro, (ILLOUZ, 2011) ou melhor, acreditava que tinham um sentimento puro e verdadeiro para com os seus parceiros. Valquíria, embora já desconfiasse da infidelidade de seu parceiro, não dimensionava que seu par poderia, de fato, enganá-la, pois, mesmo deixando nas entrelinhas que agia por desconfiar da traição, a confirmação provocou o sentimento de decepção sobre seu parceiro.

Ruth fala da confiabilidade de amor apaixonado (GIDDENS, 1993), “*ele tinha livre acesso ao meu celular*” e, devido à ilusão de suas projeções no parceiro ser fantasiada somente por si, ela teve uma decepção amorosa.

Amanda, por sua vez, relata que decidiu *hackear*, pois foi tomada por muitas emoções:

Já fiz isso, não me arrependo, porque vi coisas que jamais imaginei que teria visto, então, para mim, foi romântico, foi por curiosidade, desconfiança; no dia, surtei, tive crise de ansiedade, queria matar ele. Ele me pediu perdão, acabou o relacionamento, não tinha mais confiança (Amanda).

Quando Amanda descobriu que seu lado emocional não estava preparado, foi tomada por diversos sentimentos de ansiedade. Segundo Giddens (1993), a mulher é codependente desse sentimento de amor romântico, uma vez que este é essencialmente atrelado ao mundo feminino sensibilizado e frágil quando as expectativas criadas não vão ao encontro do que se projeta. Já Lídia e Laura dizem ter se arrependido de *hackear* seu parceiro: “*No começo, senti que estava fazendo a coisa certa, mas depois me arrependi, porque eu nunca mais olhei para ele como antes*” (Lídia); “*Eu achava que ele me amava, fiz por curiosidade, aí descobri que ele me traía, foi decepcionante, não devia ter feito nada. Deixava quieto*” (Laura).

Analisando Lídia, de início, assim como Cristiane, ela apresenta um conceito de empoderamento que nada se refere ao movimento feminino quando diz que estava fazendo a

³⁹ Todos os nomes citados neste trabalho são fictícios a fim de preservar a identidade das entrevistadas que participaram.

coisa certa, partindo do pressuposto da necessidade de *hackear* para compreender seu relacionamento e assim talvez posicionar-se diante da descoberta. Já Laura, impulsionada pela influência das redes e mídias, fez a curiosidade desconstruir a romantização de um relacionamento “perfeito”, mas o arrependimento vivido pelas duas é semelhante, reproduzindo uma conduta típica das mulheres, de que é melhor não saber e viver como se nenhuma ameaça estivesse presente, até mesmo romantizando relacionamentos infelizes para uma felicidade utópica.

O amor é um sentimento que todos querem, almejam e lutam por ele, e a frustração de entregar seus sentimentos a alguém que não correspondeu à altura resulta, muitas vezes, em raiva de si mesmo, como diz Cristiane: “*Fiquei com raiva, mas, na verdade, raiva de mim por deixar me enganar tão fácil com alguém*”.

Notamos que o sentimento de amor que a Cristiane aqui se refere é um amor romantizado, aquele construído ao longo dos anos, que a sociedade foi definindo por meio de mídias, novelas, histórias de sentimento incondicional, de lealdade e fidelidade.

Cristiane aponta uma vaidade típica da atualidade das relações afetivas, o amor é reciprocidade, troca mútua de sentimentos, e a raiva de se enganar cercado de uma confiança sobre o outro é descrita por Illouz (2011) como incompetência afetiva. Em contrapartida, o *hackeamento* pode trazer a sensação tão esperada por todas as mulheres românticas e apaixonadas. Segundo a informante Leda, “*não houve nada de mais. Mas aumentou minha confiança nele*”.

De todas que relataram sobre suas experiências, Fátima foi a única que declarou um julgamento não ao marido, mas às mulheres que conversam com homens comprometidos:

Peguei uma conversa dele com uma safada e falei para ele que peguei e falei pra ele que estava solteiro e, no final de tudo, ele se deitou ao meu lado, chorou comigo, pediu perdão. É, trocou toda a rede social. E nem senha ele esconde mais de mim.

Fátima denominou a mulher de “safada”, porque ela estava conversando com seu parceiro. Todavia, a *hackeadora* não quis o término da relação e aceitou continuar com o parceiro, mostrando-se “segura”, pois ele renunciou à sua privacidade nas redes sociais e, inclusive, chorou e pediu perdão a ela. Dessa forma, para Fátima, o *hackear* é um ‘empoderamento’⁴⁰, no sentido de que, diante da descoberta, não ficaria em uma relação sem

⁴⁰ Atualmente, a palavra empoderamento ficou bastante popular por ser utilizada pelos *coachs*, a definição utilizada é que se trata de alguém que tem autonomia, liberdade e poder em fazer algo. Porém, tal conceito é diferente de empoderamento feminino definido por Berth (2019). Portanto, quando algumas mulheres usam a expressão de empoderamento como forma de *hackear*, elas, na verdade, querem dizer sobre um conceito de poder que nada tem

fidelidade. Diz que conseguiu controlar o comportamento de seu marido nas redes sociais. Por fim, a informante Kezia, refletindo sobre o sentido do *hackear* o *WhatsApp* de seu parceiro, salienta:

Então, eu acredito que seriam românticas, mas baseado naquela idealização de amor romântico que temos na sociedade patriarcal e ocidental. Nós, mulheres, somos condicionadas a agir sempre com emoção sobrepondo à razão, nesse sentido, somos condicionadas a pensar que “vale tudo por amor”, inclusive *hackear* o *WhatsApp* do parceiro. É claro que isso é sustentado por inseguranças e competitividade feminina, já que sempre pensamos que qualquer mulher pode “roubar nosso macho”, assim, para essas mulheres ultraromânticas, o ciúme exacerbado é uma prova de amor (e o mais assustador é que, para a maioria delas, se o parceiro não age da mesma forma, ele não a ama de verdade). Pelo contrário, uma mulher empoderada entende que, para ter amor, tem que ter confiança, ela se respeita o suficiente e respeita o outro, assim como ela entende que precisa de seu espaço pessoal, e o parceiro também precisa.

De acordo com Kezia, muitas mulheres recorrem ao *hackeamento* por questões, muitas vezes, inconscientes, pois a idealização de um amor romântico e uma ideia um pouco confusa sobre o empoderamento feminino fazem com que muitas, mesmo de forma inconsciente, reproduzam de forma mais camuflada os papéis de gênero tradicionais, destinando as mulheres ao comportamento submisso, passivo, pautado em uma lógica patriarcal e no poder do seu macho.

3.4 Das discussões

Observando o grupo, percebemos que as mulheres, devido à fragilidade histórica a elas atribuídas, têm uma preocupação sobre seus relacionamentos e, para resolver, recorrem a todos os métodos para salvá-los, não importando se vão se expor, se é certo ou errado, o que elas querem é buscar respostas sobre suas aflições afetivas. E, dentre os mecanismos de investigação, temos o *hackeamento* de parceiro.

Esse recurso não é de uso exclusivo das mulheres, homens também usam essa ação, mas o que faz a diferença entre um e outro são os motivos e consequências que partem de toda uma construção de gênero e seus papéis na sociedade.

a ver com empoderamento feminino. Pois, segundo Berth (2019), empoderamento é a concepção e a compreensão da mulher em reconhecer seu espaço e dominar, a fim de agregar novas mulheres realizando um coletivo para defendê-las e protegê-las.

Os homens *hackeiam* suas parceiras movidos pela ordem patriarcal pelo poder de posse que acreditam ter sobre o corpo de sua parceira e, caso haja uma traição e não só mera desconfiança, estes partem para uma violência e até mesmo para o assassinato de sua companheira, como se a traição fosse algo que afetasse suas masculinidades e virilidade.

O conceito de virilidade é uma prerrogativa da masculinidade que fora, Del Priore (2019, p. 64) descreve: A virilidade era atributo fundamental de honra de um homem. Deste modo, o *status quo* de um homem na sociedade está na ereção peniana, mesmo que seja algo de cunho íntimo, pela reprodução do patriarcalismo é a determinação de uma posição moral social.

Já as mulheres *hackeiam* seus parceiros por emoção, pelo pressentimento de perda da pessoa amada, pela crença de que sua dedicação e entrega ao parceiro não são recíprocas, de modo que o que conta para elas é a fragilidade diante da sociedade, havendo sempre questões, a saber: como ela foi traída? Como ela não conseguiu manter seu relacionamento? Alguma coisa ela fez para que o parceiro se interessasse por outra...

Del Priore (2006) aponta qual era o obrigação no mundo:

A mulher tem uma missão a cumprir no mundo: a de completar o homem. Ele é o empreendedor, o forte, o imaginoso. Mas precisa de uma fonte de energia [...] a mulher o inspira, o anima, o conforta [...] a arte de ser mulher exige muita perspicácia, muita bondade. Um permanente sentido de prontidão e alerta para satisfazer às necessidades dos entes queridos (DEL PRIORE, 2006, p. 64).

Com estas falas fica evidente que a mulher nada mais é que um complemento para o homem, tendo que viver ao redor dele, servindo e incentivando-o. Em outros trechos, a autora reafirma, que caso ‘obrigação’ não seja efetivada, abre a possibilidade do homem ter outro relacionamento.

O melhor era sempre colocá-lo em primeiro lugar, agindo de forma “essencialmente feminina”. O “temperamento poligâmico” dos homens justificava tudo: “[...] mantenha-se no seu lugar, evitando a todo o custo cenas desagradáveis que só servirão para exacerbar a paixão de seu marido pela outra [...] esforce-se para não sucumbir moralmente, levando tanto quanto possível uma vida normal, sem descuidar do aspecto físico. (DEL PRIORE, 2006, p. 64).

A emoção compreendida por elas corresponde à construção do sistema patriarcal posto na mente dos indivíduos, em especial das mulheres que tiveram toda sua autonomia ofuscada para exercer as vontades do universo masculino. Portanto, as ações de *hackeamento* trazem à luz a discussão de toda essa reprodução do sistema patriarcal à vida das mulheres que, embora

tenha hoje uma participação mais ativa que antes, quando as medidas são referentes aos sentimentos e seus papéis como edificadora do lar, a dicotomia do discurso do empoderamento feminino e a réplica da construção do machismo estão ainda presentes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiramente, é correto mencionar que este estudo trata de mulheres heterossexuais e cisgêneras, membras de um grupo *Whatsapp*. O objetivo da pesquisa foi estudar por qual razão a ‘mulher’ é motivada a *hackear* seus parceiros, dessa forma, foram fundamentadas as hipóteses, a saber, por empoderamento ou romantização.

Para tanto, foram realizadas duas pesquisas; a primeira direcionada aos levantamentos de dados, e a segunda, porque houve a necessidade de complementação de dados. Com os dados obtidos, os resultados foram registrados da seguinte forma: estes demonstram que as mulheres contemporâneas reproduzem os mesmos padrões de comportamento que as mulheres modernas faziam diante de uma desconfiança. O antigo cheirar a roupa do parceiro, buscar recados em bolsos de calças ou contratar detetive foram substituídos pela inserção da tecnologia na sociedade, o *hackeamento*, que antes era algo que era totalmente voltado para obtenção de vantagem, se torna, na mão dessas mulheres, um mecanismo de monitoramento do parceiro e medidor de sua fidelidade.

Diante dos dados, as mulheres *hackeiam* seus parceiros, pois são fruto de uma reprodução e de uma propagação de um sistema patriarcal, sexista e racista que dita as regras sobre o padrão social de beleza, sobre o comportamento e a conduta da ‘mulher’ diante de seus relacionamentos e seus papéis na sociedade.

Os movimentos feministas para libertação e autonomia das mulheres enfrentam grande confronto com a sociedade, que acredita que a ideia de se obter um casamento, um parceiro, é sinal de *status*. Logo, as posturas dessas mulheres são uma transição do que elas pretendem ser e ter, ou seja, o que realmente elas fazem sobre suas posturas nos relacionamentos afetivos enquanto mulheres.

Vale a pena ressaltar que a reprodução do sistema patriarcal e machista se apresenta diante dos números de mulheres cristãs – católicas e evangélicas. Os dados e a literatura feminista apresentados nesta dissertação afirmam como a religião foi, e ainda é, um disciplinador dos corpos das mulheres. Todavia, essas mesmas mulheres, ao *hackearem* seus parceiros, entram condição do ideal de uma mulher submissa, silenciosa, que não provoca a ira de seu parceiro e nem comete algo que vá contra lei, uma vez que o *hackeamento* é um ato criminoso que invade a privacidade de outro e seu silêncio seria o “pecado da mentira”.

A ideia de romantização das mulheres que *hackeiam* está amparada no que refere às condições financeiras das mesmas, embora sejam mulheres que têm uma profissão, possuem

uma renda econômica, logo, a manutenção de seus relacionamentos é firmada mais pelo amor do que necessidade financeira.

O medo da solidão, ainda que não foi mensurado, é, sem dúvida, um ingrediente para que essas mulheres permaneçam com seus parceiros por questão de idade e etnia/raça.

As mulheres que *hackeiam* o *WhatsApp* de seus parceiros compreendem sua condição de mulher dentro da sociedade, mesmo que tenham um ideal de empoderamento e uma visão sobre o feminismo equivocados. No entanto, elas se submetem a relacionamentos regados de desconfiança e insegurança, porque ainda estabelecem vínculo com uma identidade marcada pela opressão e submissão do sistema capitalista, patriarcal, sexista e racista que as relações de gênero e raciais são re/produzidas nas sociedades latinas, exaltando o familismo e o trabalho de cuidado compulsório para as mulheres.

Desse modo, toda associação feita à figura da mulher, mesmo que em tempos atuais, edifica uma reprodução da submissão de suas emoções, limitadas na extensão de seus reais anseios. Nesse sentido, muitas ainda estão presas aos modelos tradicionais e não concebem o quanto são subjugadas e oprimidas, reproduzindo, mesmo que inconscientemente, em seus discursos e comportamentos, aqueles papéis sociais tradicionais de ser uma boa esposa e mãe, a idealização de amor romântico, em que um ‘príncipe’ surge das mais estranhas situações e a ‘salvará’ para serem felizes para sempre, como um conto de fadas.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDER, J. Novo método sociológico. **Revista das Ciências Sociais**, Cidade, v. 2, n. 4., jun. 1987, p. 5-28.
- ANUNCIADA, P. Feminismo Interseccional: um conceito em construção. 2015. **Blogueiras negras**. Disponível em: <http://blogueirasnegras.org/feminismo-interseccional-um-conceito-em-construcao/>. Acesso em: 24 nov. 2019.
- AQUINO, T. **Ente e essência**. Covilhã: Lusosofiapress, 2008.
- ARONOVICH, L. Mulheres contra o feminismo. **Geledés**. 2014. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/mulheres-contr-o-feminismo-lola-aronovich/>. Acesso em: 10 abr. 2020.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1985.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BEAUVOIR, S. **Le deuxième sexe**. Paris: Gallimard, 1949.
- BELMIRO, D. M. M. *et al.* Empoderamento ou Objetificação: Um estudo da imagem feminina construída pelas campanhas publicitárias das marcas de cerveja Devassa e Itaipava. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 38., 2015, Rio de Janeiro. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2015. Disponível em: <http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1863-1.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- BENTO, B. **Homens não tecem dor**: queixas e perplexidades masculinas. Natal: Edufrn, 2015. (Coleção ciências sociais).
- BERTH, J. **Empoderamento**. São Paulo: Pólen, 2019.
- BESSA, K. A. M. Posições de sujeitos, atuações de gênero. **Revista de estudos feministas**, Florianópolis, v. 6, n. 1, 1998. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/12033>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- BITENCOURT, S. M. Gênero e envelhecimento: reflexões sobre corpo que envelheceu. **Kairós gerontologia**, São Paulo, v. 18, n. 2, 2015. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/kairos/article/view/28476/20000>. Acesso em: 14 abr. 2020.
- BITENCOURT, S. M. **Maternidade e Carreira**: reflexões de acadêmicas na fase do doutorado. Jundiaí: Paco, 2013.
- BLACH, L. M. **Bruxas Celtas**. Sao Paulo: Ogma Books, 2018.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BOZON, M. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

CARLOS, P. P. “Sou para casar” ou “pego, mas não me apego”? Práticas afetivas e representações de jovens sobre amor, sexualidade e conjugalidade. 2011. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/95583>. Acesso em: 14 abr. 2020.

CARNEIRO, S. **Escritos de uma vida**. São Paulo: Polén livros, 2019.

CARRERA, F.; CARVALHO, D. Algoritmo raciais: a hiper-ritualização da solidão da mulher negra nos bancos de imagens. **Galaxia**, São Paulo, n. 43, jan./abr. 2020, p. 99-114. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25532020141614>. Acesso em: 10 abr. 2021.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. A cultura da virtualidade real: a integração da comunicação eletrônica, o fim da audiência de massa e o surgimento de redes interativas. V. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999. Remover o “a” do texto.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006.

COMIN, F. S. Relacionamentos afetivos na literatura científica: uma revisão integrativa sobre a noção de conjugalidade. **Psicologia para América Latina**, México, n. 19, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1870-350X2010000100009. Acesso em: 14 abr. 2020.

CONNELL, R.; PEARSE, R. **Gênero: uma perspectiva global – compreendendo do gênero da espera pessoal à política no mundo contemporâneo**. São Paulo: Inversos, 2015.

CONSULTOR JURÍDICO. “Lava-jato” fez pesquisa interna e concluiu que Moro foi parcial com Lula. 2019. Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2019-nov-24/lava-jato-fez-pesquisa-concluiu-moro-foi-parcial-lula>. Acesso em: 18 nov. 2020.

CLOSER. Direção: Nick Nichols. Estados Unidos/ Inglaterra: Columbia Pictures, 2004. 1 DVD (104 min.), son., color.

COUTINHO, S. M.; MENANDRO, P. R. M. Relações conjugais e familiares na perspectiva de mulheres de duas gerações: “Que seja terno enquanto dure”. **Psicologia Clínica**, São Paulo, v. 22, n. 2, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pc/a/cTLXx64JbdHYCYndHVMZQs/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 5 fev. 2020.

CRUZ, V. C.; SOUZA, S. M. Representações sobre a honra e sexualidade feminina no livro V das ordenações filipinas: o estatuto jurídico da mulher no direito português no período colonial. *In: SEMANA DE PESQUISA DE CIÊNCIAS HUMANAS*, 11., 2016, Londrina. **Anais [...]**. Londrina: [S. n.], 2016. Disponível em: http://pdf.blucher.com.br.s3-sa-east-1.amazonaws.com/socialsciencesproceedings/xi-sepech/gt15_278.pdf. Acesso em: 14 out. 2020.

- CUNHA, G. Análise do *chat* Dona Flor e seus muitos outros. In: PORTO, S. D. (Org.) **Sexo, afeto e era tecnológica**: um estudo de *chats* na Internet. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. p. 177-188.
- DELAS. **O maior medo das mulheres no relacionamento**. Disponível em: <https://delas.ig.com.br/comportamento/o-maior-medo-das-mulheres-e-o-de-relacionamentos/n1237537726227.html>. Acesso em: 14 abr. 2020.
- DEL PINO, C. C. **4 ensaios sobre a Mulher**. Trad. Nuno Ferreira. Lisboa: Espaço, 1971.
- DEL PRIORE, M. **A história do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.
- FEDERICI, S. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpos e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2019a.
- FEDERICI, S. **O ponto da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019b.
- FERENHOF, H.; FERNANDES, R. Desmistificando a revisão de literatura como base para redação científica: método SSF. **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 21, n. 3, ago./nov., 2016, p. 550-563.
- FERNANDES, L. A. B. **Afinal, o que os homens querem?** Um estudo da masculinidade. 2011. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Estadual de São Paulo, Araquara, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/106248>. Acesso em: 20 nov. 2019.
- FERREIRA, T. **Ele não muda o status no facebook**. 2013. Disponível em: <https://acidezfeminina.com.br/cabecinha-no-ombro/ele-nao-muda-o-status-do-facebook/>. Acesso em: 4 abr. 2020.
- FREIRE, P. **Educação como prática da liberdade**. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- GANDHI, A. **Sobre as correntes filosóficas dentro do movimento feminista**. São Paulo: Nova Cultural, 2018.
- GARCIA, C. C. **Breve histórico do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011.
- GIDDENS, A. **Transformações da intimidade**: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1993.
- GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.
- GOFFMAN, E. **Estigma** – notas sobre manipulação da identidade deteriorada. Trad. Mathias Lambert. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.
- GONZALES, L. **Por um feminismo afro-latino-americano**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

HAACK, K. R.; FALCKE, D. Infidelid@de.com: infidelidade em relacionamentos amorosos mediados e não mediados pela Internet. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v. 19, n. 2, 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2013v19n2p305>. Acesso em: 16 jan. 2022.

HAJE, L.; ATTUCH, M. O discurso da sexualidade nos chats. *In*: PORTO, D. S. (org.) **Tecnologia: um estudo de chats na internet**. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

HEMEROTECA DIGITAL BRASILEIRA. Jornal das moças: Revista Quinzenal Ilustrada (RJ) – 1914-1919. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/jornal-mocas/111031>. Acesso em: 20 out. 2019.

HOOKS, B. **E eu não sou mulher?** Mulheres negras e feminismo. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2019.

HOROCHOVSKI, R. R. Empoderamento: Definições e aplicações. *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 30., 2006, Caxambu. **Anais [...]**. Caxambu: Anpocs, 2006. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/papers-30-encontro/gt-26/gt18-22/3405-rhorochovski-emponderamento/file>. Acesso em: 13 abr. 2020.

HUNT, L. **A invenção dos direitos humanos**: uma história. Companhia das Letras: São Paulo, 2009.

ILLOUZ, E. **O amor nos tempos do capitalismo**. Trad. de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

JARDIM, C. R. Feminismo, história e poder. **Revista de sociologia e política**, Curitiba, v. 18, n. 36., 2010. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/search/authors/view?firstName=C%C3%A9lia&middleName=Regina%20Jardim&lastName=Pinto&affiliation=UFPR&country>. Acesso em: 14 abr. 2020.

JUS BRASIL. **Traição na internet já é o maior motivo de divórcio**. 2017. Disponível em: <https://posocco.jusbrasil.com.br/noticias/416800494/traicao-pela-internet-ja-e-o-maior-motivo-de-divorcio>. Acesso em: 10 abr. 2020.

KÖCHE, J. **Fundamentos de metodologia científica**: teoria da ciência e iniciação à pesquisa. Petrópolis: Vozes, 2011.

LEONE, I. (Anti)-feminismo em Pauta. **Carta Capital**. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/antifeminismo-em-pauta/>. Acesso em: 14 abr. 2020.

LINS, B. A; MACHADO, B. F.; ESCOURA, M. **Diferentes, não desiguais**. A questão de gênero na escola. São Paulo: Reviravolta, 2016.

LOURO, G. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LUGONES, M. Colonialidade e gênero. *In:* HOLLANDA, H. B.; VAREJÃO, A. (org.). **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 53–83.

MAURANO, D. O que quer uma Mulher? **Revista Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 221-223, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pc/v22n1/a14v22n1.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

MINAYO, M. Ciência, técnica e arte: o desafio da Pesquisa Social. *In:* MINAYO, M. C. S. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 09-30.

MISKOLCI, R. **Novas conexões: notas teórico-metodológicas para pesquisas sobre o uso de mídias digitais. Cronos: Revista de Pós-graduação em Ciências Sociais**, Natal, v. 12, n. 2, jul./dez. 2011, p. 9-22.

MOREIRA, J. *et al.* O amor e stalkeador: novos recursos de vigilâncias nas redes sociais. **Revista de Psicologia**, Belo Horizonte, v. 23, n. 1, jan./abr. 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-11682017000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 nov. 2020.

MULHERES CANTADAS. **Amélia, mulher de verdade**. 2011. Disponível: <https://mulherescantadas.wordpress.com/2011/10/17/amelia-a-mulher-de-verdade/#:~:text=Em%201942%20nasceu%20a%20personagem,ligava%20para%20luxo%2C%20n%C3%A3o%20reclamava>. Acesso em: 15 nov. 2020.

PADILHA, F.; FACIOLI, L. Sociologia Digital: apontamentos teórico-metodológicos para uma analítica das mídias digitais. **Ciências Sociais UNISINOS**, Rio Grande do Sul, v. 54, n. 3, set./dez. 2018. p. 305-316. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/938/93864666002/93864666002.pdf>. Acesso em: 20 out. 2020.

PAZ, O. **Dupla chama: amor e erotismo**. São Paulo: Siciliano, 1994.

PELÚCIO, L. **Amor em tempos de aplicativo**. Bauru: UNESP, 2017.

PERROT, M. **Os excluídos da História: operários, mulheres e prisioneiros**. Cidade: Paz e terra, 1988.

PERROT, M. **As mulheres ou os silêncios da História**. Bauru: EDUSC, 2005.

PLATÃO. **O banquete**. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

PORTO, S. D. (org.) **Tecnologia: um estudo de chats na internet. Sexo, afeto na era tecnológica**. Brasília: Universidade de Brasília, 1999.

RAGO, L. M. **Do cabaré ao lar: uma utópica cidade disciplinar**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RIBEIRO, B. A Relação entre feminismo e proteção da infância e juventude. **Estadão**, 2019. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/blogs/bruna-ribeiro/a-relacao-entre-feminismo-e-protecao-da-infancia-e-juventude/>. Acesso em: 18 nov. 2020.

SAFFIOTI, H. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SCAVONE, L. Estudos de gênero e feministas: um campo científico? *In*: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 31., 2007, Caxambu. **Anais** [...]. Caxambu: Anpocs, 2007.

SCHMAEDEL, M. V. O maior medo das mulheres é o relacionamento. **Delas**. 2010. Disponível em: <https://delas.ig.com.br/comportamento/o-maior-medo-das-mulheres-e-o-de-relacionamentos/n1237537726227.html>. Acesso em: 14 abr. 2020.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, jul/dez. 1990. Disponível em: <https://www.seer.ufrs.br/educacaoerealidade/article/viewFile/7172/40667>. Acesso em: 14 abr. 2020.

SEMERENE, B. Abrindo as portas dos salões virtuais. *In*: PORTO, S. D. (Org.). **Sexo, afeto e era tecnológica**: um estudo de chats na Internet. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1999. p. 29-40.

SILVA, A. C. **História das mulheres na Idade Média**: abordagens e representações na literatura hagiográfica (século XIII). *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA, 4., 2014, Goiás. **Anais** [...]. Disponível em: [http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20\(14\).pdf](http://www.congressohistoriajatai.org/anais2014/Link%20(14).pdf). Acesso em: 22 nov. 2019.

SILVA, G. P. T. Possíveis contribuições das redes sociais mediadas pela internet para os relacionamentos amorosos. **Multiverso: Revista Eletrônica do campus Juiz de Fora**, Juiz de Fora, v. 1, n. 2, 2016, p. 181-195. Disponível em: <http://periodicos.jf.ifsudestemg.edu.br/multiverso/article/view/59>. Acesso em: 11 nov. 2019.

SILVEIRA, D. O. Mulher, mãe e esposa: conservadorismo católico e representações do feminino na imprensa católica mineira. **Pro-posições**, Campinas, v. 28, n. 3, 84, p. 330-352, set./dez. 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-6248-2016-0110>. Acesso em: 14 abr. 2020.

SINTONIA DO AMOR (título em português) Sleepless in Seattle (título original). Direção: Nora Ephron. Estados Unidos: Gary Foster, 1993, 1 DVD (105 min.).

SMITH, B. **Gênero e História**: Homens, mulheres e prática histórica. Bauru: EDUSC, 2003.

SOUZA, F. **Veja quais são os golpes mais comum no WhatsApp e como se proteger**. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-50294962>. Acesso em: 18 nov. 2020.

SUPERELA. **Ele não quer me assumir no facebook**. 2016. Disponível em: <https://superela.com/clube/37584/ele-nao-quer-colocar-em-um-relacionamento-serio-no-facebook>. Acesso em: 14 abr. 2020.

TUDO PARA HOMENS. **5 principais medo para mulheres**. 2021. Disponível em: <https://tudoparahomens.com.br/5-principais-medos-das-mulheres-em-relacionamentos/>. Acesso em: 14 abr. 2020.

VALENTI, J. **Objeto Sexual**. Memórias de uma feminista. Trad. Jacqueline Damásio Valpassos. São Paulo: Cultrix, 2018.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ANEXO I

Como faço pra clonar o zap do meu marido ?
Meninas 📞

735 1.303 comentários

Curtir Comentar

Está aí e o primeiro porém vc tem que estar no cel dele. Entra no zap abre o whatsappweb d... Ver mais

Se for marido nada a ver podi sim clonar.. O q dar processo e vc fazer isso pra uma pessoa q vc nem conhece rrsrs

Vdd bem assim mesmo e as descobertas de traição é bom, por q na maioria das vezes, vemos os nossos homens como príncipes e se saímos sem ter certeza q ele é um canalha sempre vamos achar q o amor acabou por culpa nossa, então as descobertas só nos fortalece e podemos sair a hora q acharmos

As vezes é melhor saber onde estamos pisando mesmo que isso doa, do que ficar na dúvida, a dúvida é a pior coisa que existe, ela nos consome

1 h Curtir Responder

Já clonei do meu ex e deu ruim, o atual deixa o celular na minha mão, nunca achei nada que comprometesse a ele

Petty vc podi ate ta certa.. Mas quando a pessoa chega o ponto de querer saber o q o marido ta fazendo de errado e pq ele j esta passando essa desconfianca pra parceira.. Ate pq eu acho q nenhuma mulher quando e bem tratada no casamento e o cara sempre ta ali com ela pro que der e vinher ela nao vai fazer isso.. Ate pq nao vai ter motivo e nem desconfiar de nada

Vdd bem assim mesmo e as descobertas de traição é bom, por q na maioria das vezes, vemos os nossos homens como príncipes e se saímos sem ter certeza q ele é um canalha sempre vamos achar q o amor acabou por culpa nossa, então as descobertas só nos fortalece e podemos sair a hora q acharmos

Eu já fiz isso quando ele descobriu foi uma briga quase nos ia si separando ele quebrou u celular hoje ele não colocar mais senha hoje só feliz

Sendo um deles para a condução das entrevistas com as mulheres (Quadro 1 e Quadro 2), e o outro visando conduzir as entrevistas. (Quadro Complementar 3 e 4).

Quadro 1 – Roteiro elaborado para entrevista de múltipla escolha

1. Idade?
 2. Profissão?
 3. Grau de instrução?
 4. Renda salarial?
 5. Você se considera de qual etnia/ raça?
 6. Qual sua religião?
 7. Qual seu atual status de relacionamento?
 8. Quanto tempo de relaciona mento?
 9. Como descobriu que podia *hackear*/clonar o *WhatsApp* do parceiro?
 10. Qual a motivação que levou *hackear*/ clonar o *WhatsApp* do parceiro?
 11. Quando decidiu fazer o *hackeamento*/clonagem você fez?
 12. Ao *hackear*/ clonar, o que foi descoberto?
 13. Ao ter acesso às informações do *WhatsApp* do parceiro, o que você fez?
 14. Se contou, qual foi a reação dele diante da descoberta feita por você?
 15. No caso de briga?
-

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 2 – Roteiro elaborado para entrevista semidirecionada

1. Relate como foi sua experiência diante no *hackeamento* (sentimentos e emoções vivenciadas)
-

Fonte: Elaborado pela autora.

Quadro 3 – Roteiro de complementação após a primeira coleta de dados

1. O que é amor entre um homem e uma mulher para você?
 2. O que é traição?
 3. Qual seu pensamento para movimento feminista?
 4. Qual seu conhecimento sobre o feminismo?
 5. Qual a sua definição de mulher empoderada?
 6. Qual seria a razão que faria você perdoar uma traição?
 7. Qual raça/etnia você se considera?
 8. Qual seria a razão que faria você perdoar uma traição?
-

Fonte: Elaborada pela autora.

Quadro 4 – Roteiro complementar com entrevista semiestruturada

-
1. O que é amor entre um homem e uma mulher para você?
 2. Qual seu pensamento para movimento feminista?
 3. Qual a sua definição de mulher empoderada?
 4. Sobre o movimento feminista e os relacionamentos afetivos, você acredita que houve uma mudança? Prejudicou ou melhorou?
-

Fonte: Elaborado pela autora.

ANEXO II

Eu já clonei, é a experiência
 ã foi legal rsrs...
 Hoje tenho até medo de
 clonar kkk
 "É aquele ditado né, ã
 meche com fogo que pode
 se queimar.

Nossa que triste a
 pessoa clonar as
 coisas do marido
 pra descobrir as
 coisas falta de
 confiança eu acho 🍌 1



ANEXO III

